

# 04-08-2015 - Discurso da presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de celebração de 2 anos do Programa Mais Médicos - Palácio do Planalto

Palácio do Planalto, 04 de agosto de 2015

Eu assinei o cadastro dos especialistas. Estou anunciando a minha assinatura aqui.

Eu, primeiro, queria cumprimentar o Everton Leonardo, a Melissa e o Ed,

Cumprimentar todos os médicos do Programa Mais Médicos,

Cumprimentar os nossos três concluintes do Curso de Especialização em Saúde da Família,

Também gostaria de saudar a Ana Luiza. A Ana Luiza que fez esse discurso comovente e que comoveu a todos nós. Por meio dela eu vou saudar todos os estudantes beneficiários da política de inclusão regional do ensino de medicina.

Cumprimento os ministros: Arthur Chioro, Aloizio Mercadante e Renato Janine Ribeiro. Em nome deles eu saúdo todos os ministros aqui presentes.

Cumprimento os senadores: Elmano Férrer, Fátima Bezerra, Garibaldi Alves, Gleisi Hoffmann, Humberto Costa, Telmário Mota.

Cumprimento os deputados federais: José Guimarães, Adelmo Leão, Afonso Motta, Angelim, Antonio Brito, Bohn Gass, Carlos Zarattini, Christiane Yared, Daniel Almeida, Daniel Vilela, Davidson Magalhães, Dulce Miranda, Henrique Fontana, João Daniel, Léo Brito, Leonardo Monteiro, Luiz Sérgio, Marcon, Nilton Tatto, Odorico Monteiro, Osmar Serraglio, Padre João, Paes Landim, Raquel Muniz, Ricardo Barros, Rômulo Gouveia, Ságuas Moraes, Valmir Assunção, Valmir Prascidelli, Vicente Cândido. Cumprimento e li a lista toda porque cumprimento os parlamentares que nos ajudaram a apoiar esse projeto do Mais Médicos, em um momento que havia muito debate, muita crítica.

Cumprimento também as senhoras e os senhores secretários estaduais e municipais da Saúde.

Queria dirigir um cumprimento todo especial ao Maguito Vilela, nosso prefeito de Aparecida de Goiás e vice-presidente da Frente Nacional de Prefeitos. Por intermédio do Maguito eu cumprimento todos os prefeitos, que são os grandes parceiros na execução do Mais Médicos. Os parceiros tanto das cidades beneficiadas na primeira etapa, na segunda e na terceira etapa do programa.

Cumprimento também os senhores reitores aqui presentes. Também os senhores reitores foram grandes parceiros quando nós implantamos esse programa.

Cumprimento os senhores e as senhoras secretários estaduais e municipais de Saúde, a nossa companheira Carina Vitral, presidente da UNE, o doutor Edson Rogatti, presidente da Confederação das Santas Casas de Misericórdia do Brasil e da Federação das Santas Casas de São Paulo,

Queria cumprimentar especificamente a senadora Gleisi Hoffmann, porque ela esteve presente na elaboração desse programa e foi, de fato, uma árdua e penosa elaboração.

Cumprimento os senhores jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas,

## Cumprimento as senhoras e os senhores.

Nós lançamos há dois anos atrás o programa Mais Médicos. Quero dizer para os senhores que, logo depois, que nós falamos que íamos lançar, e que começaram as críticas, eu recebi vários conselhos para interromper o programa. Não foram nem um, nem dois conselhos, eram sistemáticos conselhos que diziam: "Nós vamos ficar muito mal com os médicos". Era uma frase estranhíssima, como a gente poderia ficar muito mal com os médicos, se nós estávamos lançando um programa que se chamava Mais Médicos?

Acredito que havia um desconhecimento básico do sentido do programa, e ao mesmo tempo em que as críticas eram tanto quanto extremadas, eu também tenho a destacar que, por parte dos prefeitos, dos reitores, houve também elogios com muita intensidade. As duas reações são compreensíveis, porque nós estávamos entrando numa situação em que as pessoas se sentem inseguras, porque iríamos buscar uma revolução na área de saúde pública e na formação de médicos.

Nós, ao longo do processo, fomos construindo esse programa, fomos construindo no sentido de, primeiro, assegurar que houvesse médicos em quantidade suficiente para atender a população, e que população era essa? Era só a população territorialmente marginalizada, socialmente marginalizada, que vivia nos rincões mais longínquos do País? Não era não.

Onde faltava médico? Faltava médico em São Paulo, faltava médico em Belo Horizonte, faltava médico no Rio de Janeiro. E eu posso listar aqui todas as capitais e dizer para vocês: faltava médico a alguns quilômetros dos centros das capitais brasileiras. Faltava médico nas maiores cidades desse País. Faltava médico também nos quilombolas, nos departamentos de saúde indígena, enfim, faltava médico no interior do nosso País. Faltava médico em tudo quanto era canto.... Portanto, nós estávamos diante de um desafio de um país que tem uma proporção continental e uma complexidade bastante elevada e, portanto, nós tínhamos desde problema de logística para deslocar os médicos, até problemas de garantia e de manutenção desses médicos nos municípios e, ao mesmo tempo, tínhamos problemas no que se refere à quantidade de médicos brasileiros disponíveis.

Em 2013, nós fizemos aquele levantamento, pelo levantamento que o ministro, que na época o ministro Padilha nos trouxe, eram apenas 1,8 médicos por mil habitantes. E assim, a gente tomou consciência que não só os países da OCDE tinham um número de médicos por mil habitantes maiores que os nossos, mas também que vizinhos nossos, aqui pertinho, Argentina e Uruguai, também tinham um número muito maior de médicos. Além do baixo número de médicos por habitantes, por mil habitantes, nós tínhamos uma imensa concentração de médicos no nosso território. E essa concentração, ela, de fato, seguia a rota tradicional da ocupação do País e também da distribuição de renda do País... Ela era concentrada no litoral e baixamente localizada nas regiões internas do nosso País. Além disso, 700 municípios não tinham um único médico. Então nós combinamos, numa longa tentativa e erro, um padrão de localização de médicos baseado no grau, no tamanho da população atingida. Porque o primeiro critério tem que ser: quanto mais brasileiros forem atendidos, mais justa será a distribuição de médicos, então, volume de população, nível de renda, vulnerabilidade e IDH. E olhamos com muita atenção os DSIs, por quê? Porque era, de fato, inconcebível que a gente continuasse a ver sistematicamente as aldeias indígenas, as populações indígenas sem nenhum atendimento médico. Então, essa foi uma prioridade também levada em consideração junto com os quilombolas.

E, hoje, nós mudamos essa situação. É importante dizer isso aqui depois de dois anos. Nós mudamos, nós mudamos porque todos os 5.570 municípios deste País possuem médicos. Cada um dos 5.570. Nós chegamos hoje, e aí quero fazer um agradecimento especial a todos os médicos, que eles têm um nome muito esquisito para chamar os médicos, é... Como é que é? Intercambistas. Não, eu vou chamar os médicos que vêm de fora, dos outros países, participar de forma solidária conosco. Mas eu tenho obrigação de me referir a um país. Eu tenho obrigação de me referir à participação dos médicos cubanos, que deram mostra, junto com o governo cubano, que deram mostras de solidariedade, profissionalismo, atendimento absolutamente humanizado. E quero agradecê-los e dizer que vocês estreitaram

as relações entre o Brasil e Cuba. Vocês são responsáveis por uma relação que hoje não está concentrada, está distribuída por todo o território nacional. Em cada um dos municípios em que vocês estão, eu tenho certeza que vocês têm amigos, que vocês têm pessoas que dedicam a vocês uma grande amizade, fraternidade e sentimentos mais elevados.

Por isso, eu quero dizer que hoje nós temos 18.240 médicos em 4.058 municípios e 34 distritos sanitários indígenas, atendendo a 63 milhões de pessoas que antes não estavam atendidas. Esses 63 milhões de pessoas têm hoje a saúde perto da sua casa.

Eu assisti um vídeo, vários dos vídeos que eu assisti ao longo de todo esse processo desses dois anos, mostrava uma pessoa... Aliás, uma senhora de idade que sofria de diabetes e que tinha de viajar a pé, ela viajava a pé umas quatro horas, chegava em outro município para ser atendida e que ela depunha em relação.... Aliás, era uma médica que estava atendendo agora... E dizia, no início, aquilo que você falou: ela não entendia nada, mas depois, com o coração aberto ela conseguia traduzir tudo que ela dizia. Eu achei muito interessante porque era a introdução de um novo tradutor, que era o coração.

Nós ainda continuamos dependendo de médicos formados no exterior para garantir o adequado atendimento à nossa população. No entanto, o engajamento dos médicos brasileiros - e essa é uma maravilhosa notícia - vem sendo crescente. Na seleção que nós fizemos este ano todas as 4.139 vagas foram preenchidas por brasileiros. Isso é algo a comemorar, a comemorar porque mostra um efeito extremamente positivo do Mais Médicos que é o bom convívio, o bom exemplo, o exemplo de que esse programa podia trazer para o médico também grandes vantagens. Não só para a população, mas para o médico também. E 90% desses brasileiros tem registro no CRM, ou seja, nos Conselhos Regionais de Medicina.

Nós consideramos que tantas conquistas em 2 anos é motivo de celebração, mas o governo tem a humildade de reconhecer que essas conquistas são frutos de algo que tem um imenso valor, são frutos da nossa ação conjunta, da nossa parceria, da cooperação entre vários níveis da federação, porque os estados federados também deram a sua contribuição, os municípios e a União.

Entre médicos estrangeiros, médicos cubanos, e médicos de outros países e médicos brasileiros, é fruto também da cooperação, como foi levantada aqui, que vem desde Dom João VI, entre o Ministério da Saúde e o Ministério da Educação, mas eles tinham esquecido essa colaboração, e o governo teve de insistir em que, a saúde e a educação sentassem juntos e resolvessem um problema fundamental. A saúde quer médicos, a educação os forma.

E aí, nós temos uma política que é a seguinte: nós temos de olhar no horizonte e ver que tínhamos de construir, tínhamos de construir uma estratégia de interiorização de cursos de medicina no nosso País. E tínhamos também de dar uma vantagem para todos aqueles que quisessem exercer a atenção básica no nosso País fortalecendo um dos grandes patrimônios que nós temos que é o Sistema Único de Saúde. Essa parceria, é essa parceria que torna a relação entre saúde e educação tão expressiva no Mais Médico. Porque nós estamos utilizando as duas principais estruturas do País para fortalecer algo que nós temos de nos orgulhar de termos conquistado com a Constituição de 1988, que é o Sistema Único de Saúde.

Daí, eu quero destacar, resumindo, não só que o Mais Médicos além de atender a nossa população, de garantir a atenção básica, ele tem dois efeitos também importantes: a melhoria do Sistema Único de Saúde e a promoção de uma mudança na formação dos nossos médicos. Eu elencaria esses três elementos como os mais importantes de todas as consequências do Mais Médicos. Quero dizer, também, que toda a reconstrução da imensa rede de postos de saúde que nós temos, é também muito importante para o fortalecimento do Sistema Único de Saúde. E nessa cerimônia, para nós, é muito significativo que tenhamos assinado o Cadastro Nacional de Mais Especialidades. Por que é muito importante? Porque nós temos agora um novo desafio, que é uma outra plataforma, que é a plataforma dos médicos especialistas. Para que a gente complete e dê mais um passo no caminho de estruturação desse Sistema Único de Saúde, nos importa o atendimento de especialistas,

nos importa esse atendimento de especialistas, não que ele irá substituir a atenção básica. Pelo contrário, a atenção básica hoje, ela resolve 80% dos problemas principais de saúde numa população. Mas nós temos de ter especialistas, e aí o cadastro é importante, porque nós precisamos saber quem são? Onde estão? Quantos são em cada área? O que fazem? E como é que estão distribuídos pelo Brasil?

Com isso, nós podemos ter uma intervenção efetiva no que nós chamamos, o segundo passo, que é o Mais Especialidades. Eu assumi esse compromisso ao longo da minha campanha. E é um compromisso que nós, assim como fizemos o Mais Médicos, estamos aqui para dizer que o faremos. É mais complexo? É mais complexo, mas nós conseguimos hoje uma visão sistêmica que vai nos permitir e uma ação sistêmica, que vai nos permitir também dar consistência ao Mais Especialidades.

Eu queria dizer algo muito importante também, eu queria dizer das consequências do Mais Médicos. E eu quero falar das consequências sobre a saúde da população, não só sobre a nota que a população dá ao Mais Médicos, mas as consequências e, eu gostaria de considerar que nós vamos desenvolver toda uma estatística junto agora com mais um ministério, que é o Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Porque nós temos já conseguido alguns indicadores vitoriosos, por exemplo, na redução da mortalidade infantil. E queremos também ampliar outros indicadores. O Mais Médicos junto com todo nosso programa de assistência social, tanto o Bolsa Família, quanto os programas de vacinação de crianças, quanto de crianças na escola, eles permitem que nós tenhamos uma forma global de tratar da criança no País.

Daí porque, eu fico muito feliz de ver que a pesquisa da UFMG e as outras pesquisas mostram que as pessoas, o brasileiro e a brasileira, a mãe que leva a criança, a avó que leva, que vai ao médico para ser atendida, dizem que os médicos são mais atenciosos, que os médicos passam mais tempo com eles, que os médicos fazem a diferença, e eu não podia deixar encerrar essa minha fala, sem dizer a vocês que eu tenho certeza que o programa Mais Médicos engrandece o meu mandato. Eu me sinto realizada por saber que vocês, 24 horas por dia, sete dias na semana, que vocês estão presentes nos municípios do País, eu não digo atendendo, porque também vocês têm direito a seu descanso, mas eu digo que vocês estão ali, para qualquer necessidade, e me disseram - eu estou falando isso porque me disseram - que agora a pessoa podia ir lá na casa do médico, bater na porta, e se tivesse uma criança com asma de noite, uma mãe começando um trabalho de parto, vocês dariam uma força de madrugada.

Então, eu agradeço não só pelo horário que vocês cumprem, mas agradeço também pela generosa acolhida que vocês dão a quem precisa.

Muito obrigada.

Ouça a íntegra (24min16s) do [discurso](http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-celebracao-de-2-anos-do-programa-mais-medicos-brasilia-df-24min16s) (<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-celebracao-de-2-anos-do-programa-mais-medicos-brasilia-df-24min16s>) da Presidenta Dilma

# 05-08-2015 - Discurso da presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de celebração de 1 ano para os Jogos Olímpicos Rio 2016 - Rio de Janeiro/RJ

Rio de Janeiro-RJ, 5 de agosto de 2015

Senhor Thomas Bach, presidente do Comitê Olímpico Internacional,

Ministros de Estado: George Hilton, do Esporte, e Henrique Eduardo Alves, do Turismo,

Senhor prefeito do Rio de Janeiro, Eduardo Paes,

Senhora Nawal El Moutawakel, presidente do Comitê de Coordenação dos Jogos Olímpicos, por intermédio de quem cumprimento todos os integrantes das delegações estrangeiras aqui presentes,

Senhor Carlos Arthur Nuzman, presidente do Comitê Olímpico Brasileiro e do Comitê Rio 2016,

Senhores integrantes das delegações técnicas e atletas,

Senhores e senhoras jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas,

Senhoras e senhores,

Em exatos 366 dias, a Pira Olímpica será acesa no Maracanã, após percorrer todo o nosso País. O coração do Brasil já começou a bater muito mais forte. O generoso coração brasileiro, que teima em acelerar quando nele se cruzam dois sentimentos: a emoção de abraçar gente de todas as partes do mundo e a alegria de disputar partidas com fervor e *fair play*. Sempre foi assim no Brasil e sempre será assim, a partir de 5 de agosto de 2016. O Brasil se tornará, então, o primeiro País da América do Sul a sediar os Jogos Olímpicos e Paralímpicos. Os olhos do mundo estarão voltados para o nosso querido Rio de Janeiro. Faremos, sim, um espetáculo inesquecível.

Para isso, continuamos trabalhando, pois ainda há muito o que fazer. Nos próximos meses, os eventos-teste nos permitirão ajustar todos os detalhes. Juntos, governo federal, estadual e prefeitura, em estreita colaboração com o Comitê Organizador dos Jogos Olímpicos, construímos as condições para estarmos à altura do desafio que assumimos em 2009, frente ao Comitê Olímpico Internacional.

Com a experiência acumulada ao realizar, com grande sucesso, a Copa do Mundo, em 2014, cumprimos todas as etapas necessárias para, mais uma vez, encantar o mundo. Os mais de 10 mil atletas, as delegações, os torcedores, os turistas, todos serão muito bem recebidos no Brasil. O Rio de Janeiro é, sem dúvida, o mais lindo cenário, desde a Grécia Antiga, onde se realiza uma Olimpíada. Essa será uma edição muito especial dos Jogos Olímpicos. E vocês que virão, contarão com equipamentos esportivos adequados, infraestrutura urbana modernizada, segurança pública e, claro, a reconhecida hospitalidade e alegria do povo brasileiro.

Os atletas brasileiros estão treinando com muita dedicação para superar os próprios limites e brilhar nas competições. Torceremos, claro, por muitas vitórias e medalhas para o Brasil. Nosso povo - trabalhadores, empresários, cientistas, estudantes, artistas - ergueu uma das nações mais diversas, étnica e culturalmente, com capacidade criativa, amabilidade e solidariedade. Construímos uma vigorosa cultura de paz e de trabalho.

É com esses valores que estamos trabalhando duro para fazer dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos a melhor festa que o esporte mundial já viveu. Essa é, para nós, a vitória mais importante que, tenho certeza, vamos alcançar juntos. Uma memorável e extraordinária confraternização entre povos, pessoas e nações. O Rio e todo o povo brasileiro aguardam ansiosos todos que vierem participar da festa olímpica. Esperamos vocês de coração e braços abertos

Muito obrigada.

Ouça a íntegra (05min25s) do discurso (<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-cerimonia-de-celebracao-de-1-ano-para-os-jogos-olimpicos-rio-2016-rio-de-janeiro-rj-05min25s>) da Presidenta Dilma

# 07-08-2015 - Discurso da presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de entrega de 747 unidades habitacionais dos Residenciais Pérola VI e VII e Ajuricaba, do Programa Minha Casa Minha Vida - Boa Vista/RR

**Boa Vista-RR, 07 de agosto de 2015**

Muito boa tarde para todos e todas roraimenses. Muito boa tarde.

Vocês viram que só dava mulher ali na frente, não é? A prefeita, a governadora, a nossa querida senadora, a presidente da Caixa, e eu e a minha querida aqui.

Eu quero saudar... Bom, eu queria começar cumprimentando a Maria Lúcia, o Jodaílson, Antônia, Aline, a Severina e o Arleyamar,

E saudar os moradores do residencial Pérola VI e Pérola VII e também, como disse a minha querida, a família Ajuricaba. Eu vou dizer para vocês uma coisa: tenho muito orgulho de estar hoje aqui em Roraima. De fato é um estado para mim muito querido.

Por isso, eu queria cumprimentar a governadora, a nossa querida Sueli Campos,

Queria cumprimentar a Teresa Surita, prefeita de Boa Vista,

Quero cumprimentar também o Marcelo Guimarães. Marcelo Guimarães, que hoje é marido da Teresa, eu o conheci com três anos de idade. Eu não posso dizer isso porque eu não tinha 3 anos de idade quando o conheci. Então, a idade dele revela a minha, e vocês vão ver que sou muito velha.

Queria cumprimentar também a senadora Ângela Portela,

O senador Romero Jucá,

Dirigir um grande abraço ao senador Telmário Mota,

Cumprimentar e abraçar os deputados federais Abel Mesquita, Hiran Gonçalves, Remídio Monai. Tanto o Iran Gonçalves como o Remídio me deram o prazer de conviver com eles no avião.

Queria cumprimentar os deputados estaduais Evangelista Siqueira, Gabriel Picanço, Soldado Sampaio e Valdenir da Acta,

Quero cumprimentar a Carla Cristina Rocha, a minha querida presidente da Associação das Donas de Casa,

Quero também cumprimentar aqui todos os movimentos sociais aqui presentes, a começar do MST,

Cumprimento também o vereador e presidente da Câmara, Edilberto Veras,

Cumprimento a presidente da Caixa, Mirian Belchior,

Cumprimento a secretária municipal de Gestão Social, Simone Queiroz,

O presidente da Codesaima, Rafael Alves,

Cumprimento Amaury Fernandes, representante das empresas Recel e Centro Norte, responsáveis pela construção das casas.

Cumprimento os senhores jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas.

Quero dizer para vocês que, de fato, Roraima é [tem] a capital mais distante de Brasília, mas eu garanto para vocês que essa distância, para nós do governo federal, só existe no mapa. E aí eu me considero hoje uma roraimada, roraimada, no que prova que eu estou bem perto de vocês. Eu considero um grande desafio, um importante desafio mas, sobretudo um exemplo, contribuir para que este estado, que é o estado mais ao norte do nosso País, este seja o estado que tenha condições de vida e de desenvolvimento que o torne um símbolo aqui na região Norte.

Hoje nós estamos aqui por uma festa. Por que é uma festa? As 747 famílias do residencial Pérola VI, Pérola VII e Ajuricaba, elas representam um dos mais importantes programas sociais do meu governo. Se tem algo que eu tenho orgulho de ter feito é o Programa Minha Casa Minha Vida. Desde o início eu participei desse programa. Lá para a metade de 2009, o presidente Lula me chamou no seu gabinete - eu era então ministra-chefe da Casa Civil - e disse para mim: "Nós temos de fazer um programa. Um bom programa para garantir emprego para pessoas". E aí nós pensamos no Programa Minha Casa, Minha Vida, porque ele dava duas coisas: ele dava emprego e também ele resolvia um dos mais graves problemas sociais do nosso país, que era a quantidade de pessoas, de famílias, de homens, mulheres, pais, mães mas, sobretudo, jovens e crianças, jovens e crianças que moravam em condições extremamente vulneráveis, muitas vezes inadequadas, compartilhando ou com as suas famílias ou pagando aluguel, como ficou claro aqui. E nós então iniciamos esse programa. Foi difícil. No início o pessoal achava que só dava conta de fazer 200 mil moradias, lá no início. Os empresários. Então, eles também não tinham experiência porque a construção civil de moradias, de habitação popular, de lares, tinha sido interrompida e sempre foi feita em pequenas escala. Umhas casas aqui, outras casas ali, outras casas acolá. Mas nós queríamos um programa do tamanho da necessidade do Brasil. É claro que a gente não podia começar dando o passo maior que a perna, mas 200 mil, vamos conversar, é muito pouco para um país do nosso tamanho.

Então, nós começamos, naquela época, em 2010, com 1 milhão de casas. Um milhão. Aí construimos... eu virei presidente e começamos a construir o milhão de casas, tanto no governo, no final do governo do presidente Lula e no início do meu. Aí aprendemos como fazer, aprendemos que era possível construir mais casas. E aí demos um outro passo. Fomos para 2 milhões, quase 3 milhões de casas, 2 milhões 750 mil casas, e foi um pouquinho mais do que isso até, chegando quase a 3 milhões. Aí nós melhoramos as casas porque a gente olhava como era o acabamento, porque mulher tem mania de cozinha e banheiro. Nós sabemos que nós temos a mania de cozinha e banheiro porque a gente sabe o custo que é para limpar, para conservar e é lugar fundamental para as famílias. E aí aumentamos azulejos, até metade, para as cozinhas e depois até metade também nos banheiros. Olhamos e vimos que nesse país cheio de sol era muito importante também colocar, colocar aquecimento solar elétrico igual tem em algumas casas no Brasil afora. E aqui tem. Aqui tem esse aquecimento. Qual a vantagem dele? É pagar menos tarifa de energia elétrica. Daí a importância disso.

E por que nós fizemos o Minha Casa Minha Vida? O nome diz. Porque a casa é talvez, da vida das pessoas, uma das mais importantes partes. É para onde a gente vai depois do trabalho. É para onde a gente vai depois de descansar. Mas é, sobretudo, aonde a gente cria os filhos, recebe parentes e amigos e aonde a gente se sente protegido e seguro. E aí, quando a gente fala do Minha Casa Minha Vida, quero dizer para vocês que nós estamos falando é no lar das pessoas. Não é tijolo, não é areia, não é cimento, não é telha, não é alumínio. Ali tem sentimentos, tem emoções e, sobretudo, tem apoio e segurança para as crianças e para os jovens. Morar aqui... e aí eu quero pedir uma coisa para vocês: além do Minha Casa Minha Vida ser um lar, ele é um patrimônio. É uma riqueza que cada família

possui porque ele vai valorizar. Se vocês cuidarem direitinho, se, como disse a prefeita e a governadora aqui presentes, a gente tiver uma urbanização, umas árvores, se a gente tiver cuidado com esse residencial, vocês têm, além de um lugar excelente para morar, vocês têm uma riqueza que é da família de vocês, de cada um de vocês e, sobretudo, faz parte daquilo que as crianças e os jovens de hoje poderão ter amanhã como sendo um legado que vocês deixarão para eles.

Hoje essas famílias vão entrar aqui, vão pegar a chave e virar na fechadura. E aí vocês vão entrar e ter certeza de uma coisa: essa casa é de vocês, vocês não devem ela a ninguém. O Estado brasileiro arrecadou impostos e decidiu que aqueles do Brasil que mais precisavam eram aqueles que iam receber a sua casa própria. Daí, tenham orgulho dela e, sobretudo, o que eu desejo mais, tenham muita saúde para cuidar das crianças e dos jovens porque eles são o futuro deste país, mas também tenham muita felicidade porque é importante que as pessoas vivam um clima muito saudável e feliz para que nós tenhamos pessoas, adultos, homens e mulheres cada vez mais comprometidos com seu próprio país.

Eu quero destacar aqui esse programa que faz parte do Minha Casa Minha Vida que é o Minha Casa Minha Vida Entidades. Por que eu destaco, Carla, o Minha Casa Minha Vida Entidade? Porque eu acho que tem um grande esforço aqui das organizações sociais, dos movimentos sociais de se organizar, ir lá olhar o lugar, discutir com as pessoas e dar essa alternativa, que é construir a casa própria para aqueles que integram as suas organizações.

Daí porque eu queria dizer que as 200 famílias que vão morar no residencial Ajuricaba, elas terão ainda mais compromisso em criar lá um ambiente de cooperação, mas isso vale para todos vocês. Organizem uma espécie de condomínio. Cuidem dessas casas porque, a partir de agora, ela é de vocês e vocês é que podem assegurar que nós tenhamos esses equipamentos, essas casas, as pracinhas, todo o sistema de saneamento de água e de luz em condições das melhores possíveis. Eu acredito muito que aqui as crianças vão ter um futuro melhor. É nisso que eu acredito e é por isso que nós lutamos para fazer o Minha Casa Minha Vida.

Querida também falar para vocês que esse programa é um programa que nós temos o compromisso de continuar. É daqueles programas que a gente cuida, que cuida e zela por ele. Aqui duas pessoas são responsáveis por isso. Uma é o ministro Kassab, que é o ministro das Cidades, duas é a Miriam Belchior, que foi ministra do Planejamento, que me ajudou lá atrás no Minha Casa Minha Vida e a que agora vai cuidar lá dentro da Caixa do detalhe para a gente ter aquela moradia a melhor possível para ser entregue. E aí quero dizer para vocês a boa notícia: nós vamos lançar o Minha Casa Minha Vida 3. Quando? Alguém perguntou quando, então vou responder quando. Vamos lançar isso no dia 10 de setembro, três dias depois do dia da pátria.

Eu quero dizer para vocês que nós fazemos questão, fazemos questão de transformar o Minha Casa Minha Vida 3 em um programa ainda melhor. Um programa, porque cada programa se aprende com o que fez. E nós temos agora a ambição de fazer ainda melhor. E vocês nos ajudarão nisso. Por quê? Vocês nos ajudarão cada vez que vocês mantiverem a casa de vocês; cada vez que vocês - mesmo sendo uma prestação pequena - pagarem a prestação de vocês, vocês estão contribuindo para que a gente faça o Minha Casa, Minha Vida 3.

Agora eu quero falar de um outro programa aqui em Roraima, que tenho também muito orgulho de ter desenvolvido. Aqui em Roraima nós também implantamos um programa que eu considero um dos melhores programas do governo, é o Mais Médicos. Por que eu gosto do Mais Médicos? Primeiro porque quando começamos o Mais Médicos, nós não começamos o Mais Médicos por um capricho, porque nos deu na cabeça. É porque os prefeitos, todos os dias, reclamavam que não tinham médicos nos seus municípios. No Brasil, tinha em torno de 700 municípios que nunca tinha tido um médico. Então nós começamos esse Programa Mais Médicos.

Quero dizer que eu tenho, aqui, muito orgulho também de vir a Roraima porque nós temos aqui 138 médicos do Mais Médicos. E esse programa, ele tem um objetivo. A gente não diz que nós estamos resolvendo todos os problemas com ele, mas estamos resolvendo um

problema fundamental, que é garantir que no posto de saúde, que é garantir que no município tenha médicos para atender a população. Por quê? Porque na atenção que a gente chama de atenção básica, 80% dos problemas de saúde são resolvidos: pressão alta, diabetes, criança com asma, o tratamento, aquele contínuo, que uma pessoa tem de ter, seja ela criança ou idoso. Então, nós temos muito orgulho desse Programa Mais Médicos.

Além disso, eu quero me referir aqui às 26 creches que, em parceria com a prefeitura, nós estamos fazendo. Por que eu menciono creche? Eu menciono creche porque não é só para nós, mulheres, termos onde deixar os nossos filhos. Não é só por isso, não. É porque vocês sabem que há, tem de haver com uma criança, estímulos que fazem com que ela tenha o melhor desenvolvimento ao longo da vida. Daí porque a criança precisa de um atendimento especial, e é lógico que numa creche a criança pode ter essa atenção. Então, fazer creche é atacar a raiz da desigualdade do nosso País, a raiz da diferença de oportunidade. O que nós queremos não é que todo mundo seja igual, mas que todas as pessoas tenham as mesmas oportunidades, principalmente, os brasileirinhos e as brasileirinhas.

Quero também me referir ao Pronatec, porque fiquei impressionada quando eu soube que 63 mil jovens foram formados no Pronatec aqui em Roraima. E aí eu estou falando do Pronatec, porque também nós vamos abrir o Pronatec novamente para atender mais jovens e mais pessoas que precisam de formação profissional. Destaco também o Ciência sem Fronteiras, porque Roraima não ficou para trás. Roraima também enviou 48 jovens de Boa Vista para estudar nas melhores universidades do mundo. Esses são alguns exemplos da parceria que nós fizemos.

E daí eu quero falar para a governadora, o seguinte: nós fizemos parceria com a prefeitura, com a prefeita, estamos fazendo agora parceria com a governadora. A governadora falou aqui em alguns programas. Eu queria dizer à governadora que eu percebo claramente a importância do que ela solicitou e avaliou. Queria destacar, sobretudo, a necessidade do acordo para o porto de Guanta, na Venezuela. É importante que Roraima se coloque numa posição porque ele é o estado mais próximo da Venezuela. A Venezuela é um país com milhões e milhões de habitantes. A Venezuela precisa de receber alimentos, precisa de receber tanto grãos como proteínas.

Então, eu quero dizer que, de fato, Roraima está muito bem localizada para não só aproveitar o porto de Guanta e exportar para outros países, mas, sobretudo, tem de olhar com cuidado a questão de ligar uma demanda por bens da Venezuela à economia aqui de Roraima, gerando renda e emprego para aqui.

Eu dou os parabéns a essa bela cidade que acabou de completar, ela disse que ela é bem jovem, eu diria que é um jovem senhora de 125 anos. Para cidade ela, eu acho que está na adolescência, está na adolescência e, por isso, é uma cidade que tem esse poder de cativar a gente. Eu não bebi ainda a água do Rio Branco, espero... Mas me dá a água que eu bebo, posso considerar essa a água? Então beberei.

Então, antes de concluir, eu queria falar algumas coisas para vocês. É fato que o Brasil passa por dificuldades, mas é fato também que nós somos hoje um país muito mais robusto, muito mais forte. Pensem nas famílias de vocês. Antes o Brasil, quando havia qualquer problema, ou interno ou externo, tendia a ter dificuldade para pagar suas contas externas, ou seja, não tinha dólar para pagar suas contas. Hoje, o nosso País tem mais de US\$ 300 bilhões de reserva. Nós não quebramos, esse é um país que tem... tem aquilo que vocês sabem o que é. A família pode passar dificuldade, mas se ela tem recursos suficientes e não quebra, ela sai da dificuldade.

Bom, além disso, este País é um país que avançou muito, tirou milhares, milhões de pessoas da pobreza extrema, da miséria, transformou a sociedade brasileira. Antes, a gente era principalmente um país só de pessoas bem pobres, hoje, nós somos um país majoritariamente de classe média, nós melhoramos todas as nossas, os nossos indicadores de educação. Aí alguém pode falar: "mas tem ainda muita coisa para fazer". E aí eu concordaria com a pessoa: é verdade, tem muita coisa ainda para fazer. Vocês só imaginem tudo que nós temos para fazer. Nós temos de garantir uma saúde de melhor qualidade para a população.

E aí, eu quero aproveitar e falar sobre a questão que me contaram no avião e que me tocou, que é um centro de radioterapia, porque as mulheres aqui, que passam por problemas com câncer ou de seio ou de útero, elas precisam de ter tratamento. Daí porque a importância, por exemplo, de um centro de radioterapia. Nós estamos, queria avisar aqui, nós estamos em fase final de concluir esse investimento seriam R\$ 6,5 milhões, obra, mais equipamentos, e licitação por aquele regime rápido de RDC. Então, eu quero deixar aqui isso registrado. Mas eu falei isso para dar um exemplo do que falta fazer, falta muita coisa para fazer, no Brasil e, obviamente, em Roraima também. Mas vocês podem ter certeza de uma coisa: eu me dedicarei dia e noite, hora por hora, a garantir que o País saia o mais rápido possível das suas dificuldades.

Além disso, quero dizer para vocês que ao longo da vida eu passei muitos momentos difíceis. Então, eu sou uma pessoa que aguento pressão, aguento. Eu sou uma pessoa que aguento ameaça, aliás, aliás, eu sobrevivi a grandes ameaças à minha própria vida.

Acho que o Brasil hoje é muito diferente daquele Brasil que eu tive de enfrentar as mais terríveis dificuldades. Por quê? Porque este País é uma democracia, e uma democracia respeita, sobretudo, uma coisa, respeita a eleição direta pelo voto popular. Eu, eu respeito a democracia do meu País, eu sei o que é viver numa ditadura. Por isso, eu respeito a democracia e o voto e podem ter certeza que, além de respeitar, eu honrarei o voto que me deram. A primeira característica de quem honra o voto que lhe deram é saber que é ele a fonte da minha legitimidade, e ninguém vai tirar essa legitimidade que o voto me deu.

Uma outra coisa que eu queria observar, é que nós temos de nos dedicar à estabilidade institucional, econômica, política e social do País. Eu sei que tem brasileiros que estão sofrendo, por isso, é que eu me comprometo a trabalhar diuturna e noturnamente, porque a gente tem um horário de serviço como presidente, às vezes, um pouco longo, um pouco longo. Mas eu acho que isso é minha obrigação, é meu dever, mas além disso, eu me comprometo também a contribuir e a me esforçar pela estabilidade. O País tem uma democracia, por isso, nós devemos respeito entre os poderes. Entre o Legislativo, o Executivo e o Judiciário e eu me disponho a trabalhar também incansavelmente para assegurar a estabilidade política do nosso País. Quero dizer a vocês que me dedicarei com grande empenho a isso nos próximos meses e anos do meu mandato.

Finalmente, eu quero cumprimentar, mais uma vez, às famílias pelas suas casas. Dizer que o que eu desejo para vocês é muita saúde, muita, mas muita felicidade e, sobretudo, a casa a gente vai também lembrar aqui: a casa é um lugar em que as pessoas também, os jovens namoram, noivam e muitas vezes casam, desejo a todos muita felicidade.

Ouça a íntegra (34min09s) do <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-cerimonia-de-entrega-de-747-unidades-habitacionais-dos-residenciais-perola-vi-e-vii-e-ajuricaba-do-programa-minha-casa-minha-vida-boa-vista-rr-34min09s> da Presidenta Dilma Rousseff

# **10-08-2015 - Discurso da presidenta da República, Dilma Rousseff, na cerimônia de entrega de unidades habitacionais dos Residenciais Santo Antônio e Amendoeira em São Luís/MA e entregas simultâneas de unidades em Caxias/MA, em Campo Grande/MS e em Anastácio/MS do Programa Minha Casa Minha Vida - São Luís/MA**

**São Luís-MA, 10 de agosto de 2015**

Bom dia a todos, quase boa tarde.

Eu vou começar cumprimentando àquelas pessoas que estão em Campo Grande; Anastácio, no Mato Grosso do Sul e aqui no Maranhão, em Caxias, porque depois eu vou falar, sobretudo, com vocês.

Então, eu quero cumprimentar aqui, lá em Campo Grande, no Mato Grosso do Sul, cumprimento a Camila, a Camila Ortiz Brant, que recebeu a chave de sua casa em Campo Grande,

E cumprimento também todas as famílias do residencial Celina Jallad,

Quero cumprimentar o nosso querido governador do Mato Grosso do Sul, um grande parceiro, Reinaldo Azambuja,

Cumprimentar o ministro das Cidades, Kassab, que me representa lá em Campo Grande. Porque nós estamos fazendo uma cerimônia em tempo real, em quatro cidades do Brasil.

Cumprimento também, lá em Mato Grosso do Sul, o pessoal de Anastácio, a Adriana Flores dos Santos. Cumprimento a Adriana Flores dos Santos, que recebeu a chave de sua casa, e por meio da Adriana, eu queria dar um abraço a todas as famílias do residencial Independência II.

Cumprimento o prefeito de Anastácio, Douglas Melo Figueiredo,

E cumprimento também a ministra do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, Tereza Campello,

Já em Caxias, no Maranhão, eu queria cumprimentar a Carla Raniere dos Santos. Ela recebeu a chave de sua casa. E, por meio da Carla, eu quero cumprimentar às famílias do residencial Vila Paraíso, desejar à Carla e às famílias muita saúde, muita felicidade e muito futuro no Minha Casa Minha Vida.

E cumprimento também o prefeito de Caxias, Léo Coutinho e a presidente da Caixa Econômica Federal, Miriam Belchior. Um grande abraço para todos vocês.

Agora aqui, nós estamos aqui em São Luís, e esse é um momento especial.

Eu vou cumprimentar a Raimunda, a Deuzuita, a Maria Rita que receberam as chaves de suas casas, de suas moradias e de seus lares.

Eu queria cumprimentar cada uma das famílias aqui presentes, cada um de vocês, as mães, os pais e, sobretudo, os jovens e as crianças.

Quero saudar todos os moradores de Santo Antônio e de Amendoeira.

Agora, quero dizer para vocês que agora cuidar das casas é algo que passa a ser responsabilidade de cada uma das famílias. E eu estou muito feliz em estar aqui entregando essas chaves.

Cumprimento nosso querido governador do Maranhão, Flávio Dino. Agradeço as palavras do Flávio Dino, que demonstram que quem tem parceiros como ele, tem apoios efetivos e reais, agradeço imensamente ao governador Flávio Dino.

Quero cumprimentar a Daniela Lima, a primeira-dama.

Cumprimento também o nosso querido governador aqui do Piauí, Wellington Dias, que está prestigiando esse ato.

Quero cumprimentar os ministros de Estado, Kátia Abreu da Agricultura e Edinho Araújo, da Secretaria de Portos da Presidência da República.

Quero cumprimentar o deputado Waldir Maranhão, vice-presidente da Câmara dos Deputados,

Quero cumprimentar o Edivaldo Holanda Júnior, prefeito de São Luís e a nossa primeira-dama Camila Braga.

Cumprimento o senador Edison Lobão, ex-ministro de Minas e Energia,

Cumprimento o senhor Gastão Vieira, ex-ministro do Turismo,

Cumprimento os deputados federais: Chico Lopes, Jandira Feghali, Jô Moraes, Orlando Silva, Rubens Pereira Júnior, Weverton Rocha, Zé Carlos,

Cumprimento a Inês Magalhães, secretária nacional de habitação,

Quero dirigir um cumprimento aos presidentes das entidades estudantis: a Carina, às presidentas: a Carina Vitral, da UNE; a Bárbara Melo, da UBES,

Quero cumprimentar também o Renan Thiago Alencar, presidente da UJS,

Cumprimento também os representantes, coordenadores nacionais dos movimentos pela moradia, Zé Raimundo Trindade, da União Nacional por Moradia Popular,

O Luis Carlos Reis, da Central de Movimentos Populares,

Cumprimento os representantes das construtoras: Grupo Lua Nova, Juraci Carvalho; Canopus, Parmênio Mesquita; GDR, Rafael Caracas,

Cumprimento todos os senhores e as senhoras representantes de movimentos populares, sociais, sindicatos aqui presentes,

Cumprimento os senhores jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas.

Eu gostaria de dizer para vocês que são 3.020 lares, moradias, o número de famílias de Caxias e de São Luís. O maior número é aqui em São Luís: 2.020 famílias recebem hoje as chaves da sua casa própria.

Quando eu entrego a chave da casa própria eu sei que estou entregando, como disse o governador, muito mais que uma construção de cimento, tijolo, telhado...

Obrigado... Mas eu estou entregando muito mais que uma construção, eu sei que eu estou entregando um espaço onde cada uma de vocês, cada um de vocês homens e mulheres, pais e mães, avôs e avós, enfim, parentes junto com crianças e jovens, têm agora uma segurança. Porque casa é primeiro sinônimo de segurança. Casa depois é sinônimo de outra coisa muito importante: um lugar para a gente construir laços afetivos, é ali na casa que o pai

e a mãe amam as crianças, dão instruções para as crianças, educam as crianças e os jovens. É ali na casa também, que começam os encontros, os namoros, os noivados e os casamentos.

Quero dizer que, sobretudo, a casa, o lar, essa construção que talvez seja a mais humana de todas as criações, que é o lar das pessoas, é ali que a gente constrói o futuro da família. Por isso, que o nome do programa é Minha Casa Minha Vida. Além de uma casa, é toda a vida pela frente que vocês têm.

E agora, com esse lançamento que nós tivemos aqui hoje, nós estamos entregando 4.467 moradias, lares. E eu quero dizer para vocês que eu tenho certeza que essas famílias vão saber usar isso que, além de tudo, também é um patrimônio. Não vendam suas casas, sejam capazes de conservá-las, criem jardins, porque agora quando vocês abrirem a porta da casa, vocês terão acesso a algo que é de vocês, que é um patrimônio.

Além disso, eu queria dizer uma outra coisa, muitos aqui moravam de aluguel, muitos aqui moravam de favor em casa de parentes, muitos aqui viviam em áreas de risco, agora não. Agora vocês terão aquilo que é de vocês: a casa própria.

No Brasil, eu acho que os brasileiros sonham com algumas coisas: os brasileiros sonham em ter um carro, os brasileiros sonham em ter um diploma. Mas os brasileiros, todos, sonham com a casa própria. É isso que nós estamos aqui juntos realizando, o sonho da casa própria.

Eu queria dizer pra vocês como nós chegamos a realizar esse sonho. Muita gente, quando nós começamos esse programa, dizia que ele era inviável, impossível e que ele não seria realizado. Muita gente é claro, de um grupo pequeno, o grupo menor, aquele que considera que a população do País não tem direito a serviços essenciais, a benefícios essenciais, então eu quero dizer para vocês uma coisa importantíssima: essas casas foram construídas com recursos arrecadados pelos impostos. E ela é uma decisão política, construir casas para aqueles que mais precisam. Vocês sabem que antes vocês não podiam sequer passar na porta da Caixa Econômica e entrar porque ninguém daria crédito para vocês. O que nós fizemos agora? Nós colocamos recursos do governo para garantir essas moradias. E tenho certeza que aqui também vocês terão acesso aos serviços básicos essenciais: trata-se da creche, das escolas para colocar as crianças.

Eu, inclusive, defendo, com persistência, e sempre defendo que nas casas do Minha Casa Minha Vida, nos residenciais, a gente plante árvores. Árvore é fundamental, nós precisamos embelezar esse bairro e esse residencial. Ele tem de ser o mais bonito aqui de São Luís. Isso cabe a vocês. Cabe ao prefeito e ao governador e as empresas. E nós faremos todo o empenho para que isso seja uma realidade.

Quero dizer a vocês que, quando nós tomamos a decisão de fazer o Minha Casa Minha Vida, lá no início - ainda era no final do governo do presidente Lula - diziam que a gente não ia conseguir... ia conseguir fazer no máximo 200 mil moradias. Pois bem, nós estamos chegando a quase 4 milhões de moradias. Aí vem a boa notícia. Deixa eu contar para vocês a boa notícia. Eu quero contar uma novidade para vocês: nós vamos, no dia 10 de setembro, lançar a terceira fase do Minha Casa, Minha Vida com mais 3 milhões de moradias.

Quero dizer a vocês que nós vamos continuar destinando os recursos públicos para habitação popular, sim. Porque nós não vamos deixar haver retrocesso nos programas sociais. E é fundamental que, no final de 2018, e aí eu falo não para aqueles que já receberam a casa própria, mas para aqueles que ainda vão receber, que mais 3 milhões de famílias brasileiras tenham direito a um lar para chamar de seu.

Vejam vocês que em tudo na vida, na casa de vocês também, é preciso ter persistência. Se lá atrás a gente tivesse concordado, tivesse tido medo e achado que não ia conseguir fazer 200 mil casas, hoje, nós não teríamos essa cerimônia aqui. Porque 200 mil casas já passaram há muito tempo, nós estamos chegando agora a ter entregue mais de 2,5 milhões de casas.

Quero dizer para vocês que, neste momento, nós estamos, sem sombra de dúvidas - eu peço, inclusive, para o pessoal lá do fundo agora me escutar um pouquinho... Nós estamos passando por um momento de dificuldades. Mas o Brasil é muito mais forte que esse momento de dificuldade. Nós estamos numa travessia. Nós não estamos parados, nós estamos fazendo uma travessia...

É um período de dificuldades, é. Tem o período de dificuldades geralmente causa incertezas, apreensão nas pessoas. Por isso, é que eu quero falar uma coisa para vocês, não fiquem inseguros, nem apreensivos. Essa é uma situação temporária. Ela vai passar e vai passar rápido.

Nós, mesmo durante essa travessia, não abandonaremos os programas sociais, não abandonaremos o Minha Casa, Minha Vida, não abandonaremos o Mais Médicos. O Mais Médicos, que aqui trouxe grandes contribuições, porque em muitos municípios do Maranhão não tinha nenhum médico.

Nós não vamos deixar de garantir que haja acesso das pessoas mais pobres ao Prouni, ao Fies, nós não vamos recuar do Bolsa Família, enfim, nós vamos manter os programas sociais. Mas nós também precisamos entender que é necessário um grande esforço do governo. Eu vou dizer para vocês, eu trabalho dia e noite incansavelmente para que essa travessia seja breve, a mais breve possível.

E o Brasil precisa de uma coisa, o Brasil precisa muito, precisa, mais do que nunca, que as pessoas pensem primeiro nele Brasil, pensem no que serve à nação, à população brasileira e só depois pensem em seus partidos e em seus projetos pessoais. O Brasil precisa de estabilidade para fazer essa travessia, é como dentro de uma família. Quando há uma dificuldade, não adianta um ficar brigando com o outro porque não resolve a situação. É necessário que as medidas - que sejam urgentes - sejam tomadas. Ninguém que pensa no Brasil, ninguém que pensa no povo brasileiro deve aceitar a teoria, os processos que falam assim: Ah, eu não gosto do governo, então vou enfraquecer ele. Aí eu aposto no quanto pior, melhor. Quanto pior, melhor para quem? Melhor para quem é essa a pergunta. É pior para a população, é pior para o povo. É pior para todos nós.

Daí porque nós não concordamos com nenhuma medida aprovada que leve à instabilidade, tanto econômica quanto política do País. Nós não concordamos com medidas que levem o caos às finanças do governo federal, dos estados e dos municípios.

Eu quero fazer aqui... Aproveitar que estou aqui na parte extremo norte do nosso País, em um dos estados mais ao norte, para fazer um apelo aos brasileiros. Vamos repudiar, sistematicamente, o vale tudo para atingir qualquer governo, seja o governo federal, seja o governo dos estados, seja o governo dos municípios. No vale tudo quem acaba sendo atingido pela torcida que eu já disse do quanto pior melhor é a população do País, do estado e do município.

Tudo que nós estamos fazendo no governo federal tem um objetivo claro: dar condições para a gente entrar em um novo ciclo de crescimento, gerando mais empregos, garantindo mais renda, mais oportunidade no Pronatec, mais garantia para as famílias poderem trilhar o caminho do seu desenvolvimento, assegurar também financiamento e crédito para as empresas e para os pequenos e micro empreendedores. E dentro disso, obviamente, está o Minha Casa, Minha Vida. E quero dizer para vocês: assim como vocês aqui tiveram a oportunidade de conquistar o seu lar, a sua casa própria, nós todos aqui queremos que os brasileiros que precisem conquistem a sua casa própria. Por que isso? Porque também - vamos lembrar aqui, nós vimos isso nas apresentações - a casa própria, construir a casa própria gera também emprego. Gera emprego e aí a roda da economia gira e todo mundo ganha.

Então, preservar o Minha Casa, Minha Vida é algo que faz bem às famílias que recebem as casas, às empresas que constroem, aos trabalhadores que trabalham nas casas e, sobretudo, faz bem à sociedade brasileira, que passa a ter famílias protegidas, seguras, com futuro e com um ambiente para criar seus jovens e seus filhos, mais digno e mais adequado.

Eu quero dizer a vocês que eu desejo que todas as famílias do Brasil tenham oportunidade igual a de vocês, de realizar seus sonhos. Vocês agora são responsáveis pelo sonho de vocês que virou realidade. Então, cuidem bem dele, agora é tudo com vocês.

Um abraço e muito obrigada.

Ouçã a íntegra do [discurso](http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-cerimonia-de-entrega-de-unidades-habitacionais-dos-residenciais-santo-antonio-e-amendoeira-em-sao-luiz-ma-e-entrega-silmultaneas-de-unidades-em-caxias-ma-em-campo-grande-ms-e-em-anastacio) (<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-cerimonia-de-entrega-de-unidades-habitacionais-dos-residenciais-santo-antonio-e-amendoeira-em-sao-luiz-ma-e-entrega-silmultaneas-de-unidades-em-caxias-ma-em-campo-grande-ms-e-em-anastacio>) (24min27) da presidenta Dilma.

# 10-08-2015 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de inauguração do Terminal de Grãos do Maranhão - TEGRAM - São Luís/MA

São Luís-MA, 10 de agosto de 2015

Boa tarde a todos

Eu queria cumprimentar, inicialmente, os funcionários e colaboradores aqui do Tegram e da EMAP,

Cumprimentar o nosso querido governador, parceiro, Flávio Dino,

A primeira-dama, Daniele Lima,

O senhor Wellington Dias, governador do Piauí, que nos honra hoje com sua presença aqui,

Cumprimentar os ministros de Estado: Edinho Araújo, da Secretaria de Portos da Presidência; a ministra Kátia Abreu, da Agricultura, Pecuária e Abastecimento.

Queria cumprimentar o senador Edison Lobão,

Cumprimentar o prefeito de São Luís, Edivaldo Holanda Júnior, e a primeira-dama, Camila Braga,

Cumprimentar o deputado Humberto Coutinho, presidente da Assembleia Legislativa do Maranhão, e em nome dele cumprimento todos os deputados estaduais aqui presentes nessa cerimônia.

Cumprimentar o senhor Gastão Vieira, ex-ministro do Turismo do meu governo,

Cumprimentar os deputados federais: Alberto Filho, Aluisio Mendes, Cleber Verde, Chico Lopes, Jandira Feghali, Jô Moraes, Orlando Silva, Pedro Fernandes, Rubens Pereira Júnior,

Cumprimentar o senhor Mário Macieira, presidente da OAB do Maranhão,

Cumprimentar o senhor Ted Lago, presidente da EMAP,

Cumprimentar o senhor Elcio Gasparine, presidente do consórcio do Terminal de Grãos do Maranhão, Tegram,

Cumprimentar os movimentos sindicais e seus representantes: a Maria Adriana Oliveira, da CUT; o Joel Nascimento, da CTB; o Luiz Henrique, da Nova Central; o Ivan Júnior, representante dos estivadores do Porto de Itaqui,

Cumprimentar as senhoras e os senhores jornalistas, senhores fotógrafos e os senhores cinegrafistas.

Nós temos de ter consciência de que o Brasil não está parado. O Brasil, nos últimos anos, fez um enorme esforço na área de infraestrutura, principalmente, rodovias, ferrovias, portos e aeroportos. Na área de logística, nós temos hoje, aqui, a honra e o prazer de inaugurar o Terminal de Grãos do Maranhão, que é uma obra exemplar deste esforço que o Brasil vem fazendo.

Como toda obra de infraestrutura, ela geralmente, se não tem direta, tem indiretamente, mas ela tem, neste caso, uma parceria direta entre o governo federal e um consórcio privado de quatro empresas, que é o administrador do Tegram. Esse esforço pelo Tegram, ele tem uma interconexão, está ligado, também, ao desenvolvimento no Brasil extremamente forte da área de produção de grãos, de produção de proteínas, de minérios, enfim, de cargas geral. Mas, sobretudo, aqui no caso é um terminal de grãos e nós temos de atender às condições de comercialização desses grãos: 60% da soja e do milho do Brasil são plantados acima do paralelo 16 e tem uma concentração muito grande nessa região. Para escoar, pelo menos, os 30 bilhões de toneladas por Itaquí, nós tivemos de fazer esse esforço e investir nesses portos. Itaquí diminui o tempo que nós temos para ir até Rotterdam, onde se chega ao mercado europeu. E também permite, pela localização do Maranhão, que nós tenhamos acesso muito mais rápido aos portos da Ásia, via o canal do Panamá.

Então, este porto, ele cumpre um papel importante para o Maranhão, para toda a região acima do paralelo 16 e para o Brasil porque, também, ele descongestiona o que o ministro Edinho chamou de arco sul, que é o porto, que são, aliás, os portos de Santos e Paranaguá, sobretudo. Tem mais: tem os de Santa Catarina todos e tem, lá no Rio Grande do Sul, o porto de Rio Grande. Mas a concentração imensa durante a safra, a gente vê isso noticiado nos jornais, leva a necessidade do Brasil desconcentrar a sua logística, ampliando a saída para o Norte. Tanto ampliando essa saída para todo o sistema hidroviário da bacia Amazônica, mas também ampliando, através de ferrovia, da ferrovia Norte-Sul, da ferrovia Transnordestina, das estradas, da futura hidrovia, que nós temos certeza que ainda vai se concretizar, ampliando a infraestrutura do Brasil.

E esse terminal aqui, com cinco milhões de toneladas, que na primeira fase vai permitir que a gente acesse a vários mercados consumidores do mundo e ampliando a nossa competitividade, mostra como o Maranhão é um estado importante, não só porque aqui nós estamos em plena área do MATOPIBA, na região de Balsas, mas também porque ele passa a ser um dos pontos focais da infraestrutura logística do nosso país.

Daí, é importante um ato desses; ele demonstra com clareza algumas coisas. Primeiro, como eu comecei o discurso: o Brasil não está parado. O Brasil tem um estoque de investimentos em infraestrutura que estão sendo maturados, ou seja, começaram lá atrás e agora estão sendo entregues. Nos últimos quatro anos, nós nos esforçamos por isso, e nos últimos, praticamente a partir do PAC, que foi em 2007, nós fizemos um grande esforço em prol da infraestrutura logística do país.

Vamos lembrar que a Norte-Sul praticamente saía de Açailândia e ia até Aguiarnópolis e só. Hoje, além de Aguiarnópolis ela desce até Palmas - isso já está construído - desce até Anápolis, está construído, e chega a Estrela d'Oeste, em São Paulo, ligando o Brasil lá de São Paulo até aqui. Nós pretendemos estender isso até o porto do Rio Grande, esse é o projeto, mas a gente faz - como projeto - a gente faz passo a passo. Então, essa é a primeira coisa que esse Tegram, esse terminal, aqui, o porto evidencia.

O segundo é uma parceria exitosa entre o consórcio - que é privado - e o governo federal. Por que eu falo dessa parceria entre o consórcio privado e o governo federal? Porque aqui foram investidos R\$ 640 milhões. Esses R\$ 640 milhões são investimentos privados, mas tiveram o suporte do BNDES, que é um banco público e também do Banco do Nordeste, que é outro banco público, isso num total de R\$ 245 milhões. Obviamente, vocês sabem que não se viabiliza investimento em infraestrutura a taxas pura e simplesmente de mercado. Para fazer infraestrutura, nós fomentamos, o governo federal arca com uma sustentação, tanto dos prazos quanto das taxas de juros.

Por outro lado, eu tenho certeza que a construção, também, do berço 108, aqui em Itaquí, que está praticamente concluída - como o Ted falou para mim -, nós vamos ter, também aqui, um terminal líquido muito importante para escoar - e daí, também, eu entendo a presença do Wellington: ele veio conferir se o terminal de líquidos escoar para o Piauí. É uma integração entre dois estados do Norte do país essencial. Uma integração que é essencial.

Além disso, eu queria dizer para vocês que o nosso país, hoje, ele tem uma diferença do país de antes. E por isso nós nos sentimos muito mais em condições de enfrentar as dificuldades, que acreditamos transitórias, que a economia brasileira enfrenta, justamente pela quantidade de investimento realizado em infraestrutura nos últimos anos. Veja bem, nós temos praticamente a Norte-Sul concluída até São Paulo. Isso não existia no Brasil. Nós teremos, necessariamente, os resultados que nós plantamos nos últimos sete anos: são 6.870 quilômetros de rodovias construídas ou duplicadas. Quase dois mil quilômetros de ferrovias que foram implantadas; portos, aeroportos que estão passando por reformas e ampliações.

Mas eu creio que, sobretudo na área de portos, nós tivemos uma verdadeira revolução com a Lei de Portos aprovada em 2013. E isso vai permitir não só que, mesmo a gente considerando que o mundo passa por uma crise e que nós vivemos o fim do chamado superciclo das commodities, é justamente agora que a nossa infraestrutura vai ser chamada a ter um desempenho para garantir a nossa competitividade. Agora não tem aquele boom de preços e de quantidades que a industrialização da China colocou para o mundo. Então, nós vamos ter de contar com os nossos recursos, com os nossos portos e com as nossas as nossas ferrovias, o esforço de nossos empresários, para atingir esse novo patamar e nos expandir cada vez mais. Estamos também na segunda fase desse Projeto de Investimento em Logística [Programa] e aqui nós teremos, também, investimentos que vão beneficiar todo o arco norte do sistema portuário brasileiro.

Nós queremos dizer que nós vamos continuar construindo essa pujança do Brasil nessa região. No passado, o Norte e o Nordeste do País não eram considerados como sendo estratégicos para o desenvolvimento do País. Hoje, quem desconhecer o Norte e o Nordeste está fazendo um desserviço ao país. O Norte e Nordeste se constituem na grande fronteira de crescimento e aí eu não poderia encerrar sem falar no chamado MATOPIBA, que, quando a gente olha assim no mapa, parece um grande feijão, um grande grão de feijão, e ali está a nova fronteira agrícola do nosso País. Que país, que no século 21, pode se dar ao luxo de ter uma fronteira agrícola? A sétima economia do mundo, o Brasil. O Brasil tem, nessa área, uma das maiores oportunidades de crescimento, de desenvolvimento, de mostrar a sua competitividade, o seu potencial e a sua prosperidade para todos os brasileiros, não só para os brasileiros dessa região, porque isso faz a roda da economia girar. E quando ela gira, ela beneficia com emprego e renda; ela beneficia com novas oportunidades; ela beneficia com mais infraestrutura de qualidade. Ela beneficia todo o país.

Então eu queria, primeiro, cumprimentar aqui a todos que participaram desse esforço: ao governador, ao prefeito, ao consórcio privado, à EMAP, enfim, a todos, e dizer que quem está também de parabéns, são aqueles funcionários, trabalhadores maranhenses que construíram - sobretudo maranhenses, porque eu vi que tinha também muitos trabalhadores de outros estados do Brasil -, mas estou me referindo aqui, também, aos maranhenses, sobretudo pela maior quantidade. Cumprimentá-los por terem construído esse novo Brasil que está nascendo e que vai ser responsável por garantir que a nossa travessia de um momento de dificuldades para um outro momento, que é o momento da prosperidade e do crescimento, seja mais breve possível.

Muito obrigado e parabéns a vocês.

Ouçã a íntegra (15min24s) do [discurso](http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-cerimonia-de-inauguracao-do-terminal-de-graos-do-maranhao-tegram-sao-luis-ma-15min24s)  
(<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-cerimonia-de-inauguracao-do-terminal-de-graos-do-maranhao-tegram-sao-luis-ma-15min24s>)  
da Presidenta Dilma Rousseff

# 11-08-2015 - Discurso da presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de anúncio do Programa de Investimento em Energia Elétrica - Brasília/DF

Brasília-DF, 11 de agosto de 2015

Bom dia a todos.

Eu queria cumprimentar o vice-presidente da República, Michel Temer,

Cumprimentar os ministros de Estado aqui presentes, cumprimentando o ministro Eduardo Braga, de Minas e Energia; e a ministra Izabella Teixeira, do Meio Ambiente. Em nome deles cumprimento os demais ministros,

Cumprimentar os senadores: José Pimentel, líder do governo no Congresso Nacional; Acir Gurgacz, Ângela Portela, Blairo Maggi, Ciro Nogueira, Dário Berger, Edison Lobão, Eunício Oliveira, Gladson Cameli, Hélio José, Humberto Costa, Ivo Cassol, João Alberto, Marcelo Crivella, Paulo Rocha, Romero Jucá, Sandra Braga, Telmário Mota, Valdir Raupp, Vanessa Grazziotin e Vicentinho Alves,

Querida cumprimentar os deputados federais aqui presentes: Adelmo Leão, Afonso Motta, Benedita da Silva, Celso Maldaner, César Messias, Conceição Sampaio, Fábio Garcia, Fernando Marroni,

Cumprimentar o presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, Luciano Coutinho,

Cumprimentar o presidente da Empresa de Pesquisa Energética, Maurício Tolmasquim,

Cumprimentar o diretor-geral da Aneel, Romeu Rufino,

Cumprimentar todos os dirigentes, senhoras e senhores, do setor elétrico e do setor energético brasileiro,

Cumprimentar os senhores jornalistas, os senhores fotógrafos, os senhores cinegrafistas.

Senhoras e senhores,

Os investimentos que hoje aqui estamos anunciando vão ampliar, eu tenho certeza, de forma decisiva a solidez do sistema de produção, geração e transmissão de energia em nosso país.

Nós sabemos que um dos grandes desafios de um país é ter energia disponível e segura. A ausência de energia elétrica compromete, sob quaisquer circunstâncias, o crescimento de um país. E ele, esse crescimento, ele tem a sua garantia dada pela disponibilidade dessa energia tanto no que se refere à sua segurança quanto à modicidade tarifária.

Quando eu cheguei ao governo federal em 2003, eu fui convidada pelo presidente Lula para integrar o Ministério de Minas e Energia. Naquela época, nós tínhamos um país que passara por um processo extremamente delicado, pois tínhamos tido um racionamento, um verdadeiro desafio diante do fato que em 2001, entre 2001 e 2002, nós tínhamos tido um colapso de energia elétrica. Aí nós aqui presentes - inclusive, queria cumprimentar o então secretário-executivo do Ministério de Minas e Energia, Maurício Tolmasquim -, junto com os empresários do setor, nós remodelamos o marco regulatório há mais de dez anos atrás. E um dos princípios fundamentais desse marco era a segurança energética e somado à modicidade tarifária. A primeira constatação que tivemos é que o Brasil não era mais um país

que tinha por base só a hidroeletricidade, ele teria que ser um país termoelétrico. E para isso nós contávamos com a importância de planejar. Sem planejamento de médio e de longo prazo, o setor elétrico, que tem investimentos extremamente complexos, ele não se projeta, ele não consegue se viabilizar. Portanto, era importante recuperar a capacidade de planejamento do país. E também recuperar e incentivar a modernização do sistema e isso estava já em andamento - e aqui também quero cumprimentar Hermes Chipp, que é hoje o diretor do ONS, o Operador Nacional do Sistema, que opera esse sistema complexo em tempo real.

Assim nós chegamos a esse modelo e com ele nós garantimos a capacidade de expansão e de geração de energia elétrica. Isso permitiu que entre 2001 e 2014 mais de 60% de crescimento tivesse ocorrido passando o Brasil de 80 mil megawatts para 134 mil megawatts. Somente nos últimos quatro anos do meu mandato, nós acrescentamos mais de 21 mil megawatts, ou seja, 41% da expansão total. E quero dizer também que ampliamos a rede de transmissão, que passou de 70 mil km de linha de transmissão, se a gente contar o ano do racionamento, 2001, para mais de 120 mil km hoje em 2014. É isso que permite que eu afirme com segurança que hoje o setor elétrico brasileiro, além de ser um setor robusto, ele está baseado muito mais numa combinação hidrotérmica. Nós precisamos da energia hídrica pra segurar modicidade tarifária. Precisamos da energia térmica para garantir a segurança do sistema. Precisamos de linhas de transmissão espalhadas por todo o território do Brasil para garantir as duas coisas, tanto a segurança, porque quando sobra energia em uma região, você tem que transmitir para outra, e isso diminui o custo e o preço também da energia.

Então, esse é um sistema que tem, e trabalha, ele não trabalha, e isso é importante dizer, ele não trabalha com certezas lineares. Ele trabalha com probabilidade, porque nunca se sabe quando vai chover, nunca se sabe. E isso é algo que nós seres humanos sempre nos angustiamos. Por isso que é um sistema hidrotérmico. Porque a térmica garante que quando não chove nós tenhamos fontes de geração de energia. Daí eu cumprimento o ministro pela apresentação desse plano de energia elétrica. Esse plano nacional de expansão que dá um horizonte de crescimento. E aí ele permite que empresas calculem, ele cria todo um cenário em que aqueles que querem investir em energia tenham a possibilidade de investir. Aqueles que precisam da energia para crescer saibam quanto há de energia suficiente. Nós, nesse processo, sempre optamos por dar ênfase à geração hidrelétrica. Por isso, pra nós é crucial e vocês veem ali que é 11 mil megawatts, porque é em cima da energia hidrelétrica que está a competitividade do nosso sistema, a possibilidade de termos tarifas mais baratas. Por quê? Porque você não cobra a água, mas é obrigado a pagar pelos outros combustíveis.

Então, eu quero dizer que enfrentando a maior crise hídrica, eu acho, da história do nosso país - há quatro anos o Nordeste está passando por uma hidrologia extremamente negativa e o mais surpreendente é também que nos últimos dois anos o Sudeste teve um desempenho mais extremamente abaixo da meta -, nós continuamos dando sustentação ao sistema. Nós não tivemos racionamento, é verdade, sem sombra de dúvida, que as contas de luz aumentaram e por isso nós lastimamos. Mas elas aumentaram, justamente, porque diante da falta de energia para sustentar a existência de luz, nós tivemos que usar as termoelétricas e, por isso, pagar bem mais do que pagamos se houvesse apenas energia hidrelétrica no nosso sistema. Daí eu cumprimento todo esse esforço de respaldo, de uma relação conjunta com o Congresso Nacional no sentido de nós fazermos um "fast track", ou seja, um caminho rápido e seguro quando se tratar de licenciamentos que são estratégicos para o crescimento do país no médio e no longo prazo. Porque esse é um sistema que sempre tem que olhar o médio e o longo prazo. São o médio e o longo prazo que garantem que hoje tenha energia elétrica. Foram decisões tomadas lá atrás que garantem isso. Assim, eu queria também cumprimentar aqui o ministro Lobão, ministro de Minas e Energia, que esteve sobre ele a responsabilidade dessas decisões há tempos atrás.

Eu tenho certeza que agora nós estamos numa situação bem melhor. E aí, esse encarecimento do fornecimento de luz começa a ser progressivamente revertido. No sábado passado, o ministro me informou que começamos a desligar as termoelétricas. O que é possível graças ao aumento das chuvas e ao enchimento dos reservatórios. Isso vai permitir uma redução no custo da bandeira vermelha que a Aneel irá estabelecer e que, pela

legislação, passa por consulta pública e que se calcula que terá uma referência em torno de 15 a 20% de redução na bandeira. Essa é uma estimativa. Não é, não sabemos o que vai resultar dessa consulta, mas é uma estimativa feita pelos órgãos do Ministério.

Também é verdade que se a gente não tivesse promovido a redução das tarifas em 18% para as residências e 32% para as indústrias, lá em 2013, as contas de luz hoje estariam muito mais altas. Mas nós acreditamos que, com a regularização do sistema hidrológico no Brasil, nós teremos mais e melhores notícias a dar nesse sentido. Eu quero dizer que, para nós, esse Programa de Investimento em Energia Elétrica 2015-2018, ele completa um conjunto de programas de investimento na área de infraestrutura junto com o Programa de Investimento em Logística. O Programa de Investimento em Logística contempla, na verdade, rodovias, ferrovias, portos e aeroportos. O de Energia Elétrica, transmissão e geração de energia elétrica.

Dentro desse sistema de geração e transmissão de energia elétrica, nós temos, como o ministro mostrou, cadeias produtivas importantes. Ele destacou a eólica e a solar. E eu quero destacar aqui uma das mais importantes cadeias produtivas do Brasil que é a da biomassa. Por que a da biomassa? Porque a biomassa é produtora tanto de combustível quanto de energia elétrica. Ela produz para a matriz elétrica brasileira, produz etanol para a matriz de combustível e produz biomassa a partir da mesma unidade que produz etanol. Isso é algo que é o que a gente pode chamar um produto brasileiro, ou como alguns falam, uma jabuticaba brasileira. O fato de que você tenha em uma unidade, em uma cadeia produtiva essa complementaridade tão alta. E aí eu quero dizer para os senhores que o Brasil, ele tem uma importância internacional. Essa importância internacional está dada pelo fato de que na área mais difícil de reduzir gases, emissões de gases de efeito estufa, nós temos um diferencial imenso que é na área de energia, tanto por conta do etanol quanto por conta da participação, um, da eletricidade; dois, das pequenas centrais hidrelétricas da eólica, da solar e da biomassa.

É por isso que nós, agora na minha visita aos Estados Unidos, fomos chamados a participar, conjuntamente com os Estados Unidos, de uma declaração importantíssima que é o fato de que nos comprometemos no horizonte de 2030, a ter na nossa matriz elétrica, tirando as hidrelétricas, 20% de fontes renováveis, fontes alternativas e renováveis. Essa decisão é uma decisão muito importante porque foi tomada por nós e pelos Estados Unidos. Os Estados Unidos também se comprometeram a ter essa redução. Isso será muito importante quando chegar novembro e lá na Conferência do Clima, em Paris, os diferentes países se manifestarem. É um marco e é um diferencial que marca o Brasil também.

Daí eu diria para os senhores que esse compromisso, também, nós iremos discutir com outros países do mundo. Porque trata-se de garantir que essa Conferência do Clima, a COP 21, seja um sucesso.

Para nós, que já definimos no passado uma redução mínima de 36% das emissões, é algo factível, para os países desenvolvidos, representará um grande esforço. Por que eu estou dizendo isso? Porque pelo impacto que se terá na cadeia produtiva de todas as formas de geração de energia alternativa. Não é só o Brasil que entra nisso. São os Estados Unidos. Então, isso implica que um dos maiores países demandantes de energia vai se preocupar e ampliar a cadeia produtiva. E isso permitirá que nós também possamos ter oportunidades de negócios nessa área. Poderemos, inclusive, exportar, não só produzir para nós, mas exportar máquinas e equipamentos e processos.

Bom, eu considero que os [R\$] 195 bilhões, que é algo importante de ser destacado por mim, porque é um impulso que nós vamos dar no horizonte do meu governo, se a gente contar entre os [R\$] 114 bilhões, que são aqueles projetos já em andamento e os [R\$] 81 bilhões que nós vamos dar início a partir desse momento, então totalizando [R\$] 195 [bilhões]. Com isso, essa se torna uma alavanca de crescimento da infraestrutura no Brasil. E se torna um fator também de sustentação do investimento e, portanto, um benefício no sentido da retomada do crescimento econômico.

Eu quero dizer para vocês mais uma vez que nós estamos trabalhando, e eu estou trabalhando, meus ministros estão trabalhando, sem descanso para que o Brasil vença esse período de dificuldades e ajustes. Esse período que queremos que seja temporário. Eu tenho certeza que nós chegaremos muito mais fortes do outro lado dessa travessia, assim como o risco da falta de energia recuou, também recuou o déficit de conta corrente, porque ele diminuiu. Porque nós estamos aumentando nosso superávit comercial. E tenho certeza que a inflação caminha para a meta em 2016 e progressivamente em 2017. Os investimentos em energia vão continuar isso está claro. E a indústria brasileira, ela, sem sombra de dúvida, tem força suficiente para reagir. Nós temos que separar e que evidenciar que há uma diferença entre os impactos que ocorreram na indústria automobilística e de caminhões, e depois de anos de crescimento extremamente positivo, agora começa a se adaptar. E o impacto também que houve na cadeia de petróleo e gás no Brasil. Nós temos que diferenciar essas duas cadeiras do resto da indústria e saber que a indústria automobilística também, ela já está reagindo, retomando exportações, o que é essencial para o Brasil hoje.

E pensando também, como todos nós vamos ter que pensar agora, que é inequívoco que o fim desse superciclo das commodities chegou, nós temos que pensar em mais produtividade, mais eficiência. Que a indústria do petróleo também está reagindo com a recuperação da Petrobras. Uma Petrobras que tem que ficar mais ágil, mais focada e que sempre será uma empresa vencedora e uma empresa que nós temos que tratar como um patrimônio nacional. Sem ufanismo, sem qualquer falsa ideologia, mas, sobretudo, pelo valor que nós temos que dar a algo que nós estamos discutindo aqui, que é a independência energética. A independência energética que faz do Brasil um país capaz de - em que pese a queda do preço do petróleo -, nós não reagimos de uma forma tão nefasta como outros países reagem a essa situação. Mas a Petrobras tem um valor intrínseco para nós, é um patrimônio que nós estamos cuidando e que deve proporcionar resultados a cada um dos acionistas aqui e ao redor do mundo, e que deve proporcionar resultados ao povo brasileiro, sem sombra de dúvida, seu maior acionista.

Uma das forças da economia brasileira é que há aqui muitas empresas brasileiras que são globais. Não só porque essas empresas atuam e têm fábricas ao redor do mundo, mas também porque investem nessas empresas acionistas de todo o mundo, investem nessas empresas. E elas têm qualidades inequívocas. Essas empresas também vão ser elementos essenciais para a retomada do crescimento econômico.

Eu sei que todas as empresas, todos os setores, todos os segmentos olham para o governo procurando que o governo sinalize que o governo dê claramente um sentido e um caminho para que essas empresas, esses setores, a sociedade, as pessoas nesse país, as famílias saibam quais são as providências que nós estamos tomando para reequilibrar a economia, para ampliar investimentos em logística e energia, para dar continuidade aos nossos programas sociais.

Nós temos que criar novos caminhos para o crescimento nesse mundo que hoje está muito diferente do mundo de dois anos atrás. Eu acredito que um dos sinais é esse plano energético, porque ele garante visibilidade em uma área que é estratégica para todo mundo, que é estratégica para a economia, permite que as empresas, os mercados planejem os próximos anos, para as indústrias e outros setores se organizarem, saberem que não vai faltar energia, que nós faremos todas as nossas ações, todos os nossos esforços no sentido de assegurar esse abastecimento. E sabendo que ele cria bem-estar, que ele cria a qualidade de vida, que ele cria riqueza. Essa é a sinalização que nós estamos dando hoje com esse plano. Uma sinalização, obviamente, que, da qual faz parte também nosso compromisso com a pluralidade, com a democracia e, sobretudo, com a certeza de que não é o governo que faz essas obras. É uma parceria determinada, que não tem como ser só da empresa privada ou só do governo. O setor elétrico é um setor que depende do governo e da iniciativa privada. Do governo, para dar os sinais corretos, da iniciativa privada, para recebê-los. Por isso todos os gargalos, todos os obstáculos a isso, nós temos que superar. Nós sabemos que marcos regulatórios no Brasil precisam ser melhorados para que nós tenhamos maior rapidez nos investimentos. Investimentos no Brasil, nessa área, quando atrasam são muito graves. E atrasam por vários fatores, não é só por um fator. Nós não podemos apontar

o dedo para ninguém e dizer: é só por esse fator. Mas sabemos que têm questões que têm que ser encaradas. Nós temos que encarar todas as questões ligadas ao licenciamento. Sabemos disso. Sabemos disso porque viemos fazendo isso. Nós fizemos todo o esforço nesse sentido. E aqui eu cumprimento a ministra Izabella, porque a ministra Izabella liderou esse esforço nos últimos anos. Muitas dessas hidrelétricas foram feitas com cuidado e rapidez, então eu a cumprimento por isso.

Nós sabemos ainda que esse momento é um momento difícil. E os obstáculos impostos nos momentos difíceis, quando eles têm que ser enfrentados, a melhor resposta é governar respeitando a democracia e honrando essa relação entre o setor público e o setor privado. Isso é essencial também para que o nosso país continue sendo um país de classe média. Porque nós tivemos essa capacidade de nos transformar em um país de classe média em menos de uma década. Nós, em 2003, tínhamos uma composição predominantemente de pobres, o Brasil era muito mais um país de pobres, da classe D e E, do que de qualquer outra classe. Hoje nós somos um país que está majoritariamente nas classes C, A e B. É esse valor que cria um mercado interno do tamanho do nosso que nós temos que preservar retomando o crescimento, gerando emprego, gerando renda e assegurando que programas cruciais, como o da Pátria Educadora, continuem operando e sejam ampliados e possam avançar. Para isso, eu tenho certeza que esse plano de energia elétrica, de investimento em energia elétrica 2015-2018, hoje aqui lançado pelo ministro Eduardo Braga, ele faz parte de um caminho de retomada. E mais do que isso, de uma sinalização de futuro. Porque nós sabemos que o que nós decidimos aqui hoje também terá impacto daqui a sete, oito, nove, dez anos.

Muito obrigada.

▣  
Ouça a íntegra do [discurso](http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-na-cerimonia-de-anuncio-do-programa-de-investimento-em-energia-eletrica-brasilia-df-28min23s) (<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-na-cerimonia-de-anuncio-do-programa-de-investimento-em-energia-eletrica-brasilia-df-28min23s>) (28min23s) da presidenta Dilma.

# 11-08-2015 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante reunião com atletas e dirigentes de clubes de futebol - Palácio do Planalto

Palácio do Planalto, 11 de agosto de 2015

Eu queria cumprimentar a todos aqui nesta reunião, que é uma reunião um tanto quanto informal,

E queria cumprimentar tanto o George Hilton, ministro do Esporte, como o ministro Edinho Silva, da Secretaria de Comunicação Social. E, cumprimentando eles, eu cumprimento todos os integrantes do meu governo que participaram desse esforço, junto com os clubes, junto com o Bom Senso Futebol Clube, junto com os parlamentares, tanto da Câmara quanto do Senado,

Quero cumprimentar também o relator da Medida Provisória do Futebol, Otávio Leite, que deu uma grande contribuição,

Cumprimentar o Afonso Ramos, o Andrés Sanchez, a Gorete Pereira, Goulart, o Hélio Leite, Johnathan de Jesus, João Derly, José Rocha, Marcos Vicente, Marcelo Aro, Márcio Marinho, Orlando Silva, Rogério Marinho, Vicente Cândido e todos aqueles que eu não nomeiei, que não estão aqui, mas que participaram efetivamente da aprovação e da própria melhoria da Legislação,

Quero cumprimentar o Eduardo Carvalho Bandeira de Mello, presidente do Clube de Regatas do Flamengo. Ao cumprimentá-lo, cumprimento todos os dirigentes de clubes de futebol aqui presentes. E cumprimento também o Eduardo Mello pela atitude vanguardista que ele teve no que se refere a transformar o Flamengo em um clube profissionalizado, com transparência, grande capacidade de governança,

Cumprimento também o presidente do Bom Senso Futebol Clube, o Ricardo Borges. E ao cumprimentá-lo, quero cumprimentar todos os integrantes do Bom Senso que tiveram o bom senso de vir aqui discutir conosco e levantar uma série de questões que muito contribuíram para que a gente chegasse a essa elaboração,

Quero agradecer também ao Thiago Gasparino e dizer a ele que, de fato, nós ficamos bastante comovidos com o relato dele,

Cumprimentar o Walter de Mattos, editor do jornal O Lance, por meio de quem cumprimento todos os cronistas esportivos, que sempre foram muito ativos nessa questão de um início de uma reforma do nosso futebol,

Cumprimentar também os jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas aqui presentes.

Nós temos hoje uma legislação que, neste processo de elaboração, discussão, diálogo, debate, é produto de uma porção de mãos, de muitas cabeças e de muitos corações. Esta legislação, que foi sancionada por mim, ela vai permitir - e que, de fato, é como se fosse uma lei de responsabilidade fiscal do futebol -, ela vai permitir uma renegociação das dívidas. E isso vai trazer, eu tenho certeza, um grande alívio aos clubes de futebol e em alguns casos, inclusive, vai viabilizá-los.

Esse é o efeito, eu acho, de curto prazo, o efeito mais imediato da Legislação. Mas essa Legislação é também um ponto de partida, é um ponto de chegada. Um ponto de chegada em que todos os senhores trabalharam, se empenharam, e se apaixonaram, porque quando

se fala de futebol a gente fala mais de coração, mais de sentimento, mas também tem que falar de razão.

Então, é um ponto de partida, eu acredito, para um processo de modernização que todos nós queremos, de modernização, de profissionalização, de melhoria de gestão. Em todos os setores da atividade humana isso é necessário, sempre é necessário que a gente tenha esses processos, que são processos que vão ser responsáveis, depois, por frutos que nós iremos colher. E eu tenho que certeza que nós iremos colher bastantes frutos dessa Legislação.

Nós apoiamos o saneamento financeiro dos clubes e vamos garantir condições adequadas para o parcelamento das dívidas. E, sobretudo, o que nós queremos é que essa renegociação resulte em um equilíbrio financeiro sustentável, ou seja, que tenha durabilidade e que seja viável. Nós esperamos também que todas as responsabilidades assumidas como contrapartidas sejam cumpridas. E nós certamente teremos de zelar por isso em nome do interesse público.

Muitos disseram, muitos não, alguns poucos disseram que essa Legislação era uma intervenção na organização do futebol. Eu não concordo com isso. Eu acho que essa legislação, ela simplesmente tenta resolver alguns problemas que nós aprendemos ao longo do tempo. Experiências anteriores mostraram que era necessário um programa de saneamento sério e, ao mesmo tempo, que fosse efetivo, porque de nada adianta se fazer um saneamento que não seja efetivo, ou seja, que não vai permitir que os clubes tenham condições de se sanear, de pagar suas dívidas. Nesse sentido eu acredito que nós vamos ter que tirar dessa lei três questões fundamentais: nós vamos ter que assegurar que essa lei permita melhores condições de governança, que permita mais transparência e que permita também responsabilidade fiscal. Que ela resulte em algo que seja muito bom para os clubes, muito bom para os atletas e muito bom para todos aqueles que são os responsáveis últimos por essa operação de saneamento, que é o povo que paga imposto.

Então, eu tenho certeza que os clubes brasileiros vão passar por uma grande modernização e vão se transformar em verdadeiras empresas futebolísticas. Eu falo empresas futebolísticas porque, além de olhar, obviamente, as suas condições financeiras, vão ter que olhar as condições dos atletas. E aí, uma das questões mais importantes para nós é a difusão de relações profissionais, respeitadas com os atletas. E eu vou dizer aqui uma coisa que eu disse quando enviei a MP para o Congresso: que nós não queríamos mais exportar jogadores, que nós queríamos exportar o espetáculo. Porque exportar o espetáculo é exportar agregação de valor, o conjunto da agregação de valor que nós todos sabemos que o futebol brasileiro é capaz e é competente para fazer. Em qualquer lugar que se vá, um dos assuntos levantados - eu que viajo e tenho contato com dirigentes estrangeiros -, um dos assuntos que sempre é colocado na pauta é a beleza, a beleza imensa do futebol brasileiro. Essa beleza que conquistou o mundo e que faz com que, sempre que entrar a equipe verde-amarela, você vai ter, não só os 203 milhões de brasileiros torcendo mas, no mundo, você terá também milhões e milhões de pessoas torcendo pelo nosso futebol.

Então, eu acho que o que está em jogo é que o jogo está começando. E agora o jogo é com os senhores. Nós esperamos que essa legislação, ela contribua, de fato, para que esse jogo seja jogado, e seja jogado com toda a competência que caracteriza o futebol desse país, nos seus diferentes clubes.

Eu estou vendo ali, e acho que isso é uma coisa muito importante. Os clubes dão, eu acho, um sentido ético também para a vida na sociedade. Eles mostram que no esporte você tem que se esforçar. Sem trabalho ninguém consegue nada, sem o suor do rosto ninguém consegue nada. Primeira grande contribuição que clubes e esporte e atletas podem dar. A segunda é que ninguém ganha sozinho, é preciso de equipe, é preciso que você tenha capacidade de construir uma equipe. E terceiro, que eu acho que também é algo fundamental, eu acho um sentido de honra e de respeito ao adversário que todo jogo de futebol, ele coloca na mesa quando, inclusive, tem aquela cena da troca de camisas entre dois clubes que acabaram de disputar renhidamente uma partida.

Então, trabalho, esse respeito pelos resultados, essa questão de jogar em equipe, tudo isso torna, também o fato de nós termos como paixão um esporte que é um esporte coletivo - uma grande, uma grande conquista para a nossa cultura característica.

Então, queria dizer a todos vocês, aos atletas que são a base fundamental de tudo isso que nós estamos falando e vivendo, aos clubes, quero dizer também a todos os senadores e aos deputados que ajudaram nesse processo. E homenagem a todos aqui, agradeço também a todos os integrantes do governo que participaram e que se dedicaram a isso. E em especial ao ministro Edinho Silva e ao ministro George Hilton do Esporte.

Então, muito obrigada e muito bom jogo para vocês. E espero que a gente cumpra tudo o prometido.

Ouça a íntegra(11min36s) do discurso  
(<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-reuniao-dos-atletas-e-dirigentes-de-clubes-de-futebol-brasilia-df-11min36s>) da Presidenta Dilma Rousseff

# **12-08-2015 - Discurso da presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de formatura da turma Paulo Kol 2013 - 2015, do curso de formação do Instituto Rio Branco e de imposição de Insígnias da Ordem do Rio Branco - Brasília/DF**

**Brasília-DF, 12 de agosto de 2015**

Boa tarde a todos.

Embaixador Mauro Vieira, ministro das Relações Exteriores,

Senhoras e senhores chefes de missão diplomática acreditados junto ao meu governo,

Senhor Aloizio Mercadante, ministro-chefe da Casa Civil da Presidência da República,

Embaixador Sérgio Danese, secretário-geral do Ministério de Relações Exteriores,

Embaixador José Alfredo Graça Lima, subsecretário-geral político do Ministério das Relações Exteriores e paraninfo da turma Paulo Kol,

Senhores embaixadores e secretários-gerais Luiz Felipe de Seixas Correia, Samuel Pinheiro Guimaraes, Rui Nogueira,

Senhoras e senhores embaixadores,

Embaixador Gonçalo Melo Mourão, diretor-geral do Instituto Rio Branco,

Conselheiro Eduardo Uziel, professor de Organizações Políticas Internacionais do Instituto Rio Branco, homenageado pela turma de formandos,

Secretário João Lucas Igino Santana, orador da turma Paulo Kol,

Queria cuprimentar também o Alexandre Piana Lemos, ganhador do prêmio Prata Lafayette Carvalho e Silva,

O Felipe Neves Caetano Ribeiro, ganhador do prêmio Bronze Lafayette Carvalho e Silva,

Cumprimentar o Guilherme Rafael Raicoski, prêmio (incompreensível) Barão do Rio Branco,

Pedro Mariano Martins Pontes, prêmio prata do Barão de Rio Branco,

Queria cumprimentar também os familiares do Professor Paulo Kol,

Cumprimentar os secretários e secretárias formandos do Instituto Rio Branco,

Cumprimentar as senhoras e senhores familiares,

As senhoras e senhores fotógrafos, jornalistas e cinegrafistas.

Quero, inicialmente, expressar minha grande satisfação em poder participar desta cerimônia em que acolhemos diplomatas da turma 2013-2015 do Instituto Rio Branco e também festejamos os 70 anos desta instituição.

São sete décadas de excelência que permitiram ao Brasil garantir uma forte presença no mundo.

São sete décadas da formação de uma carreira de Estado essencial para o Brasil.

Minhas primeiras palavras são dirigidas aos formandos, a seus pais, parentes e amigos, que celebram no dia de hoje a conclusão de um esforço e um sonho e o início de uma carreira de serviço à Nação, à nossa Pátria. Faço menção especial também aos diplomatas que, vindos de outros países, compartilharam com nossos alunos brasileiros este período de formação.

Caros formandos,

A ação futura de vocês, jovens diplomatas, articulará duas dimensões essenciais da democracia – a defesa da soberania nacional e o respeito à soberania popular que é que é base também do nosso processo de inclusão social.

O Estado nacional brasileiro só é respeitado no mundo na medida em que, em nosso território, se exerce e se respeita plenamente a soberania popular. Esta soberania significa submissão à vontade geral, expressa nas urnas. Dela depende o cumprimento do programa econômico, social e político de mudanças que a sociedade escolhe sistematicamente de quatro em quatro anos.

Aos diplomatas corresponde articular esta dupla postura: cuidar para que os fatores internacionais não criem constrangimentos ao livre exercício da soberania, tanto popular como nacional e, ao mesmo tempo, fazer desta um trunfo maior de nosso pertencimento à comunidade internacional.

Será no exercício da ação diplomática que empreenderemos e compreenderemos a estreita relação entre a soberania de nossos países e o respeito a soberania dos demais países através do multilateralismo. São duas faces da democracia que nos impõem respeitar a diversidade de nossas sociedades e respeitar a adversidade que o mundo apresenta.

Vivemos, nos últimos anos, uma fascinante experiência de construção da democracia em nosso País. Experiência fascinante porque complexa, bastante complexa, e ainda inconclusa.

Complexa porque a sociedade brasileira compreendeu que nossa democracia não seria efetiva se se contentasse apenas com a necessária Constituição, imprescindível Constituição de um Estado Democrático de Direito. Era fundamental acrescentar a ela uma dimensão econômica e social, acrescentar à nossa democracia essa dimensão, para começar a resolver o problema que historicamente marcava o nosso País – a desigualdade.

Inconclusa, porque toda democracia é um processo constante, permanente e infindo, que ganha novas dimensões constantemente, novas metas, novos objetivos.

Passamos a ser respeitados no mundo na medida em que unimos essas duas dimensões da democracia – a liberdade e a justiça social.

A vocês será exigida sempre uma maior atenção às mutações da cena mundial – cada dia mais imprevisível - posto que a globalização multiplica laços de dependência e cria constrangimentos que temos de bem entender, para bem superar.

Vivemos hoje grandes incertezas ainda na economia internacional. O impacto da crise de 2008 – a maior desde 1929 – ainda se faz sentir. E, agora, particularmente nos países em desenvolvimento.

Essa foi a principal razão das medidas econômicas que tivemos de adotar recentemente para minorar os efeitos locais de uma prolongada recessão mundial. O reequilíbrio que estamos implementando deverá restaurar em breve, em muito breve prazo, não só as bases de um novo ciclo de crescimento, como deve melhorar nossa inserção competitiva no mundo.

Nesse último aspecto, as iniciativas de nossa política externa têm sido fundamentais. E cada dia que passar, o serão mais ainda. Necessitamos voltar a ampliar nosso comércio exterior e, para isso, o Itamaraty continuará a ser chamado a realizar o eficiente trabalho de apoio e de

construção das condições para exportação de bens e serviços, para a atração e exportação de investimentos para o nosso País e leva-los para o mundo, sempre que assim exijam as nossas necessidades.

Igualmente necessitaremos de formação de cientistas e técnicos brasileiros nos centros de excelência internacional e do estabelecimento de parcerias tecnológicas, para garantir que nosso País ingresse em uma verdadeira sociedade do conhecimento.

Por essa razão, inclusive, visitei recentemente os Estados Unidos, privilegiando os contatos com seus centros de excelência científica e tecnológica.

Pelas mesmas razões estive em Bruxelas, transmitindo a intenção do Brasil – à União Europeia – e intenção que é também a do Mercosul – de ampliar comércio justo e de estabelecer parcerias produtivas.

Com esse mesmo propósito, receberei em alguns dias a chanceler alemã Angela Merkel e, no final deste ano, visitarei entre outros países, oficialmente, o Japão. Em todas essas iniciativas está presente também nossa disposição de fortalecer a infraestrutura energética e logística brasileira, indispensável para que aqui se consolide um novo ciclo de crescimento e aumente a nossa competitividade global.

Chamo a atenção, em particular, para o aprofundamento de nossas relações com a República Popular da China. Mantivemos com os dirigentes chineses vários contatos nos últimos meses, todos extremamente produtivos e que vão fortalecer nosso comércio, nossos investimentos e nossa cooperação.

Queridos diplomatas,

O mundo multilateral que defendemos está assumindo, a cada dia que passa, uma dimensão extremamente variada, muitas vezes complexa e crítica, mas necessariamente multipolar.

O peso fundamental que damos à América do Sul, à América Latina e ao Caribe decorre não só de nossa circunstância geográfica comum, de nossa proximidade política e cultural, mas também da convicção de que podemos constituir um polo global relevante, sobretudo, se formos capazes de superar os obstáculos que ainda nos separam. Somos mais 600 milhões de latino americanos e caribenhos.

Para realizar essa tarefa fortalecemos o Mercosul e criamos a Unasul e a Celac. Esses projetos de integração fortalecem o setor produtivo nacional. Eles asseguram, para os países [participantes], geração de trabalho e geração de renda. Contribuem para a redução das desigualdades.

Aqui, fica evidente que a política externa não é só um instrumento de projeção do País no mundo, mas também – e por isso mesmo – um elemento fundamental de nosso projeto nacional de desenvolvimento.

A integração nos nossos países sempre pressupôs a democracia. Ela só foi possível quando os povos de nossa região derrotaram as ditaduras, no século passado.

Sabemos que ela também é cada vez mais possível, porque empreendemos, nas últimas décadas, um forte processo de redução das desigualdades e de inclusão social. É fato que estamos sofrendo o fim do chamado superciclo das *commodities*. Mas é fato também que o potencial de cooperação que os nossos países têm facilitará, também, a superação das nossas dificuldades no curto prazo.

Além disso, é claro para todos os países do continente que devemos respeitar a democracia, os direitos humanos, não importa de que forma se revista, quando elas estão em risco.

A mesma preocupação em favorecer a formação de um mundo multipolar esteve também na origem da constituição do Ibas, com a Índia e a África do Sul, e, juntamente com a China e a Rússia, além da Índia da África do Sul, na formação do chamado bloco dos Brics. Esse último bloco experimentou extraordinário avanço nos dois últimos dois anos. Avanço que será crucial para todos os nossos países. E isso teve início na cúpula, organizada de forma muito significativa pelo Itamaraty e pelos ministérios que compõem o meu governo, em Fortaleza,

no ano de 2014. Lá demos configuração ao Novo Banco de Desenvolvimento do Brics e ao Acordo Contingente de Reservas que agora, este ano, definitivamente, formalizamos e oficializamos quando o Brics se reuniu em Ufa, na Rússia.

Mas nosso apreço ao multilateralismo tem de expressar-se, igualmente, na afirmação de valores e na busca de uma nova governança mundial que assegure o efetivo respeito a todos os valores que defendemos.

O legislador-constituente de 1988, quando iniciamos o atual ciclo democrático do País, teve a preocupação de registrar em nossa Carta Magna que a política externa brasileira, além do foco na América Latina, deveria reger-se pelos princípios – e aqui eu cito: da independência nacional, da prevalência dos direitos humanos, da autodeterminação dos povos, da não intervenção, da igualdade entre os Estados, da defesa da paz, da solução pacífica de conflitos, do repúdio ao terrorismo e ao racismo, da cooperação entre os povos para o progresso da humanidade e da concessão do asilo político.

Esses princípios orientam nossa política externa. São eles que têm feito do Brasil um incansável defensor da paz e da solução diplomática dos conflitos, sejam eles na Palestina, na Síria, na Líbia ou na Ucrânia. São esses princípios que nos fazem saudar o recente acordo sobre temas nucleares feitos com o Irã e, mais ainda, celebrar a aproximação dos Estados Unidos com Cuba, que só será completa quando se levantar o embargo econômico que ainda pesa sobre a ilha.

Nesta mesma linha, temos sido intransigentes defensores dos direitos humanos, evitando que sua promoção se faça de forma seletiva, indevidamente politizada, o que invariavelmente penaliza os países em desenvolvimento e emergentes.

Mas o pleno exercício desses valores, tão caros à nossa política externa e tão necessários para a vigência do multilateralismo, esbarra, e esbarra forte, na fragilidade das Nações Unidas, justamente agora, quando festejamos os 70 anos de sua criação.

O mundo de hoje em muito difere daquele de 1945, quando a ONU foi criada e seu Conselho de Segurança passou a ser encarregado de zelar pela paz e pela segurança coletiva.

A nova correlação de forças internacional, radicalmente diferente daquela de sete décadas atrás, impõe uma ampliação do conselho e do número de seus membros permanentes.

Somente assim esse organismo refletirá o mundo real em que vivemos e, conseqüentemente, passará a ter a eficácia que hoje sabemos que perde de fato. Os graves fenômenos da violência sectária, o terrorismo, a ação de Estados à margem do direito internacional, o drama crescente dos refugiados, o descontrole das epidemias, as ameaças dos armamentos de destruição de massa, as novas formas de criminalidade internacional impõem uma reforma da ONU como exigência inadiável. Essa reforma do sistema multilateral tem de estender-se igualmente aos organismos econômico-financeiros surgidos a partir de Bretton Woods. Esta posição tem sido sistematicamente defendida pelo Brasil nas reuniões do Grupo dos 20, das 20 maiores economias do mundo das quais participamos sistematicamente.

Queridas e queridos diplomatas,

Em dezembro deste ano nós vamos chegar à Conferência de Paris sobre a Mudança do Clima com uma ambiciosa proposta em relação ao nosso projeto de desenvolvimento sustentável. Esse projeto prevê o prosseguimento da redução do desmatamento e de nossas emissões, nas mais variadas áreas - energética, industrial, agrícola, em linha com a diversificação maior também das fontes que geram energia em nosso País, em especial das energias renováveis.

Nós tivemos a liderança de assumir o arrojado objetivo meta de redução voluntário de 36% da emissão de gases de efeito estufa. Temos consciência de que o princípio das responsabilidades comuns, porém diferenciadas, preserva e faz justiça ao fato dos países em desenvolvimento, emergentes, terem começado seu desenvolvimento de forma tardia.

Desde os avanços logrados na Rio + 20 – sem dúvida mais importante reunião realizada pelas Nações Unidas – nós definimos a necessidade de estabelecimento dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, os ODSs. E, a partir daí, o tema da sustentabilidade passou a articular crescimento econômico, preservação do meio ambiente e políticas de inclusão social, sintetizadas no lema da Rio+20, de que é possível sem sombra de dúvida, crescer incluir, conservar e proteger.

Não poderia concluir minhas palavras sem felicitar os formandos deste ano pela judiciosa escolha que fizeram do Professor José Paulo Tavares Kol como seu patrono. Transmito minhas condolências a seus familiares que hoje nos acompanham neste ato. Foi fundamental resgatar sua memória nesta formatura, assim como será sempre uma doce lembrança saber que as suas cinzas estão sob o Ipê Rosa que a família plantou em uma colina do Cerrado.

Igualmente importante foi a escolha do Embaixador José Alfredo Graça Lima como paraninfo desta turma. Sei da trajetória exemplar do embaixador Graça Lima nesta Casa. Pude constatar, pessoalmente, em reuniões internacionais, a grande contribuição de nosso embaixador para a presença soberana do Brasil no mundo. Muito obrigado, embaixador.

Caros Formandos,

Inspirados no exemplo destes dois homens que decidiram hoje homenagear, e no de tantos outros que serviram o Brasil no exterior, hoje se inicia para vocês uma nova etapa.

Nas próximas décadas, quando não mais estivermos aqui, caberá a vocês defender o interesse nacional, que se confunde com o fortalecimento de um mundo de paz.

A geração de vocês nasceu, cresceu e se formou na democracia. Distinta da minha que, infelizmente, não teve a mesma sorte.

O Brasil hoje é reconhecido como protagonista internacional. Não haverá dificuldades que possam interromper nossa trajetória de relevante presença no mundo. Somos a sétima economia, mas somos também um país que todos sabem que tem compromisso com a paz, com a tolerância, com a diversidade com respeito ao direitos humanos.

Estou segura de que, onde vocês estiverem no futuro, saberão sempre e terão presentes suas responsabilidades de representantes de uma nação democrática, que aposta na igualdade de seus filhos, que aposta na paz e solidariedade internacionais.

Muito Obrigado.

Ouçã a íntegra do [discurso](http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-na-cerimonia-de-formatura-da-turma-paulo-kol-2013-2015-do-curso-de-formacao-do-instituto-rio-branco-e-de-imposicao-de-insignias-da-ordem-do-rio-branco-brasilia-df-23min35s) (<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-na-cerimonia-de-formatura-da-turma-paulo-kol-2013-2015-do-curso-de-formacao-do-instituto-rio-branco-e-de-imposicao-de-insignias-da-ordem-do-rio-branco-brasilia-df-23min35s>) (23min35s) da presidenta Dilma.

# 12-08-2015 - Discurso da presidenta da República, Dilma Rousseff, durante ato de encerramento da 5ª edição da Marcha das Margaridas - Brasília/DF

**Estádio Mané Garrincha - Brasília/DF, 12 de agosto de 2015**

Cumprimento as margaridas do Sul, do Sudeste, do Centro-Oeste, do Norte e do Nordeste. As margaridas, extrativistas, pescadoras, quebradeiras de coco, ribeirinhas, quilombolas e indígenas. As margaridas trabalhadoras rurais, assentadas da reforma agrária, agricultoras familiares, que honram a luta da Margarida Alves. Quero também lamentar aqui o falecimento da Maria Pureza, do Sergipe, e a Maria Alzenira, do Piauí. Duas margaridas que nos deixaram.

Boa tarde também a todos os companheiros homens que lutam a luta das margaridas. A gente pode chamá-los de “margaridos”.

Cumprimento a Alessandra, a querida Alessandra Lunas, diretora da Secretaria de Mulheres Trabalhadoras Rurais,

Cumprimento o nosso presidente da Contag, Alberto Broch,

Cumprimento todos os ministros de Estado que me acompanham: ministro Renato Janine, da Educação; Carlos Gabas, da Previdência; Tereza Campello, do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Cumprimento o ministro do Desenvolvimento Agrário, Patrus Ananias; o ministro da Pesca, Hélder Barbalho; Miguel Rossetto, da Secretaria-Geral; a Nilma, da Secretaria de Promoção da Igualdade Racial,

Cumprimento aqui a nossa querida companheira, companheira da Secretaria de Políticas para as Mulheres, Eleonora Menicucci. Cumprimento também o nosso companheiro Pepe Vargas, da Secretaria de Direitos Humanos,

Cumprimento uma querida margarida da Bahia, Fátima Mendonça,

A senadora Gleisi Hoffmann, a deputada Benedita da Silva. Por essas duas, uma senadora e outra deputada, cumprimento todas as mulheres parlamentares aqui presentes,

Cumprimento a Miriam Belchior, presidente da Caixa,

Cumprimento os senhores jornalistas, as senhoras jornalistas, os fotógrafos e os cinegrafistas.

Eu gostaria muito que cada uma de vocês pudesse estar aqui no centro da margarida e ver esse estádio tomado de Margaridas. Aí e aqui. Essa multidão de valorosas Margaridas. Esse é um espetáculo de sentido político, mas, sobretudo, que mostra a garra das mulheres. Como vocês dizem: as mulheres das águas, as mulheres das florestas, as mulheres de todo o Brasil rural e urbano. Agradeço a cada uma de vocês a presença aqui, e a emoção que eu estou de viver aqui esse momento. É mais um feliz reencontro para cada uma de nós que estamos aqui e para o meu governo.

Quero, mais uma vez, reafirmar a nossa parceria e me somar a vocês nessa mobilização por justiça, por autonomia, por igualdade, liberdade, democracia e não ao retrocesso.

A música de vocês que eu escutei, e que diz - vocês desculpem a falta de entoação, mas ela diz: "Olha, Brasília está florida, estão chegando as decididas". Quando eu ouvi, eu cheguei à conclusão que não existia forma melhor de chamar a cada uma das admiráveis Margaridas, pois vocês são, acima de tudo, mulheres decididas. Decididas, decididas a batalhar juntas por uma vida melhor, no campo, na floresta, nas águas e nas marés. Decididas a avançar na conquista de direitos. Decididas a repudiar a injustiça e aqueles que menosprezam a força das mulheres. Decididas a serem cada vez mais fortes mais autônomas e mais felizes. Decididas a reafirmar o Brasil e o poder das Margaridas de fazer a nossa história.

As Margaridas têm uma capacidade de organização e de luta que é notável. E essa capacidade de luta contra a opressão inspiram todas as mulheres deste país. Vocês são um exemplo. E quero dizer que inspiram a mim, presidenta da República, e inspiram a todo o meu governo. O meu governo que quer e precisa de diálogo constante com vocês para construir as políticas que permitam fazer do Brasil um país em que mulheres e homens tenham direitos e oportunidades. Foi por meio desse diálogo constante que, desde a 4ª Marcha das Margaridas, em 2011, nós alcançamos várias conquistas. Foi em resposta à demanda das Margaridas que instituímos a Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica. Foi pela demanda das Margaridas que o Plano Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica está sendo realizado.

Se o Brasil tem hoje uma política de estímulo à produção agroecológica, foi porque vocês lideraram essa reivindicação. Se pelo menos 30% das compras do Programa de Aquisição de Alimentos são feitas junto às mulheres, e se há editais específicos para assistência técnica para as mulheres é porque as Margaridas lutaram e demandaram e, juntos com elas, eu tive a honra de transformar essas demandas em políticas do meu governo. Se temos conquistas em favor da autonomia das mulheres no campo, na floresta e nas águas, foi porque as Margaridas participaram e, junto com o governo, ajudaram na construção dessas políticas. Se há unidades móveis de enfrentamento à violência, executadas pela Secretaria das Mulheres, da ministra Eleonora, é porque nós demos atenção às demandas das Margaridas. As equipes das 54 unidades, distribuídas para todos os estados, permitem hoje ao governo brasileiro chegar mais próximo daquelas mulheres que precisam de ajuda e proteção para enfrentar a violência contra a mulher.

Temos hoje duas leis muito importantes: A Lei Maria da Penha, que completou 9 anos neste mês de agosto, e a lei que transforma em feminicídio o crime de assassinato contra mulheres pelo fato apenas de serem mulheres. Também foi em atenção à demanda de vocês que criamos e estamos implantando a Política Nacional de Saúde das Populações do Campo, das Florestas e das Águas.

Poderia ficar aqui horas e horas falando de todas as políticas e ações que construímos juntas, mas muito mais importante é dizer a vocês que a mesma parceria que propiciou que garantiu que assegurou os avanços alcançados nos últimos quatro anos irá orientar até o final do meu mandato, em 2018.

Quero dizer a vocês que a nossa agenda da Marcha das Margaridas e a do meu governo será sempre muito parecida porque temos o mesmo propósito: garantir às mulheres do campo, das florestas e das águas mais direitos, mais oportunidades.

Minhas queridas Margaridas,

Avançar ainda mais é fundamental. Sei que o ministro e todos os ministros e as ministras e suas equipes técnicas receberam, analisaram, e agora eu entreguei a resposta à pauta de reivindicações da 5ª Marcha, e dialogaram com vocês. Como sempre fizemos, estamos entregando o caderno de resposta com comentários para cada um dos pontos apresentados. Reafirmo nossa disposição de continuar dialogando para que naqueles pontos em que ainda não tivermos construindo consenso possamos encontrar alternativas para avançar.

Nesse momento, faço questão de destacar alguns pontos em que construímos importantes consensos. Começo por uma questão que é primordial, que é fundamental para mim como primeira mulher presidenta do Brasil: a tolerância zero com a violência contra as

mulheres brasileiras. Em parceria com vocês, mulheres de todo o Brasil, mulheres do campo, das florestas, das águas, o governo federal irá implementar as patrulhas rurais Maria da Penha.

Faremos parcerias com as forças policiais que atuam em nível local para que a mulher vítima de violência seja assistida de maneira correta e haja, de fato, prevenção da violência e de feminicídios. Articulada a implantação das patrulhas rurais Maria da Penha, ampliaremos o número de serviços especializados de atenção à mulher no meio rural.

No âmbito do Pronatec, vamos criar cursos voltados à capacitação, até o final de 2018, de 10 mil promotoras legais, que nos ajudarão no acompanhamento dessas ações. Meu compromisso é combater a violência contra as mulheres em todas as suas formas, de maneira implacável.

Sei que em um país da dimensão do Brasil, e onde vive um pacto federativo, nós devemos cuidar e cuidar muito para que o combate à violência seja igual em todos os lugares. Estejam certas que nós faremos isso.

Agora quero tratar de um ponto que interessa muito a cada mulher: o cuidado no atendimento à saúde. Estamos lançando uma mobilização nacional para intensificar as ações de atenção integral à saúde da mulher do campo, da floresta e das águas. A saúde da mulher do campo passará a fazer parte do calendário oficial do Sistema Único de Saúde. No mês de mobilização que, em 2015, será em novembro, os postos de saúde se organizarão para acolhê-las de forma prioritária, ofertando consultas clínico-ginecológicas e exames preventivos, incluindo o papanicolau, a mamografia, a detecção de hipertensão, diabetes, vacina de HPV e atualização da caderneta de vacinação. Vamos avançar no cuidado ao câncer, particularmente de mama e de colo de útero. Para enfrentar a mortalidade materna vamos capacitar já no início desse ano, mais 200 parteiras tradicionais da população do campo e de áreas remotas. Vamos incorporar ao Sistema Único de Saúde uma ação inovadora que pode salvar a vida de muitas mulheres com sangramento pós-parto. Disponibilizaremos trajes de emergência, que a mulher veste e controla o sangramento para reduzir os riscos até a chegada ao hospital. Vamos treinar os profissionais de saúde para utilizá-los.

Outro compromisso que assumo com vocês é aprimorar as condições para o tratamento de intoxicações agudas, crônicas, por agrotóxicos e acidentes por animais peçonhentos. Teremos também avanços significativos na atenção à saúde bucal das famílias do meio rural. Neste ano, no ano de 2015, entregaremos 109 unidades odontológicas móveis para atender municípios com população rural, sendo que sete dessas unidades serão destinadas aos distritos de saúde indígena.

O Brasil tem também um grande desafio, cumprir as metas de atendimento na educação infantil estabelecidas pelo Plano Nacional de Educação. Isso significa ampliar o número de vagas em creches e pré-escolas nas cidades e no campo em um grande esforço nacional. Até 2018, o Ministério da Educação garantirá recursos para a criação de 1.200 espaços nas escolas para creches. Trata-se da construção, da implantação em escolas rurais existentes de pelo menos um módulo para atender as crianças, prioritariamente para crianças de quatro e cinco anos. Estejam vocês certas de que faremos todos os esforços necessários para engajar os nossos prefeitos, muito importante fazê-lo em nossas metas.

Finalmente, quero falar de ações para garantir o fortalecimento da capacidade produtiva e da autonomia das mulheres. Vamos implantar, até 2018, pelo menos, mais 100 mil cisternas produtivas, garantindo água para a produção e a implantação de quintais produtivos agroecológicos. Vamos apoiar a implantação de quintais produtivos por meio dos programas existentes, como é o caso, por exemplo, do programa Fomento para a mulher assentada da reforma agrária. Nós queremos ver as Margaridas com seus quintais cheios de alimentos para a família, horta, animais e plantas medicinais.

Assinei hoje o decreto com as novas regras do Programa Nacional de Crédito Fundiário. Depois de 17 anos sem revisão, estamos atualizando os perfis de renda e de patrimônio dos beneficiários do programa que passam a ter como limite superior os valores de 30 mil e 60

mil reais, respectivamente. O novo decreto prevê também que quando a aquisição de terras for entre herdeiros, o limite de patrimônio será de R\$ 100 mil. É mais uma demanda de vocês, uma demanda da agricultura familiar, que meu governo atende.

Assinei também o decreto que preserva para as mulheres e familiares que atuam em atividades de apoio à pesca artesanal o direito de serem enquadradas como seguradas especiais da Previdência.

Finalmente, quero lembrar que continuaremos trabalhando na elaboração do Programa Nacional de Redução de Agrotóxicos. Dialogaremos com todos os envolvidos, todos os segmentos, para estruturar um programa que permita ao Brasil dar passos consistentes, estimulando, cada vez mais, a adoção de sistemas de produção orgânica e de base agroecológica.

Minhas queridas Margaridas,

Tenho certeza absoluta de que todas vocês seguirão em marcha, lutando e construindo o país que queremos. Tenham certeza absoluta que eu, sua presidenta, continuarei trabalhando incansavelmente para honrar e realizar os sonhos que vocês depositam em mim e no meu governo.

Quero dizer a vocês - e esta é uma garantia que faz parte do centro, da razão do meu governo: nós não deixaremos que haja retrocessos. Como eu disse, eu continuarei trabalhando para honrar e realizar os sonhos de vocês. Juntas, nós, Margaridas, que geramos a vida e a defendemos, não permitiremos, repito que ocorra qualquer retrocesso nas conquistas sociais, nas conquistas democráticas do nosso país. Juntas seguiremos honrando a memória da nossa companheira Margarida Alves e de todas as Margaridas do Brasil.

Encerro com as palavras de um cantor, um cantor que canta o povo do nosso país. As palavras de Lenine, que descrevem muito bem a tarde de hoje e as decididas Margaridas de todo o Brasil, entre as quais eu me incluo. A música diz o seguinte: "Em noite" - e eu vou traduzir em tarde - "assim como esta, eu, cantando numa festa, ergo meu copo e celebro os bons momentos da vida. E nos maus da vida, eu envergo, mas não quebro".

Margaridas, nós podemos envergar, mas nós não quebramos. Nós seguimos em frente.

Muito obrigado.

Ouçã a íntegra do [discurso](http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-o-ato-de-encerramento-da-5a-edicao-da-marcha-das-margaridas-brasilia-df-27min02s) (<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-o-ato-de-encerramento-da-5a-edicao-da-marcha-das-margaridas-brasilia-df-27min02s>) (27min02s) da presidenta Dilma.

# 13-08-2015 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante Diálogo com Movimentos Sociais Brasileiros - Brasília/DF

**Palácio do Planalto, 13 de agosto de 2015**

Eu quero começar cumprimentando aqui todas as companheiras e os companheiros,

Cumprimentar também as lideranças que falaram. Quero cumprimentar a Carina Vitral, presidente da UNE; o Alberto Broch, presidente da Contag; a Eleonice Sacramento, representante da Articulação Nacional das Mulheres Pescadoras; o Raimundo Bonfim, coordenador da Central de Movimentos Populares; o Adilson Araújo, presidente da CTB; o Guilherme Boulos, presidente do Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto; o Alexandre Conceição, da coordenação nacional do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra; o Vagner Freitas, presidente da Central Única dos Trabalhadores. Quando eu cumprimento eles, eu cumprimento todas as lideranças. Eu sei que aqui, além deles, tem lideranças extremamente expressivas de todos movimentos, mas eles representaram o que há de expressivo no movimento social. E eu agradeço a cada um de vocês que estão aqui e que representam os movimentos sociais do nosso Brasil.

Cumprimento também os senhores fotógrafos, os senhores jornalistas, os senhores cinegrafistas.

Cumprimento os meus ministros,

E cumprimento os senhores parlamentares, senadores, deputados, todos os que compareceram aqui.

Essa é uma reunião com os movimentos populares e comigo, e eu fico extremamente comovida com a presença de vocês. Eu sei que vocês representam a diversidade que existe no nosso país, as várias posições, as mais diversas e diferenciadas posições. Este país é isso. Nós não somos um país que tem uma sociedade simples. Não, a nossa sociedade é complexa, assim como a nossa formação. Nós temos negros, índios, temos brancos, africanos, árabes, asiáticos, enfim, temos gente de todas as origens integrando a nossa nação. E, ao mesmo tempo, somos uma sociedade também complexa, e uma sociedade que passou por uma profunda transformação nos últimos anos.

Nós modificamos, sim, a cara do Nordeste deste país. O Nordeste deste país, hoje, não é o mesmo Nordeste de antes, Boulos, não é. Nós modificamos também a relação que o estado brasileiro tem com a parte mais pobre da sua sociedade. Por que nós modificamos? Eu acho que o grande mérito que houve nesses últimos anos foi que nós reconhecemos a legitimidade de fazer políticas para aqueles que mais precisavam. Este país precisa disso. Não é pura e simplesmente porque as nossas convicções, a nossa ideologia exige que a gente faça isso. Mas é porque se não se fizer isso nós estamos perdendo aquilo que é melhor, aquilo que é a maior força do Brasil, que é ser um país de 203 milhões de brasileiros.

No passado, foi possível fazer um país para menos da metade, para um terço. Hoje isso é inadmissível, isso é inadmissível porque, além de ser contra, além de ser contra as nossas convicções, as convicções de vocês, isso é ser contra o próprio país. E nosso país também tem uma característica, sempre teve: nós somos capazes. Nós quem? Aí eu falo, a sociedade sempre foi capaz de um convívio fraterno, com tolerância, com capacidade de

compreensão das diferenças. Quem sempre teve dificuldade de compreender as diferenças foram as elites do nosso país. Por quê? Por quê? Porque nós não podemos nos esquecer que neste país duas coisas nós temos que sempre procurar resolver. Uma delas é o fato de nós termos a menos, um pouco mais, aliás, de 100 anos, nós tínhamos escravidão neste país. A visão e a desvalorização do trabalho tem origem na escravidão. E, ao mesmo tempo, nós tivemos uma grande confusão entre o que era privado e o que era público, que é o paternalismo, também, que caracterizou a sociedade brasileira. Alguns ficando donos do que era público, do que era o Estado brasileiro.

Então, eu quero dizer para vocês: nós temos de fazer um grande esforço para mudar essa realidade. Acho que fizemos um pedaço, e digo para vocês que falta muito para fazer. Por exemplo, o pessoal do movimento por moradia. Nós começamos essa história, vou contar para vocês como ela começou: nós estávamos diante de uma crise muito significativa, em 2009. Se a gente for olhar, porque já passou, mas naquele momento a situação estava muito difícil. Então, a gente também sabia que um dos programas que mais faltava no Brasil era de habitação popular. Aí fomos conversar para ver quantos. Conversamos, conversamos e conversamos e falaram: “Olha, vocês não conseguem fazer mais de 200 mil”. Mas 200 mil era muito pouco para o país, muito pouco. Aí nós forçamos daqui, forçamos dali, saiu um milhão. Depois de fazer um milhão, eu entrei na Presidência, e a gente já tinha aprendido um pouco com o um milhão. Mas ainda a gente não sabia, ou seja, a gente não tinha toda a experiência. Aí nós resolvemos fazer dois milhões. Aí, começamos com dois milhões, aí aumentamos para dois milhões mais um pouco, aumentamos para dois milhões e meio. Aí, mais um pouquinho, falamos: “Não vai dar dois milhões, daria para contratar 2,750 milhões”.

Hoje tem em torno de 2 milhões e 300 entregues, mais ou menos isso. Eu não sei direito porque todo dia muda, porque todo dia entrego, então, o número vai mudando. Mas deve ter 1 milhão e meio, 1 milhão e meio ainda sendo construída e sendo para ser entregue. E nós agora, em setembro, vamos fazer, vamos lançar o Minha Casa Minha Vida 3. Vamos ter de fazer mudança. Nós vamos fazer mudanças porque a gente vai aprendendo. Na primeira, o chão não era... o chão era só de cimento. Aí quando, na segunda, nós passamos a fazer o chão com cobertura, com... não, a discussão era: é porcelanato? Porque a discussão é assim. É o quê? Então... Aí tem lá o padrão que a Caixa faz para fazer um piso descente. Aí, não tinha azulejo até metade da parede da cozinha, não tinha azulejo até a metade da parede do banheiro. E daí a gente foi lá e, agora, no Minha Casa Minha Vida 2, tem azulejo até metade.

Agora nós temos alguns desafios, por exemplo, fazer o Minha Casa Minha Vida nas capitais, que é difícil porque o terreno é caro. Então, a gente tem de olhar se vai fazer mais verticalizado. Se vai fazer mais verticalizado, pode fazer mais coisas. E como é que faz, como é que deixa de fazer? É isso que é lançar o programa.

Então, eu quero dizer para vocês que tem várias coisas que jamais, jamais o governo vai deixar haver retrocesso. Quero dizer outra coisa: aí, de repente, alguém chega para mim, companheiro Broch, e diz assim: “E vocês vão fechar o MDA?” Bom não sei de onde saiu, mas ninguém pensou em fechar o MDA. Ninguém.

Aí perguntam, um outro chega para mim e pergunta: Ah! Nega que vão privatizar a Caixa? Nunca pensaram em privatizar a Caixa, mas é uma maluquice. Tem coisas que é uma maluquice. A Caixa tem uma seguradora, a seguradora da Caixa há séculos, desde D. João VI, ela é uma parceria entre a Caixa e um grupo francês. Isso ocorreu não foi no meu governo, estou falando foi lá em D. João VI, foi lá em D João VI.

Bom, agora tem coisas que em relação as quais nós temos de ter uma posição firme. E aí estou olhando para o povo da FUP, e vou dizer para eles o seguinte: enquanto eu for presidenta eu vou lutar até a minha última força para manter a Lei de Partilha. É estranho. Lei de Partilha, essa a qual eu ajudei a fazer, eu coordenei a Lei de Partilha e eu sei por que nós fizemos a Lei de Partilha. Nós fizemos a Lei de Partilha porque naquele caso do pré-sal a gente sabia onde estava o petróleo, qual era a qualidade do petróleo e quanto petróleo tinha. Então uma parte do petróleo tinha de ficar com a nação brasileira, com o estado brasileiro. Foi por isso que nós fizemos o modelo de partilha.

Fizemos um modelo de conteúdo nacional para impedir que a gente fosse vítima de duas coisas: uma é chamada maldição do petróleo. A maldição do petróleo se caracteriza por você ter um setor de petróleo forte e o resto todo fraco. Então fazer um conteúdo nacional era, junto à indústria do petróleo, criar uma indústria de fornecimento que garantisse emprego, que aumentasse a qualidade do emprego, que transformasse essa riqueza, que é o petróleo, em um passaporte para o futuro. Por isso, nós fizemos a Lei de Conteúdo Local, que é produzir no Brasil o que é possível produzir no Brasil. E isso é importante porque transforma essa riqueza do petróleo numa riqueza da sociedade como um todo. E aí as baixinhas bonitas e bravas da UNE, elas deram uma grande contribuição ao país quando defenderem que os royalties e o fundo social tinham de ser destinados à educação. Acho que tem coisas que são fundamentais para o País. Esta é uma delas. Por quê? Porque esta riqueza um dia, daqui a alguns... eu vou falar alguns milhares de anos, mas também não tenho certeza se é alguns milhares de anos, mas ela é uma riqueza finita. Só tem um jeito de a gente transformar essa riqueza que acaba em uma riqueza que dura: é formando as pessoas, transformando as pessoas.

Então, quero dizer para vocês, quero dizer para vocês que eu tenho certeza, absoluta certeza que, apesar de estarmos diante de dificuldades econômicas, e não podemos negar isso, negar isso é a gente negar a realidade, e ninguém responsável, nem dos movimentos sociais, nem do governo, pode negar a realidade. Agora, quando a gente tem dificuldade e enfrenta é uma coisa. Quando a gente não enfrenta é outra. Então, nós entraremos numa travessia. Sabe travessia? Nós vamos passar daqui para ali. Essa travessia, ela vai ser feita sem retrocesso nas políticas sociais. Ela vai ser feita cuidando das políticas sociais. É óbvio que nós temos várias possibilidades. Eu posso fazer, eu posso graduar, graduar todos os programas. Exemplo: falam que a gente está reduzindo o gasto com educação. Ora, nós mantemos esse ano como aumento, ou seja, como quantidade a mais de jovens que tiveram acesso ao ensino superior uma quantidade muito expressiva. Vocês sabem quantos são? Eu não estou falando os que já estão, estou falando o que entrou esse ano, até o final... dezembro de 2015, vão ser 900 mil estudantes, 900 mil estudantes. A gente está suando a camiseta para segurar isso.

Agora que nós temos de fazer também, o governo tem de fazer também, economia, sim, ele tem de fazer. Não tem essa conversa que o governo vai sair gastando como nós gastamos em momentos que nós tínhamos mais dinheiro. É que nem uma família, diminuiu a grana, você olha o que é mais importante, e o dinheiro fica para aquilo. O dinheiro vai para aquilo que é mais importante para garantir que não tenha retrocesso, que a população que sofre desse país tenha acesso às condições melhores de vida possíveis. É isso que a gente tem de querer. E é isso que nós temos de defender nesse país.

Eu queria dizer pra vocês e dar esse exemplo, eu acho que foi a nossa querida presidenta da UNE que falou sobre isso, quero contar para vocês o seguinte: vocês lembram que foi uma briga danada para gente fazer o Mais Médicos, uma briga danada. Nesse país tinha, no mínimo, 700 municípios sem um único médico. Os departamentos de saúde indígenas não tinham médicos. Além disso, não são só os quilombolas, as populações tradicionais que não tinham médicos, eles não tinham também, mas também nos grandes centros urbanos, nas periferias não tinham médico em posto médico, não tinham. É óbvio que no interior do Brasil também não tinha. Bom, então nós fizemos o Mais Médicos. Por conta dele nós tivemos imensas dificuldades, mas conseguimos fazer.

Esse é um programa, para vocês terem uma ideia, ele atende hoje 63 milhões de brasileiros, 63 que não tinham atenção básica. Atenção básica à saúde é garantia de que 80% dos problemas de saúde você resolve se tiver um posto médico, se tiver num posto médico um médico atendendo com humanidade. Um médico olhando para as pessoas que atende como seres humanos, segurando a pessoa e fazendo exame.

Pois bem, ao mesmo tempo que nós fizemos isso, a gente quer e aí a gente tem de agradecer sim, ao povo cubano, ao governo cubano, porque eles nos deram, eles nos deram as condições, através do acordo que fizemos com a OPAS, a Organização Panamericana de Saúde, eles nos deram as condições para implantar o nosso programa com muito mais rapidez e velocidade. Mas a gente quer, a gente quer que o Brasil forme médicos que vão

atender a população deste país. Então nós criamos, em vários lugares no Brasil, nós criamos universidades, ou melhor, escolas de medicina para formar médicos, ampliando o número de vagas. E aí, no dia que nós estávamos celebrando dois anos do Mais Médicos, uma moça, lá de Caicó, a mãe dela, o pai dela, agricultores, agricultores familiares, pequenos agricultores. Ela fez aqui um discurso fantástico contando a experiência dela, a vida dela. Quem era ela, o que ela fez, onde é que ela teve oportunidade, todo caminho dela para chegar a ser uma médica do Mais Médicos.

Pois bem, essa menina, que é uma menina que eu acredito extremamente valorosa, a Ana Luíza, ela fez aqui algo que comoveu. Tinha um grande número de pessoas e comoveu as pessoas. Bom, aí ela saiu daqui e foi muito maltratada na internet. Maltratada da forma como a gente conhece quando se trata de mulher. Nós sabemos perfeitamente que, quando se trata de mulher, além da intolerância, além da intolerância que algumas pessoas têm e que não é, repito, não é característica desse povo nosso, não é. Esse povo nosso, ele tem uma amabilidade e uma natural hospitalidade que faz com que nós sejamos sempre preferidos quando você vai para o resto do mundo. Todo mundo acha que o brasileiro tem isso, é afável, a gente gosta de pegar, a gente se beija. Tudo bem. Mas quando se trata da intolerância e é sobre a mulher, vocês podem imaginar o que falaram dela. E é algo que eu queria dizer aqui para vocês: a nossa democracia, para ela ser plena, além de a gente respeitar o estado democrático de direito, de a gente não cair naquele golpismo que era sintetizado pelas palavras do Lacerda. Não deve ser eleito, dizia o Lacerda sobre o Getúlio Vargas. Se eleito, não deve ser empossado. Se empossado, não deve governar. Se governar, deve ser apoiado no governo. Essa é a síntese da trajetória do golpe no Brasil. Mas, para além dessa trajetória do golpe, mas para além, além disso tem algo que nós temos de zelar, nós temos de zelar pelo respeito, respeito, que as pessoas que pensam diferente da gente tem de receber de nós. As pessoas que pensam diferente da gente têm de ser respeitadas. Diálogo, diálogo é diferente de pauleira. Diálogo é diálogo, pauleira é pauleira. Então, ninguém pode chamar de diálogo xingar as pessoas. Ninguém pode chamar de diálogo a intolerância. Botar bomba em qualquer lugar não é diálogo. E esse é algo que nós temos de preservar. Vocês aqui, tem gente aqui que é velho que nem eu. Aliás, tem um que tá fazendo aniversário hoje que é o Manoel Dias. Nós somos de outra época, nós vivemos numa ditadura.

Quando você vive numa ditadura é assim: Se você falar, se você botar qualquer reivindicação é considerado, é considerado uma ação subversiva que vai derrubar as instituições. Então, eu não vejo nenhum problema e nunca verei em manifestação. Não peçam para mim para defender qualquer atitude contrária a qualquer manifestação que eu não defenderei jamais. Por uma questão, eu tenho de ter lealdade com a experiência histórica da minha geração, que foi muito dura. Eu sobrevivi. Agora, naquela época, quando você sobrevivia, você tinha de dar graças a Deus, porque não tinha muita explicação para você sobreviver, não. A loteria de quem sobrevivia e de quem não sobrevivia era puro acaso. Então, eu tenho de honrar todos aqueles que não sobreviveram. E tenho de honrar... O melhor jeito de honrar é entender essa conquista imensa que nós tivemos na nossa sociedade; é entender que a democracia é algo que nós temos de preservar custe o que custar. A tolerância, o respeito, e outra coisa que eu acho interessantíssimo, que a gente tem de ter e que, aliás, é difícil, numa democracia latino-americana ela se consolidar, que é o respeito ao adversário. Respeitar o adversário não é ficar agradando o adversário, não. É o seguinte: eu brigo até a hora do voto, depois eu respeito o resultado da eleição.

Aliás, já que vocês falaram isso, eu vou contar para vocês uma coisa que naquela época não apareceu muito, mas eu acho que é importante vocês saberem. O Papa mandou uma carta que nós divulgamos, nós divulgamos a carta do Papa para o povo brasileiro e para o governo brasileiro. E ele dizia que tinham três valores nos esportes que a gente tinha de preservar. Primeiro valor é respeitar o trabalho duro. Nenhum atleta ganha jogo, a gente sabe disso no futebol, em tudo que a gente vê, sem ele se esforçar. Nem nós, na vida, ganhamos nada se a gente não trabalhar. Alguns querem ganhar sem trabalhar. Mas a ética do trabalho é a que nos interessa, é a gente incentivar a ética do trabalho. Então essa era a primeira coisa que ele dizia que o esporte ensinava para a gente. A segunda era que o jogo tem de ser em equipe, que ninguém faz nada sozinho, que você tem de dialogar, que você tem de respeitar a cooperação. Daí porque o respeito ao movimento social. Mas é. Na metáfora dele, o

movimento social faz parte dessa questão: nós temos de cooperar, a forma mais avançada social de atividade, talvez a maior tecnologia humana que existe, é a cooperação, é ser capaz de dividir o trabalho. Então, a divisão de trabalho entre nós é assim, vocês criticam e a gente escuta. É uma divisão perfeita, e a gente tem de responder. Então, eu estou explicando essa orientação do Papa. E tem uma terceira, que é o fair play. O fair play é respeitar o resultado. E respeitar e honrar o adversário. Respeite e honre o seu adversário. Porque se você não respeitar o resultado do jogo você não pode entrar no jogo. Tem também os desafinados e como a música diz: num desafinado também bate um coração.

Eu queria falar agora sobre algumas questões que acho que são muito importantes e que fazem parte, fazem parte do avanço civilizatório nesse país. Eu acho que qualquer pauta que seja uma pauta conservadora contrária ao país, ela é muito ruim para o país. Por isso eu fui a público dizer que eu era contra a redução da maioria penal. Eu acredito que nessa questão da maioria penal, da redução da maioria penal, tem uma visão não só conservadora porém equivocada em relação a todas as experiências, a todas as experiências. Reduzir a maioria penal é ter aquela visão que já ocorreu no Brasil quando a questão social foi uma questão de polícia. A questão da juventude não é uma questão de polícia. Nós sabemos que não dá resultado o encarceramento, nós sabemos disso. E por isso eu considero fundamental as medidas. Tem de ter medidas repressivas, no sentido de reprimir aquelas quadrilhas que utilizam os jovens como escudo de proteção. Aí nós temos de penalizar e de criminalizar o adulto que usa isso. Mas, ao mesmo tempo, eu acredito, eu acredito que nós temos de ter programas. Um, como a Juventude Viva. Mas, além disso, eu defendo o programa Jovem Aprendiz. Por que eu defendo? Porque eu acho que ele é a contraposição, principalmente nas famílias pobres, assegurar que o jovem estude e tenha oportunidade de trabalho e por ele receba, e por essa experiência receba.

Quero dizer para vocês que nós tivemos e temos o cuidado, muito, muito grande que com algumas legislações. Uma delas foi a valorização do salário mínimo, a política de valorização do salário mínimo; a outra, que não tem nada a ver com essa, mas tem, porque faz parte do processo de democratização da sociedade, é o Marco Civil da internet, que também diz respeito à juventude.

Eu acredito que aqui nós vamos defender juntos a pauta por direitos e oportunidades. O governo fará o possível e, quando o possível acabar, vai fazer o impossível para garantir direitos, para garantir novas oportunidades. Eu não estou falando velhos direitos e velhas oportunidades, eu estou falando dos novos direitos e das novas oportunidades. Mas eu quero deixar claro uma coisa para vocês: nós somos como a música ontem, lá nas Margaridas. Aliás, hoje, o Broch era um decidido Margarido. Mas, nas Margaridas eu falei sobre uma música do Lenine, que dizia o seguinte: quando a lida está má, a gente enverga mas não quebra. Eu quero dizer para vocês que nós vamos tomar todas as medidas, todas as medidas, para que este país volte a crescer o mais rápido possível. Nós vamos fazer todo o possível e o impossível, não é só para não haver retrocesso, é para avançar. Nós temos de avançar um pouco. Sempre você tem de avançar, você nunca pode... se você parar, você tá retrocedendo. Então, sempre nós queremos um “avançozinho”.

E eu não estou aqui para resolver todos esses problemas este ano. Estou aqui para resolver todos esses problemas e entregar esse país muito melhor no dia 31 de dezembro de 2018. E, finalmente, eu quero dizer para vocês: hoje, depois de tudo que eu vivi, depois de tudo que passei na minha vida, eu quero dizer hoje que, justamente, eu tenho condições, estou numa situação mais propícia a realizar aquilo com o qual eu sempre sonhei, com o que eu sempre sonhei, que é o quê? É melhorar a vida do nosso País, é afirmar a nossa soberania, é garantir que este país não seja a sétima economia do mundo, isso é pouco. Ele tem de ser a sétima nação do mundo, e isso nós não somos. Nós não somos a sétima nação porque enquanto houver a desigualdade que tem neste país nós não somos. Nós podemos ser a sétima economia, mas não somos a sétima nação.

E o que nós temos de fazer é querer mais, sim, para nós. É querer mais. Eu não posso querer menos para o nosso país, eu tenho de querer mais para o meu país. Nós temos de querer o quê? Nós temos de querer chegar a ser a sétima nação. A proporção da nossa economia, e isso significa o seguinte: significa necessariamente distribuir mais renda, ampliar

a participação do povo, garantir mais programa social. Mesmo que a gente saiba que, a partir daí, as pessoas sempre vão querer mais, porque faz parte do processo de transformação desse país, em um país desenvolvido, as pessoas querem mais. Faz parte, faz parte reivindicar, faz parte, inclusive, divergir. Vocês pediram uma coisa, uma coisa eu posso dar, outra coisa eu não posso dar. Faz parte vocês terem uma visão de um determinado jeito eu ter outro, mas tem de ter uma coisa, eu sei de que lado eu estou, eu sei. Eu sei de que lado eu estou. Eu costumo dizer e aí eu encerro. Na minha vida eu mudei muito porque a gente aprende, a gente erra, a gente é humano, a gente aprende, você vai mudando. Eu melhorei, mudei, alguns podem falar “ela piorou”, é da vida. Agora uma coisa eu não aceito. Eu nunca mudei de lado.

Ouça a íntegra (39min49s) do discurso (<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-dialogo-com-movimentos-sociais-brasileiros-brasilia-df-1h22min09s>) da Presidenta Dilma Rousseff

# 14-08-2015 - Discurso da presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de entrega de unidades habitacionais no Residencial Juazeiro, do Programa Minha Casa Minha Vida II - Juazeiro/BA

Juazeiro/BA, 14 de agosto de 2015

Queria... Um grande abraço a todas, às queridas mulheres, um grande abraço aos nossos companheiros.

Eu quero começar cumprimentando todas essas famílias que vão receber a chave e as que receberam as chaves. Eu gostaria de abraçar a cada uma dessas famílias, mas eu abracei a Itala Maiane, o José Roberto, a Ana Paula, a Francisca, a Ivanildes e a Naiara, mas eu queria abraçar cada uma das famílias aqui do Residencial Juazeiro.

Um grande abraço para começar essa conversa.

Queria agradecer as palavras do governador Rui Costa, que é nosso parceiro aqui. Aqui na Bahia nós temos essa parceria, aqui com Isaac e com o Rui e por isso, Juazeiro caminha para frente.

Quero cumprimentar também os ministros que me acompanham, o ministro Jaques Wagner, ex-governador da Bahia que vocês conhecem muito bem, e o ministro Gilberto Kassab, ministro das cidades,

Cumprimento a nossa querida primeira dama, ex-primeira dama Fátima Mendonça,

Cumprimento também o deputado Marcelo Nilo, presidente da Assembleia Legislativa da Bahia,

Cumprimento a nossa querida senadora Lídice da Mata, e os deputados federais, o Daniel Almeida e o José Rocha, o Zé Rocha,

Mais uma vez eu gostaria de saudar o prefeito, e agradecer o prefeito por essa tão fraterna, tão forte, tão emocionante recepção.

Quero agradecer também os deputados estaduais, Crisóstomo Lima, Odacir Amorim, Fabiola Mansur e Roberto Carlos, o vereador Damião Medrado, presidente da Câmara aqui de Juazeiro, a presidente da Caixa, Mirian Belchior, o vice-prefeito de Juazeiro, Irmão Francisco,

Queria cumprimentar ainda, o secretário Carlos Martins, do Desenvolvimento Urbano e em nome dele cumprimento todos os secretários,

Queria cumprimentar o empresário que construiu o residencial o senhor Antônio Santos Filgueiras, diretor da construtora Sertenge SA,

Um cumprimento especial aos representantes aqui dos movimentos sociais,

Cumprimento o pessoal da ASA, da Articulação do Semiárido Brasileiro, Cícero Félix dos Santos, e agradeço ao Cícero a parceria que nós fizemos nos últimos 4 anos e continuamos fazendo. Nós conseguimos construir 1 milhão de cisternas, 750 mil cisternas no meu governo e as outras 250 mil no governo do presidente Lula. Nós fizemos em menos de cinco anos, um pouco mais cinco anos e meio, nós fizemos juntos 1 milhão de cisternas, levando água para a população rural que precisa da água para viver e para plantar,

Cumprimento também o pessoal todo do MST ao cumprimentar o Giovanildo de Jesus,

Cumprimento o sindicato dos trabalhadores rurais aqui de Juazeiro, cumprimentando o Mitu, o Emerson José da Silva,

Cumprimento o sindicato de trabalhadores rurais de Petrolina, cumprimentando a Maria de Lourdes de Menezes Lima,

Cumprimento o pessoal do MAB, Movimento de Atingidos por Barragem, ao cumprimentar a Marta Rodrigues dos Santos,

Cumprimento o movimento dos agricultores e Perímetro de Irrigação, Ivan Pinto,

Cumprimento a Federação Municipal das Associações de Moradores e entidades afins de Juazeiro, o Francisco de Souza,

Cumprimento os jornalistas, os fotógrafos e os cinegrafistas.

Eu sei que Juazeiro é uma terra de gente forte, de gente trabalhadora, de gente batalhadora. E é também a terra de pessoas que deram grande contribuição para o país. Eu vou falar de dois artistas, um, o João Gilberto, nascido aqui, outra a Ivete Sangalo - um homem e uma mulher de valor e que dão grande contribuição para alegrar nossas vidas.

E cumprimento também Juazeiro, porque Juazeiro, para o Brasil inteiro, é símbolo do velho Chico, do Rio São Francisco.

Eu estive aqui a quatro anos atrás, lá em agosto de 2011, e eu estive aqui em uma cerimônia muito parecida com essa. Naquela época, em agosto de 2011, eu entreguei as chaves para 1500 famílias aqui de Juazeiro no residencial São Francisco, lá no bairro Antônio conselheiro. E hoje, eu volto aqui mais uma vez, para entregar as chaves para mais famílias, agora 1.480 famílias. E eu volto para fazer isso com uma alegria imensa no coração, uma alegria imensa no coração porque eu estou entregando para as pessoas uma chave que quando vocês botarem ela na porta, virarem a chave e entrarem, vocês estarão entrando na sua casa própria, na casa de vocês. Na casa que vocês vão poder criar suas famílias, dar toda a atenção para seus filhos, para os jovens, para os seus parentes também mais idosos e onde vão receber os amigos para uma cervejinha.

A casa é o lugar mais importante, porque é onde a gente passa a vida da gente. Por isso, morar de favor é muito difícil, morar de aluguel, muito caro, também é muito difícil, faz muito mal para o bolso, por que você paga o aluguel e fica faltando para outras coisas. E também morar em muitos lugares que são áreas de risco - e aí há qualquer problema quem paga é a família.

Então, agora vocês estão aqui nesse residencial que leva o nome Juazeiro. E aqui vocês vão criar a família de vocês. O Brasil precisa disso, o Brasil precisa que as famílias se sintam acolhidas e protegidas. Por que diante da maior dificuldade, se você tiver a sua casa, você tem onde ir. Um abraço para a senhora, um abraço para senhora, depois eu vou aí falar com a senhora - você também (vou falar aí com você).

Mas eu quero falar uma coisa para vocês: Ainda falta entregar aqui, porque está em construção, mais de 4200 casas. O total aqui que nós vamos entregar em Juazeiro dá 11 mil moradias, 11 mil moradias é algo que eu fico muito feliz. Vocês viram que tem família com sete crianças, tem família com quatro crianças, tem com duas, tem com uma, mas o Minha Casa, Minha Vida é sempre uma casa que tem a ver com família. Daí eu fico muito feliz de estar aqui, porque um em cada cinco moradores de Juazeiro moram em uma casa decente e digna do Minha Casa Minha Vida. E esse, esse é um prêmio que eu carrego na minha vida.

Eu sei perfeitamente que, o Brasil tem toda uma tradição no passado de não olhar para aqueles que mais precisam para aqueles que sofrem para aqueles que trabalham. E nós, desde o governo do presidente Lula, falamos: 'Não, tem de acabar com isso'. O dinheiro que nós somos, depois da eleição indicados para administrar, tem de ser dedicado para resolver a vida e melhorar a vida dos brasileiros. Por que isso? Porque isso beneficia todo mundo,

beneficia as famílias que receberam, mas beneficia também todo o país. Porque que beneficia todo o país, vocês podiam me perguntar? Primeiro, porque aqui foi construído um conjunto de casas, pessoas foram empregadas para construir essas casas, mas essas casas elas usam, as janelas são de alumínio, houve gente construindo essas janelas de alumínio, houve gente fazendo cada uma das partes dessas casas. E aí, vocês ao ter a casa também garantiram emprego para muita gente.

Além disso, aqui vocês vão criar toda uma vida em comum, e aí, vocês podem aqui também saber que aqui perto vai ter gente trabalhando para trazer aquilo que vocês compram todo dia. Então, isso aqui vai virar um bairro e aí eu aproveito a palavras do governador, "vocês têm de cuidar disso aqui". Hoje nós ainda cuidamos, daqui a pouco a responsabilidade passa a ser para cada uma das famílias.

O governador explicou por que tem de pagar e tudo isso, mas eu quero falar de outra coisa, eu vou falar porque que tem de embelezar. Tem de embelezar porque a gente vive mais feliz num lugar bonito conservado, sem sujeira na parede, mas também por outro motivo, porque isso aqui agora, quando a gente fala casa própria, é patrimônio de vocês. E isso aqui é riqueza de vocês, vocês agora têm um patrimônio. Se começou valendo 60 mil, daqui a pouco vai valer 120 e vai ser valorizado, mas para ser valorizado vocês têm de cuidar.

E aí, eu vou falar uma coisa, tem muita criança, eu vi aqui muita criança pequena. Criança pequena tem de viver num lugar que tem árvore, árvore e criança rima e combina. Acho que vocês têm de embelezar, aqui tem de ter árvore aqui. O prefeito eu tenho certeza que vai ajudar a botar uma árvore, o governador também eu tenho certeza que vai ajudar a botar uma árvore. O governador também, eu tenho certeza, que vai ajudar a botar uma árvore. Ele, o prefeito, fez um pedido para mim, dois pedidos: Eu vou fazer um pedido para o prefeito - prefeito, o meu pedido é que você, você coloque árvores aqui no residencial Juazeiro. E o outro pedido prefeito, é que o senhor também coloque creche, uma creche aqui no residencial Juazeiro. E aí eu empatei com ele. O meu é uma árvore e cresce e eu vou cuidar do dele para ver o que é possível fazer. É claro que o do prefeito é muito mais caro.

O prefeito me pediu para eu interligar o Rio Tocantins, não é, prefeito? Com o São Francisco. Acho prefeito que vai ser mais ou menos, o prefeito não tenho ideia assim do valor, mas acho prefeito que o ministro Kassab vai ter um certo problema junto com o ministro da Integração, porque vai passar isso do orçamento deles. Isso não fica menos de bilhões e bilhões de reais prefeito, não é algo trivial.

Agora, eu acho que a gente tem de olhar para o São Francisco. A primeira coisa que temos de fazer no São Francisco, a primeira coisa que a gente tem de fazer no São Francisco, é recuperar as margens do São Francisco. Porque um dos fatores também de agravamento da seca é a falta de mata ciliar na beira dos rios. Mas eu quero falar uma coisa aqui concordando com o prefeito: Nos últimos quatro anos, o nordeste passa por uma das maiores secas históricas, se a gente comparar ao longo dos 100 anos passados, esta é uma das maiores secas. E aí, eu pergunto uma coisa para vocês: no passado quando havia seca havia algumas coisas terríveis. Primeiro: as pessoas tinham problema até para se alimentar, passavam fome. Hoje não tem isso, porque que não tem? Porque tem o programa Bolsa Família.

Hoje você não vê as pessoas invadindo supermercado por que não tem o que comer, por que tem programas sociais tanto do governo federal quanto do prefeito quanto do governador, por quê? Porque nós temos certeza de uma coisa, a gente não combate seca, o que a gente faz? A gente convive com a seca, o que é conviver com a seca? É criar as condições para que, em havendo seca, as pessoas não sofram, por que nós não controlamos a seca, o homem não controla a seca, nós não conseguimos fazer chover, ainda, pode ser que no futuro a gente faça chover. Mas se a gente não controla a seca, a gente pode conviver com ela, a gente pode fazer cisterna.

Por isso, que eu cumprimentei o pessoal da Asa, que nos ajudou a fazer cisterna pelo semiárido a fora. Porque fazer 1 milhão de cisterna não foi fácil. E por que que a gente faz a cisterna? Porque é aquela história, na hora que chove a gente guarda aquela água e vai usando sempre que precisar. Por que você não consegue, você não consegue sem

mecanismos de armazenar água, você não consegue conviver com a seca. E aí, nós estamos fazendo a interligação do São Francisco, e vai chegar o dia que o prefeito pediu nós vamos ter de fazer também: Ligar o rio Tocantins ao rio São Francisco fazendo obviamente uma avaliação técnica sobre isso. Mas a interligação do São Francisco, que daqui a duas semanas eu volto aqui, aqui nessa região, não é bem aqui em Juazeiro é um pouco mais para cima, eu volto aqui para a gente dá os primeiros 49 km do canal do São Francisco com a água chegando. E aí, nós temos de garantir que a água chegue a vocês.

Com tudo isso que eu falei, eu quero dizer uma coisa, eu acho que nos últimos 13 anos no governo do presidente Lula e no meu, nós fizemos uma coisa, e eu acho que isso vai distinguir o meu governo e o governo dele, que é o seguinte: Nós olhamos para a Bahia, nós olhamos para o Nordeste. Quando o prefeito diz que aqui nós estamos concluindo a 235, nós estamos concluindo a 235.

Aqui tem um IFET, não tinha um IFET, agora tem um IFET. Por que o IFET é fator importante? Porque com IFET as crianças e os jovens estudam e se formam num curso técnico, vão ter um trabalho melhor. Quando tem um IFET a empresa olha, (Instituto Federal de Educação Técnica), a empresa olha e fala: "ó, lá em Juazeiro tem gente que tá se formando com capacidade técnica", se eu quiser colocar minha empresa lá vai ter gente com capacidade de trabalhar e de criar o meu produto. Então o IFET é importante por isso.

Agora algo que o prefeito e o governador falaram e que é fundamental para o nosso país, é creche. Por que creche? No passado era, a gente dizia: É que as mulheres tem direito de trabalhar e ter onde deixar seus filhos. É verdade, isso é verdade para a creche, mas não é essa a verdade total, a verdade total é a seguinte: Está provado, para lá de provado, que as crianças até uma certa idade entre 0 à 3, 0 à 5 anos, elas formam as suas capacidades que vão servir para toda a vida, para o resto do estudo, para arranjar emprego, para ter uma profissão e para ganhar a vida. Hora, o que que era necessário que o estado faça? O estado tem de olhar para as crianças e garantir que uma criança que venha da classe popular tenha a mesma oportunidade de uma criança que venham de uma família rica. Porque a raiz da desigualdade começa bem cedo quando as crianças tem oportunidades diferentes. Uma boa creche, ela vai ficar estimulando a criança, garantindo que ela adquira as competências que ela vai carregar para os resto da vida.

Por isso, prefeito eu cumprimento o senhor por ter feito tantas creches, o senhor se distingue entre os outros prefeitos, o senhor pegou 18 creches e já fez 13, não é isso prefeito? Já fez 14, já chegou a 14, isso é importantíssimo.

E aliás, eu quero dizer mais uma coisa. É fundamental aqui em Juazeiro, porque Juazeiro é um polo. Juazeiro é uma cidade muito importante, vocês estão aqui e também vocês têm do lado de lá do rio, Petrolina, uma empurra a outra. E aí, aqui em Juazeiro, nós sermos capazes de pavimentar a cidade, de sanear a cidade, de garantir que tem esgoto tratado, água tratada é fundamental para que essa cidade se desenvolva.

Eu vim aqui hoje muito feliz, muito feliz, porque eu tenho certeza que uma cidade em que nós pudermos garantir que sim, que cada morador aqui de Juazeiro tenha a sua casa própria, é uma cidade que eu vou carregar para sempre no meu coração. A gente vence desafio, como vocês vencem os seus com luta, otimismo e esperança, com coragem e com determinação. Ninguém que olha para dificuldade e fica com medo dela, vence a dificuldade. A gente só vence dificuldade com coragem e determinação.

Nós sabemos que quando você começa a fazer uma coisa tem muita gente que olha e fala, não vai dar certo, ah, não vai dar certo! Esse pessoal do não vai dar certo, nunca vai conseguir realizar o que deve ser realizado.

Quando nós fizemos o Minha Casa Minha Vida, uma porção de gente disse, não vai dar certo, e deu certo. É obvio que no início você tem uma dificuldade aqui e outra ali, mas com coragem e determinação e esperança e muita força no coração, você faz dar certo. Da mesma forma, hoje nós estamos fazendo no Brasil, nós estamos numa travessia. E nessa travessia nós vamos fazer dar certo.

O Brasil, podem ter certeza, vai voltar a crescer, vai reduzir a inflação. O Minha Casa Minha Vida 3, nós vamos lançar agora até o dia 10 de setembro e isso significa o que? Mais 3 milhões de casas, além das casas que nós já entregamos e daquelas que estão em construção, qual é a boa notícia? É que aqueles ainda que não tiveram acesso a sua casa própria vão ter, vão ter e podem ter certeza, nós aprendemos a cada, a cada momento, a cada vez, em cada fase, fazemos casa melhor, fazemos casa. Aí olhamos, olhamos, essas daqui, por exemplo, tem azulejo até metade e na cozinha e no banheiro. Nós vamos cada vez melhorando mais as casas e levando as casas para aquelas pessoas que mais precisam.

Quero falar também, que existem o Minha Casa, Minha Vida Rural, para aquelas populações que moram ainda na zona rural. É importante que essas populações também tenham acesso a casa própria.

Por fim, eu quero dizer para vocês, eu terei o máximo prazer em voltar novamente em Juazeiro para entregar mais casas para a população aqui de Juazeiro. E finalmente dou um abraço a cada uma das famílias aqui do Residencial Juazeiro. Desejo a cada uma muito sucesso, muita saúde, mas, sobretudo, eu desejo que os filhos, os filhos, os brasileirinhos e as brasileirinhas aqui desse Residencial tenham uma vida melhor do que seus pais tiveram, que seus avôs tiveram. É isso que a gente deseja sempre para as famílias, que os filhos tenham uma vida melhor que seus pais tiveram, e é para isso que o meu governo trabalha todo santo dia, para que crianças, os jovens desse país tenham uma vida melhor do que nós tivemos.

Muito obrigada e um beijo no coração.

Ouçã a íntegra do [discurso](http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-cerimonia-de-entrega-de-747-unidades-habitacionais-dos-residencial-juazeiro-do-programa-minha-casa-minha-vida-ii-juazeiro-ba-min-s) (<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-cerimonia-de-entrega-de-747-unidades-habitacionais-dos-residencial-juazeiro-do-programa-minha-casa-minha-vida-ii-juazeiro-ba-min-s>) (28min37s) da presidenta Dilma.

# 14-08-2015 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante o evento Dialoga Bahia - Salvador/BA

Salvador-BA, 14 de agosto de 2015

Obrigada querida. Obrigada, gente, obrigada. Olha, para mim é um prazer estar aqui.

Eu queria cumprimentar o governador, agradecer as palavras. Acho que o Ilê Aiyê inspirou o governador. E quero dizer para vocês que, para mim, é uma alegria estar aqui com cada um de vocês.

Cumprimento também os dois ex-governadores aqui presentes. Pela ordem, o nosso querido Waldir. Um abraço, Waldir, um grande abraço. E o nosso ex-governador Jaques Wagner, hoje me dá a honra de ser ministro da Defesa. Não mexam com ele, ele é ministro da Defesa.

Eu quero também cumprimentar a Fátima Mendonça,

Cumprimentar os ministros aqui: o Chioro, o nosso querido Juca, cumprimentar o Miguel e cumprimentar a Tereza.

Quero dizer para vocês que eu vou começar respondendo uma pergunta da Ana, que perguntou... ela não perguntou, ela falou na "gatices". Eu vou aproveitar a pergunta, a pergunta não, a constatação e te dizer uma coisa que é a seguinte: vou começar pelo Chioro, é vida saudável. Mesmo debaixo da pressão, mesmo debaixo da, eu diria o seguinte, da imensa desfaçatez e intolerância que recai em alguns momentos lá em Brasília, eu acho que todo mundo tem de se esforçar para manter a serenidade. Porque a serenidade e a vida saudável, ela te dá condições de enfrentar a dificuldade. Então, é muito bom. Você come menos, você se esforça mais, você acorda cedo e trabalha até tarde. Essa é a minha vida saudável. Faça exercício, acorde cedo, trabalhe muito e enfrente a vida. Porque aquilo que meu conterrâneo - que nós todos somos um pouco baianos, os mineiros também - dizia: "Da vida, o que a vida quer da gente é coragem". É isso que a vida quer da gente.

Mas, eu quero dizer para vocês que para mim é muito importante estar aqui. Acho que o tema principal desse meu segundo mandato, por tudo que nós aprendemos, por tudo que nós recolhemos, pelas conferências que nós fizemos, por olhar cada setor, por olhar o setor da cultura - e aqui eu não podia deixar de saudar toda a cultura, ao saudar a Margareth Menezes -, todas as conferências, nós aprendemos que tem um poderoso, um fortíssimo instrumento, uma verdadeira arma, que é o diálogo e a participação popular.

Uma vez, lá atrás, o nosso ministro da Cultura estava fazendo o encerramento da Conferência da Cultura - não é, Juca? - a Segunda Conferência da Cultura, e tinha... e contou uma história de um ribeirinho lá do Amazonas, para quem perguntaram: "Mas, vem cá, por que se faz conferência? Qual é o papel da Conferência?" E eu acho que ele respondeu com a aquela sabedoria que o povo brasileiro tem: "Uma conferência é para conferir se tudo está nos conformes". E eu nunca vou esquecer: dialogar é para conferir, é para sugerir, é para criticar, é para olhar se está tudo nos conformes, se nós estamos no caminho certo, se nós podemos melhorar. Porque nenhum de nós nasce com a verdade. E aí, verificar se tudo está nos conformes é uma tarefa coletiva, não pode ser feita lá em Brasília, não pode ser pela presidenta e pelos ministros. Só pode ser feita pelo governo com o seu povo. Se não faz com governo e com o seu povo, a gente não vai conferir nada. Então,

hoje, aqui, a primeira parte que nós fizemos é explicar o que nós estamos fazendo. Porque se a gente não explicar o que está fazendo, como que é que vocês vão saber se está bom, se está médio, se pode melhorar, se tem como avançar.

E aí, eu vou usar aqui uma participação, uma fala de uma participação absolutamente espontânea que surgiu aqui, unindo dois programas: Minha Casa Minha Vida e a Cultura, da senhora. Ela gritava que tinha de ter cultura no Minha Casa Minha Vida. E eu quero dizer para ela que eu concordo com ela. E concordo pelo seguinte: em todos os residenciais que eu vou tem um espaço que é o espaço social. Aquele espaço social é para que? Uma das coisas mais importantes que se pode fazer junto, além de a gente dialogar, eu acho que é se expressar. E a cultura é isso: é a forma mais forte de expressão que nós, ao longo da história da nossa evolução e do momento histórico que cada um de nós vive, nós entrarmos em contato um com o outro. Porque o que nos distingue é a nossa capacidade imensa de nos socializar. Ninguém vive sozinho.

E aí, é muito importante num projeto social como o Minha Casa Minha Vida, para, de fato, ser minha casa, tudo bem, agora, para ser minha vida tem de ter cultura. E aí eu queria que o Juca fosse atrás do ministro das Cidades e ficasse em cima, porque tem o espaço. Tem o espaço, tem o lugar, tem as pessoas, logo, dá para fazer. E isso é uma sugestão que saiu aqui. Se eu não tivesse aqui, eu não tinha escutado. Então, primeiro, eu te agradeço. Como é que você chama? Marli... Como? Marli Carrara. Te agradeço, Marli Carrara.

Bom, mas eu queria dizer alguma coisa para vocês. Tem alguns programas aqui que eu tenho muito orgulho. Eu tenho muito orgulho, mas a gente tem orgulho quando a gente luta para conquistar. Um deles é o Mais Médicos. Quero dizer para vocês que o meu governo lutou para fazer o Mais Médicos. Nós tínhamos consciência que faltava médico, nós tínhamos consciência que faltava médico. Aí escutamos uma porção de gente. Os prefeitos. Os prefeitos falavam: “Ó, não tenho de onde tirar dinheiro para pagar o médico”. Além dos prefeitos, nós escutamos os movimentos sociais. Toda reivindicação que aparecia para mim era: o posto de saúde estava fechado, quando chamam de posto de saúde; às vezes chamam de unidade básica de saúde, a unidade básica de saúde estava fechada; e às vezes chamam de posto de saúde da família: não tinha quem me atendesse. E era aquela angústia.

E nós descobrimos - viu, Fatinha? - que o Brasil tinha uma quantidade de médicos por mil habitantes menor que da Argentina e do Uruguai. Aí também é demais, não é? Então, nós começamos a construir o programa. E, primeira coisa que fizemos foi chamar médicos. Houve um atendimento pequeno, porque na época a consciência não era grande da importância do programa. Depois, eu quero dizer para vocês que eu agradeço, sim, ao governo cubano, eu agradeço, sim, aos médicos cubanos, porque nós viabilizamos o programa com eles. O ministro foi claro aqui: foram mais de 11 mil médicos cubanos. Foram eles que deram a sustentação para o início do programa. Mas, como tudo na vida é exemplo, é simbolismo, também nesse caso os nossos queridos médicos brasileiros agora estão assumindo a dianteira e serão, certamente, eles que vão levar esse programa à frente. E é isso a coisa mais importante porque é atenção básica, e atenção básica é onde se resolve 80% dos problemas de saúde. E aí, a população brasileira agora pode ter condições de avançar mais um passo para ter o Mais Especialidades. Para que possa fazer um exame e ter esse exame o mais rápido possível, assim como as pessoas mais ricas têm. Então, é levar, de fato, a universalização do SUS, é realizar o Sistema Único de Saúde no Brasil.

Aí depois entrou a dona Tereza Campello e fez uma exposição que eu acredito que foi do fundo da alma, porque a Tereza tem, na alma dela, arraigada, a briga, a luta, a disputa sistemática com aqueles que olham o Bolsa Família, e sempre olham com preconceito: “bolsa esmola. Bolsa só para a pobreza. Então, ninguém ganha, a classe média não ganha, e vocês, que fazem o Bolsa Família, vocês só olham para uma parte do Brasil”. Mentira. Nós olhamos para aquilo que o Brasil tem de superar. O Brasil, para ser uma nação rica - não estou falando em país rico, estou falando em nação rica -, não pode ter uma parte da sua população condenada à miséria. E a Tereza tem levado essa luta. E nós continuamos nessa luta. Nós continuamos nessa luta porque o nosso próprio programa diz uma frase: “superar a pobreza é apenas o início”. É o início, é o início de serviços melhores na área de educação.

E aí entra a cultura. É também ter acesso a um padrão de cultura que é fundamental para identidade do nosso povo. Se nós queremos, de fato, ser uma nação desenvolvida, sem cultura nós não seremos. Sem dar espaço à cultura popular nós não seremos. Sem dar acesso à uma educação de qualidade para os brasileiros, nós não seremos.

E aí, eu quero dizer para vocês que o que nós estamos discutindo aqui, de uma certa forma, é o cerne, é aquilo que está lá na alma da nossa sociedade: é como que nós vamos ser uma nação que seja capaz de ser também a sétima nação. Porque nós somos a sétima economia, mas nós não somos a sétima nação. Nós temos de, primeiro, chegar à sétima nação, porque aí nós vamos fazer a sétima economia subir de patamar. E quem sabe a gente não chega lá nos números primeiros? Porque este país tem todas as condições.

E aqui eu estou em um local, que é a Bahia. E a Bahia é especial em muitas coisas mas, principalmente, a Bahia é especial porque aqui está a marca da nossa diversidade étnica, a composição negra da nossa nacionalidade, a composição indígena da nossa sociedade, e a composição de asiáticos, brancos, europeus, de todas as áreas, árabes. Nós somos um país multiétnico, multidiverso e, sobretudo, por isso mesmo, com uma imensa riqueza cultural. E aqui na Bahia está essa riqueza cultural, e nós sabemos que está. É só nós vermos a capacidade de gerar alegria mas, sobretudo, de gerar padrões musicais, de gerar, eu acho, uma plasticidade como essa do Ile Aiyê. A gente fica aqui, boquiaberto, vendo um festival de cor, de movimento, de música, e uma imensa alegria.

Então, eu fico muito feliz de passar a primeira, porque esse Dialoga Brasil é o primeiro fora de Brasília. Na verdade, ele é um Dialoga Bahia, não é? Na verdade, ele é isso: Dialoga Bahia, Dialoga com a Bahia. E nós começamos bem, não é, Rossetto? Nós começamos bem, porque aqui também começa a fase nova, que eu chamo “a fase nova do Brasil”, é a fase mais recente. É a descoberta, porque este país existia antes do Pedro Álvares Cabral, mas aqui começou, com o encantamento que tem aqui.

E aí eu vou falar uma coisa muito importante porque nós estamos nessa plataforma. A plataforma Dialoga Brasil, ela tem um sentido de cidadania, e tem um sentido também de ampliar os graus de participação popular. Quando as perguntas aparecem, eu acho que tem de ter um diálogo entre aqueles que não estão aqui, que estão perguntando, e vocês que estão aqui presentes. E esse diálogo é isso: é ver a resposta para eles, e fazer a resposta às perguntas de vocês. E nós sermos olhados entre esses dois, esses dois aspectos, que é essa tecnologia que permite que você chegue na casa do cidadão estando longe dele e, ao mesmo tempo, esta que vai ser sempre uma das formas mais fortes de interação entre nós, que é a presença física.

Nós temos essa capacidade. Em um governo, significa que nós estamos abrindo esse caminho. Se vocês falarem para nós: “vocês sabem como fazer direitinho?” Eu acho que sabe a apresentadora, ela sabe mesmo. A apresentadora deu um show aqui na apresentação, que é de apresentadora. Eu acho que ela sabe. Agora, nós, aqui, estamos aprendendo junto com vocês. Nós estamos que nem aquela história da mãe com a criança, porque tem hora que eu desconfio que quem educa, é a criança que educa a mãe. É uma coisa que eu sempre desconfiei que a criança faz com a gente: ela nos educa também, ela ensina como ser mãe. O povo nos ensina também como ser governantes, como sermos capazes de trocar opiniões com vocês.

E aí eu quero chegar... Eu não vou me estender muito, eu não vou me estender muito. Mas eu quero falar uma coisa para vocês. Eu quero falar sobre a teoria, a prática e a insidiosa tentativa de criar no Brasil uma situação de “quanto pior melhor”. Quem não tem compromisso com seu país, quem não tem compromisso com todas as conquistas que nós fizemos nos últimos anos, e aqui eu quero fazer uma afirmação que vocês até falar: é um pouco pretensiosa da parte dessa presidenta, mas eu vou ousar fazer. Eu acho que se tem uma coisa que eu tenho orgulho de ter feito como presidente, e tenho orgulho de ter participado como ministra, foi do que fizemos no governo Lula e no meu governo em relação ao Nordeste do Brasil. E isso eles não vão tirar de nós. Jamais vão tirar de nós.

Quero dizer para vocês, acabando a minha fala. Quero dizer que eu deixo aqui um pedaço do meu coração com vocês.

Um beijo e um abraço.

Ouçã a íntegra(18min36s) do discurso  
(<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-o-evento-dialoga-bahia-salvador-ba-18min36s>), da Presidenta Dilma Rousseff

# 18-08-2015 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de inauguração da Escola Nacional de Gestão Agropecuária - ENAGRO

Brasília-DF, 18 de agosto de 2015

Boa noite a todos. Eu queria começar cumprimentando a ministra Kátia Abreu, da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Cumprimento a Kátia Abreu, não protocolarmente, Kátia, mas eu te cumprimento porque essa, de fato, é uma iniciativa fundamental para o nosso País. Faz parte da Pátria Educadora, faz parte do reconhecimento da importância do agronegócio, e faz parte, também, desse processo fantástico que é sermos capazes de transformar conhecimento em produção, emprego e renda para a nossa população, para os nossos brasileiros e para as nossas brasileiras.

Cumprimento, também, o ministro da Educação, Renato Janine, que prestigia esta solenidade, que dá a ela todo o reconhecimento que o sistema de educação formal deste país tem de dar a iniciativas como essa Escola Nacional de Gestão Agropecuária.

Cumprimento a Izabella Teixeira, do Meio Ambiente, e é algo bastante significativo que a ministra do Meio Ambiente e a ministra do MAPA estejam juntas nesta cerimônia, porque mostra que nós somos um país que foi capaz de superar as chamadas "diferenças fáceis". Nós só podemos ter diferenças difíceis e as fáceis nós superamos.

Acredito que o Código Florestal mostrou que é possível, perfeitamente, produzir e conservar, e acho que é esse o nosso diferencial, que torna este país uma das fronteiras, aí não fronteira agrícola mas fronteira, eu acredito, do conhecimento e da sustentabilidade.

Cumprimento, também, o presidente da Conab, o Rubens Rodrigues dos Santos,

Cumprimento a Ângela Peres, diretora da Escola Nacional de Gestão Agropecuária, e desejo a ela muito trabalho.

Cumprimento aqui, também, todos os sindicatos aqui presentes, todas as associações do setor agrícola e pecuário. E, ao cumprimentá-los, eu queria destacar a presença, aqui, do nosso Martins, que representa a CNA.

Cumprimento os alunos e professores da ENAP,

Queria dirigir um cumprimento especial aos servidores do MAPA. Os servidores do MAPA representam o funcionalismo público do nosso País, o servidor público, aquele que tem por obrigação servir à população do nosso País. Muitas vezes com dificuldades, outras sem condições, outras sem valorização. Daí porque essa iniciativa ela marca um momento especial e acredito, ministra Kátia Abreu, que a senhora ficará como uma das pessoas que modificou, de forma profunda, a agricultura do nosso país. Porque o que nós estamos aqui hoje tem um valor de curto prazo, mas sobretudo, tem um valor de longo prazo. Sobretudo, ele molda e dá um descortínio diferenciado para os caminhos que nós vamos percorrer.

E queria, também, cumprimentar os senhores jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas.

Eu vou começar a minha brevíssima intervenção dizendo, repetindo a frase que está escrita na placa que nós acabamos de inaugurar: o sucesso do agronegócio brasileiro começa aqui, na capacitação, na valorização e na motivação do capital humano do MAPA.

Começa aqui. Começa aqui porque, sem homens e mulheres que se dediquem a essa questão fundamental para o nosso país, que é um setor no qual nós temos excelência, no qual nós conseguimos a equação mais, eu diria, mais eficiente, mais produtiva, que é juntar a nossa maravilhosa terra, a insolação, a quantidade de água com a capacitação humana, o desenvolvimento da ciência, tecnologia e inovação, tendo uma - sem sombra de dúvida -, uma instituição de excelência, que é a Embrapa.

Acredito que aqui também uma outra Embrapa se inicia, a Embrapa da educação e da formação e da capacidade de gestão. Porque o conhecimento, se ele não é difundido, ele não se materializa em avanços, em benefícios para o conjunto da população.

Vocês sabem que recentemente eu estive nos Estados Unidos, e uma das instituições que eu visitei ela tinha uma função. A função que ela tinha era articular as pesquisas básicas que se desenvolvem nas instituições públicas americanas - pela NASA, pela ARPA, pela DARPA, enfim, por todas as instituições de pesquisa básica -, articular essas pesquisas com o setor tecnológico e com o setor produtivo e, localizavam nessas articulações a maior dificuldade.

Eu acredito que aqui nós damos mais um passo para melhorar essa articulação, com a formação da Escola Nacional de Gestão nesta área tão estratégica para o país que é esse setor que conseguiu, de fato, mostrar que é possível que nós tenhamos uma agricultura de altíssima qualidade. Mas nós não nos contentamos com isso, não basta isso, por isso a Escola Nacional de Gestão Agropecuária. Porque tem homens e mulheres que se preocupam com o futuro que nós estamos aqui hoje.

O Brasil é um país especial, nós somos a sétima economia do mundo. Hoje nós enfrentamos dificuldades, todo mundo aqui nessa sala sabe disso, inclusive, sabemos também que outros países no mundo enfrentam dificuldades. Ninguém imaginava, alguns anos atrás, nem mesmo há um ano atrás, que nós teríamos a China enfrentando também seus problemas. Ninguém imaginaria que esta é uma situação que diferencia o Brasil dos outros países. Por que ninguém imaginaria isso? Porque o Brasil até então tinha tido um desempenho fantástico. Nós tínhamos conseguido superar os seis anos de crise recorrendo a um conjunto de políticas.

Hoje nós não temos mais como dar suporte a tudo que fizemos. Desoneramos a folha das empresas; desoneramos a cesta básica; desoneramos uma série de investimentos produtivos, principalmente investimentos. Vamos continuar mantendo as desonerações, em alguns casos, na sua integralidade - é o caso da, por exemplo, é o caso da cesta básica -, e outros casos nós teremos de reduzir o nível de desoneração. Por que nós temos de fazer isso? Para transitar, é uma travessia que nós estamos. Nessa travessia, algumas coisas nós não podemos permitir que voltem atrás ou que tenha retrocesso. Dentro disso está o agronegócio, este agronegócio que deu tantos ganhos para o nosso país. É por isso que nós aumentamos, mesmo em um momento de dificuldades, em 20% os recursos de financiamento e para as políticas do Plano Safra desse período.

Acredito que isso é o reconhecimento, também, por parte do governo, da importância, da imensa importância desse setor. E acho que, de fato, é uma visão muito estreita supor que há uma oposição entre governos e o setor privado. Falei governos porque estou incluindo também os estaduais e os municipais, e o setor privado. Isso é impossível. Nós, só juntos, podemos de fato chegar lá; só juntos nós conseguiremos, unindo o que tiver de melhor em cada um, chegar a uma nação que seja uma nação que, pelo menos, no mínimo, seja uma nação de classe média.

Gostaria de dizer ao senhores que um dos grandes esforços que nós estamos fazendo é na área dos acordos comerciais. Estou dizendo isso porque, a partir de amanhã, nós teremos aqui mais uma das visitas que recebemos de chefes de Estado e de Governo. A chanceler, no caso de amanhã, chega a chanceler Merkel. E nós pretendemos sinalizar que o Brasil está disposto, está pronto para apresentar a sua oferta de acordo comercial, o que também irá beneficiar bastante o setor industrial e, sobretudo, o setor agrícola e pecuário do nosso país.

Eu sei que, além dessa escola, dessa fantástica conquista, uma outra conquista tem sido característica da atividade da ministra Kátia Abreu. São os acordos comerciais muito bem-sucedidos que nós temos conseguido fazer neste momento em que temos uma competitividade ainda maior, não só a competitividade normal do agronegócio, mas, ainda, o benefício de uma taxa de câmbio, agora, muito mais adequada às nossas exportações.

Por isso eu, mais uma vez, cumprimento, queria cumprimentar a Ângela, e queria cumprimentar a Kátia. São duas mulheres que têm, agora, a missão de transformar a Pátria Educadora em uma Pátria da agropecuária. A agropecuária integra, a partir de agora, a Pátria Educadora. E o ministro, certamente, vai cuidar bastante dessa escola, e vai cuidar bastante a ENAP. Parabéns Kátia, parabéns Angela, parabéns todos funcionários aqui do MAPA e parabéns todos os empresários aqui do agronegócio, com suas associações. E tenho certeza que a partir daqui nós estamos, também, construindo um Brasil melhor, um Brasil de futuro.

Muito obrigada.

Ouçã a íntegra (12min45s) do discurso  
(<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-cerimonia-de-inauguracao-da-escola-nacional-de-gestao-agropecuaria-enagro-brasilia-df-12min45s>) da Presidenta Dilma Rousseff

# 20-08-2015 - Declaração à Imprensa da presidenta da República, Dilma Rousseff, após reunião com a Chanceler da Alemanha, Angela Merkel - Brasília/DF

Palácio do Planalto, 20 de agosto de 2015

Senhora Angela Merkel, chanceler da República Federal da Alemanha,  
Senhor Michel Temer, vice-presidente da República Federativa do Brasil,  
Senhoras e senhores ministros de Estado,  
Integrantes das delegações da Alemanha e do Brasil,  
Senhoras e senhores fotógrafos, cinegrafistas, senhores jornalistas e senhoras jornalistas.

Eu tenho hoje a grande satisfação de receber, novamente no Brasil, a chanceler Angela Merkel. Trata-se de visita histórica, não só pelos resultados obtidos, mas também pelo seu formato inovador: um verdadeiro encontro de gabinetes, de ministérios. Inauguramos hoje os trabalhos do mecanismo de Consulta de Alto Nível Brasil-Alemanha, que atesta a solidez da cooperação bilateral e amplia sua eficácia.

A chanceler Merkel e eu repassamos todos os temas de nossa parceria estratégica e recebemos os relatos dos ministros e vice-ministros dos dois governos sobre os progressos obtidos nas múltiplas reuniões setoriais que mantiveram hoje e ontem.

Adotamos também diversos acordos importantes. A Alemanha e Brasil são a 4ª e a 7ª economia do mundo. As maiores, respectivamente, da Europa e da América do Sul.

Neste cenário de incertezas quanto à recuperação da economia internacional, sabemos o quanto é importante essa parceria. A Alemanha é um dos principais investidores no Brasil e seu maior parceiro comercial. E o quarto parceiro no mundo. Cerca de 1.600 empresas alemãs atuam em nosso território, gerando aqui emprego, gerando aqui renda e contribuindo para a prosperidade do nosso País.

A chanceler Merkel e eu coincidimos na importância de ampliar o comércio bilateral, bem como em diversificá-lo, incrementando a participação de bens de maior valor agregado na pauta de exportações brasileiros. Reafirmei a determinação do governo brasileiro na conclusão do acordo Mercosul-União Europeia. O calendário das negociações, acertado na Bélgica com a comissária europeia, prevê a troca de ofertas ainda neste ano de 2015. Sei que essa é também a posição do governo alemão e, por isso, a troca de oferta deve se tornar um grande passo na nossa cooperação.

Estimulamos também o fortalecimento das parcerias, dos negócios entre os nossos empresários, incluindo fomento a investimentos, a *joint ventures* entre pequenas e médias empresas. Ressaltei as oportunidades para ampliação dos investimentos alemães no Brasil, especialmente em infraestrutura e em energia elétrica. Aproveito para reiterar o convite para que empresas alemãs participem dos processos licitatórios envolvendo a segunda etapa do Programa em Investimento em Logística e da etapa agora, que abrimos do Programa de Investimentos em Energia Elétrica.

O primeiro programa, o de logística e com foco em rodovias, ferrovias, portos e aeroportos. O segundo, de energia, com foco nas energias renováveis, como a biomassa, eólica, solar e também na eficiência energética, notadamente nos chamados grids inteligentes.

Gostaria, ainda, de destacar a relevância para o Brasil da cooperação do setor prático diante da notória expertise alemã nessa área. A chanceler Merkel e eu adotamos importantes iniciativas em educação, ciência, tecnologia e inovação, áreas prioritárias para o aumento da produtividade da economia e a consolidação das conquistas sociais no Brasil.

Destaco, também, o desenvolvimento conjunto do Veículo Lançador de Microsatélite brasileiro, o VLN1, e projetos de pesquisa aplicadas à indústria e em terras raras, bioeconomia e ciências marinhas.

Avançamos também na cooperação ambiental. Acordamos ações comuns para enfrentar uma das grandes questões do século XXI, a mudança do clima. A declaração conjunta, que adotamos, reflete nosso compromisso com êxito da reunião da COP 21 de Paris, em dezembro. E se nós queremos evitar, de fato, que a temperatura aumente dois graus, o nosso compromisso com a descarbonização no horizonte de 2100 é algo muito importante e relevante para todo o planeta.

Gostaria de destacar que o Brasil assumiu compromissos voluntários desde a Cop 15, em Copenhague, quando definimos a meta voluntária de redução de emissão de no mínimo de 36% no horizonte de 2020. Aliás, meta essa que estamos cumprindo adequadamente. Agora, no horizonte de 2030, o Brasil vai anunciar, em setembro, na conferência da ONU para adoção dos objetivos de desenvolvimento sustentável, da nossa declaração de ambição para a COP 21, à altura dos atuais desafios.

Gostaria de antecipar aqui algumas das nossas medidas e compromissos. Primeiro, a restauração e a recuperação florestal de 12 milhões de hectares. Segundo, o desmatamento ilegal zero na Amazônia, também no horizonte de 2030. Terceiro, a neutralização das emissões de carbono, associadas a supressão de vegetação na Amazônia. Destaco que nós temos feito um grande esforço dessa área. Reduzimos em 83% o desmatamento ilegal da Amazônia. Anuncio essas metas em consideração à importância que a Alemanha vem tendo na luta pela redução dos impactos ambientais e das emissões. E, fundamentalmente, por essa sistemática luta no que se refere à mudança do clima.

Nós saudamos a participação das ministras do Meio Ambiente no seminário sobre florestas e biodiversidade. Agradeço o aporte alemão para o programa Áreas Protegidas da Amazônia, o Cadastro Ambiental Rural e a cooperação científica no Observatório da Torre alta da Amazônia. Nas áreas energéticas e de desenvolvimento urbanos, registro com satisfação o anúncio de financiamentos alemães a projetos em energias renováveis, eficiência energética, redes inteligentes e mobilidade urbana. Partilhamos o objetivo de construir uma urbanização integrada e sustentável.

Na área da saúde exploramos perspectivas de cooperação em vigilância sanitária, para fortalecer as ações da Anvisa, de desenvolvimento conjunto de equipamentos de diagnóstico e softwares, de formação de recursos humanos e de boas práticas de gestão. A essas medidas soma-se o trabalho conjunto pela implantação das diretrizes da FAO para eliminação da fome do mundo. O Brasil celebra ter saído em 2014 do mapa da fome mundial.

Finalmente, a Alemanha é importante interlocutora do Brasil nas negociações com a União Europeia de um acordo sobre temas sanitários e fitossanitários. Além dessa pauta bilateral, Brasil e Alemanha dialogam permanentemente sobre os grandes temas globais. Concordamos que a reforma do Conselho de Segurança das Nações Unidas é tarefa inadiável. E, no marco dos 70 anos da ONU, defendemos o início, o quanto antes, das negociações efetivas para tornar o conselho mais representativo do mundo multipolar que todos nós vivemos.

O G4, que congrega o Brasil, Alemanha, o Japão e a Índia, são parceiros nessa questão da ampliação do Conselho de Segurança das Nações Unidas. E nós nos comprometemos a nos reunir antes da assembleia geral da ONU, no dia 28 de setembro.

Conversamos ainda sobre a evolução da governança na internet e a importância de se assegurar o direito à privacidade na era digital. A Alemanha e o Brasil foram pioneiros e bem-sucedidos ao trazerem o tema para o centro da agenda internacional e ser responsáveis pela aprovação da resolução sobre essa matéria.

Saudamos ainda a conclusão das negociações da Agenda de Desenvolvimento 2030, que lança os objetivos de desenvolvimento sustentável com os quais nos comprometemos na conferência Rio+20: crescer, incluir, conservar e proteger.

Cara amiga Angela Merkel, hoje abrimos novas frentes de trabalho conjunto. Estou certa de que esses trabalhos gerarão inúmeros resultados. Estou certa que nós veremos a Alemanha e o Brasil cada vez mais próximos, no presente e futuro. Uma vez mais, seja bem-vinda chanceler Angela Merkel. Sejam bem-vindos todos os integrantes da sua comitiva. E, mais uma vez, reitero o convite para vocês estarem aqui, no Brasil, nas Olimpíadas Rio 2016.

Muito obrigada.

▣  
Ouça a íntegra da [declaração \(http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-da-declaracao-a-imprensa-da-presidenta-dilma-rousseff-apos-cerimonia-oficial-de-chegada-da-chanceler-da-republica-federal-da-alemanha-angela-merkel\)](http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-da-declaracao-a-imprensa-da-presidenta-dilma-rousseff-apos-cerimonia-oficial-de-chegada-da-chanceler-da-republica-federal-da-alemanha-angela-merkel) (12min16s) da presidenta Dilma.

# 20-08-2015 - Brinde da presidenta da República, Dilma Rousseff, durante o almoço em homenagem à Chanceler da República Federal da Alemanha, Angela Merkel - Brasília/DF

Palácio do Itamaraty, 20 de agosto de 2015

Boa tarde a todos.

Eu gostaria de cumprimentar a querida chanceler Angela Merkel que, junto com a sua comitiva, está nos visitando.

Excelentíssima senhora Angela Merkel, chanceler da República Federal da Alemanha, seja muito bem-vinda.

Queria cumprimentar o presidente do Senado Federal, senador Renan Calheiros,

O ministro, presidente do Supremo Tribunal Federal, Ricardo Lewandowski,

Queria cumprimentar as senhoras e os senhores ministros de Estado e integrantes das delegações da Alemanha e do Brasil,

Queria cumprimentar também as senhoras e os senhores ministros, os senhores vice-ministros da Alemanha,

Senadores Dário Berger, Jorge Viana e Paulo Bauer,

Deputados federais Ana Amélia Lemos, Átila Linz, Benito Gama, Miro Teixeira, Rubens Bueno, Werner Wanderer,

Queria cumprimentar as senhoras e os senhores embaixadores,

Queria cumprimentar as senhoras e os senhores representantes do setor empresarial aqui presentes,

As senhoras e os senhores representantes do setor acadêmico aqui presentes da Alemanha e do Brasil,

Senhoras e senhores jornalistas, senhores fotógrafos, senhores cinegrafistas.

Senhoras e senhores,

Uma vez mais eu expresso a minha imensa satisfação de receber a chanceler Angela Merkel e a sua comitiva. Esta é uma reunião, uma oportunidade imensa porque trata-se de uma reunião de alto nível entre o governo brasileiro e o governo da Alemanha. É uma reunião de alto nível para tratar de uma parceria que é uma parceria estratégica entre o Brasil e a Alemanha. Entre a quarta economia do mundo e a sétima economia do mundo.

Nós, nesta reunião de alto nível, desenvolvemos um conjunto de conversas que começou ontem à noite com um jantar fraterno no Alvorada. E teve continuidade com a reunião entre os nossos ministros brasileiros e os ministros e vice-ministros alemães ao longo do dia de hoje logo bem cedo. A partir daí nós tivemos um conjunto de reuniões. Vocês podem ter certeza que tratamos de assuntos fundamentais tanto para o Brasil quanto para a Alemanha.

Esses assuntos versaram sobre a área comercial, a área de investimentos, considerando que no Brasil nós temos 1600 empresas de origem alemã, aqui atuando, aqui trabalhando, gerando emprego e gerando renda.

Nós conversamos a respeito da oportunidade que teremos no final deste ano para apresentar as nossas ofertas comerciais, do Mercosul e da União Europeia. Mas tivermos uma longa e extensa agenda bilateral que versou sobre um conjunto de assuntos que contempla a infraestrutura, que contempla necessariamente a cooperação e educação, ciência e tecnologia e inovação, considerando a importância da Alemanha em relação à economia internacional quando se fala em inovação, tecnologia e ciência, sobretudo, quando se fala em aplicação do conhecimento na produção e nos processos.

A Alemanha, nós sabemos, ela teve uma participação fundamental no processo de construção da identidade brasileira. Mais de 250 mil alemães migraram para o Brasil. Hoje, cerca de 5 milhões de brasileiros possuem antepassado alemão, entre eles Oscar Niemeyer, visionário, arquiteto que projetou Brasília e, querida chanceler Angela, projetou todos os edifícios nos quais a senhora esteve, do Alvorada, passando pelo Planalto e agora aqui no Itamaraty. Este arquiteto Oscar Niemeyer que é responsável pela construção de Brasília, ele é uma das contribuições, das grandes contribuições que o povo alemão deu ao povo brasileiro e à formação da nossa nacionalidade.

Queria dizer à senhora que essas e outras migrações, essas imigrações nos ensinaram a ser tolerantes, nos ensinaram a conviver com a diversidade étnica e cultural. E isso é um trunfo na nossa trajetória histórica. Por isso, além das parcerias comerciais, além das parcerias na área de inovação, na área de educação, na área de saúde, de portos que nós assinamos hoje, é fundamental a nossa parceria na área cultural. E essa parceria na área cultural, ela dá toda a dimensão da importância que o Brasil atribui a este relacionamento. Porque com base nessa parceria estão os laços que nós temos e que formaram a nossa nacionalidade, mas também a grande contribuição que a cultura alemã deu ao mundo.

Para que nossa afinidade, para que nossas iniciativas, para que os projetos que assinamos hoje deem frutos, é fundamental que a gente tenha e dê sequência a tudo que conquistamos até agora. Quero dizer à senhora que Alemanha e Brasil também têm em comum o desejo de construir um mundo justo e de paz. Defendemos uma governança mais representativa da atual situação, da correlação de forças entre todas as economias do mundo. Por isso vamos seguir trabalhando firmes para a reforma do Conselho de Segurança da ONU e em todas as cooperações que temos nos fóruns internacionais, em especial na questão cibernética ao defender a privacidade no mundo digital.

Nós hoje chegamos a uma declaração importante sobre mudança do clima. Uma declaração conjunta que mostra o compromisso de trabalharmos juntos na COP-21 e para além da COP-21 a nossa visão de que o século necessita que nós tenhamos o compromisso de que, até o final dele, nós tenhamos a descarbonização e não permitamos que haja um aumento de dois graus na temperatura. Estamos firmemente engajados em tudo isso.

Gostaria, senhora chanceler, de convidá-la para vir ao Brasil no próximo ano. Os jogos Olímpicos no Rio serão uma ocasião para isso. Em 2016 nós esperamos ver milhares de alemães, como durante a Copa do Mundo, e não fazemos nenhum comentário sobre resultado de jogo nenhum. Esperamos que milhares de alemães atravessem o Atlântico e juntem-se a nós nesse evento único que celebra aquilo que acreditamos. Celebra as relações democráticas, as relações de respeito, celebra a paz, celebra a tolerância e, sobretudo, é um momento de conagração no qual nós todos somos, entre outras coisas, integrantes da humanidade.

Aproveito essa ocasião, aproveito e mais uma vez digo à senhora seja bem-vinda. Mas aproveito esse momento para pedir a todos que ergamos um brinde a esses e a todos os alemães, à senhora, à sua comitiva e a todos aqueles que integram esse país e formam a nossa nacionalidade. Um brinde: prosit (saúde)!

Aproveito e entrego o Vinicius e o Tom Jobim que são nomes de dois grandes artistas brasileiros e são os bonecos das Olimpíadas Rio 2016.



Ouçã a íntegra do [brinde](http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-brinde-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-almoco-em-homenagem-a-chanceler-da-republica-federal-da-alemanha-angela-merkel-brasilia-df-10min17) (<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-brinde-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-almoco-em-homenagem-a-chanceler-da-republica-federal-da-alemanha-angela-merkel-brasilia-df-10min17>) (10min17s) da presidenta Dilma.

# **21-08-2015 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de entrega da Estação de Bombeamento EBI-2 e de 45 Km de Canal do Eixo Norte, do Projeto de Integração do Rio São Francisco - PISF - Cabrobó/PE**

**Cabrobó-PE, 21 de agosto de 2015**

Eu quero fazer agora uma saudação especial aos trabalhadores e às trabalhadoras que construíram essa obra. E que vão continuar construindo os trechos que faltam. Nós todos, aqui, vamos dar para vocês uma salva de palmas, porque foram vocês que realizaram esse feito.

Queria cumprimentar o governador Paulo Câmara, governador aqui de Pernambuco,

Queria cumprimentar o governador do Rio Grande do Norte, Robinson Farias,

Queria cumprimentar a vice-governadora do Ceará, a Maria Izolda Cella de Arruda. Para nós é muito importante estarmos aqui, juntos, os governadores que vão beneficiar-se com essas obras aqui da integração do São Francisco.

Quero cumprimentar também os ministros, os ministros que tiveram uma relação com essa obra. Primeiro, o ministro Gilberto Occhi, da Integração Nacional, que está sendo responsável por essa obra muito importante nos dias de hoje. Mas quero também cumprimentar o ex-ministro da Integração, Francisco Teixeira, que colocou também aqui seu trabalho. E o senador Fernando Bezerra Coelho, ex-ministro da Integração, também, que ajudou a fazer essa obra. Quero cumprimentar a Tereza Campello, ministra do Desenvolvimento e Combate à Fome. Quero cumprimentar o nosso pernambucano e ministro do Desenvolvimento, da Indústria e do Comércio Exterior, o nosso querido Armando Monteiro.

Cumprimento ainda a senadora Fátima Bezerra,

O senador, ex-ministro da Previdência Social, Garibaldi Alves,

O senador Humberto Costa,

E o senador Zé Pimentel,

Cumprimento os deputados federais aqui presentes: o José Guimarães, líder do governo na Câmara; o Alberto Cavalcanti, o Beto Rosado, o Fernando Monteiro, o João Fernando Coutinho, José Maria Macedo, a Luciana Santos, o Caio Maniçoba, Odorico Monteiro, o nosso Silvio Costa e o Zeca Cavalcante - o Silvio Costa é gostado aqui, hein?

Queria cumprimentar também o senhor Auricélio Menezes Torres, prefeito de Cabrobó,

Cumprimentar o senhor Oswaldo Garcia, secretário de Infraestrutura Hídrica do Ministério da Integração,

Queria dirigir um cumprimento especial ao magnífico reitor Julianeli Tolentino de Lima, da Univasf, Universidade Federal do Vale do São Francisco,

Queria cumprimentar o João Paulo Lima e Silva, superintendente da Sudene,

Queria cumprimentar o Maurício Muniz, secretário nacional do PAC,

Queria dirigir um cumprimento, também, ao presidente da Mendes Junior, Murilo Mendes,

Queria dirigir um cumprimento especial, especial, aos representantes da sociedade civil aqui presentes: ao Cícero Santos, das Vilas Produtivas Rurais; ao Antônio Nestor, representante das comunidades rurais e presidente da Associação dos Trabalhadores Rurais de Cabrobó. Quero também cumprimentar ao Neguinho Truká, das etnias indígenas; cumprimentar a Joana Angélica da Silva, das comunidades quilombolas, cumprimentar o Adailton Cardoso, do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra,

Quero cumprimentar os senhores jornalistas, os senhores fotógrafos e os senhores cinegrafistas.

Vocês não vão acreditar, mas há exatamente um ano, no dia 21 de agosto de 2014, eu estive aqui quando a - você me deu um abraço, isso aí. Eu já dei outro hoje -, quando a água do São Francisco começou a fluir em direção à essa Estação de Bombeamento. Eu estive aqui com uma pessoa que foi responsável pelo início dessa obra, por ela ter sido iniciada e concebida. E por eu estar hoje aqui realizando essa cerimônia. Quem é? Vamos falar juntos: Luiz Inácio Lula da Silva.

Naquele dia, naquele dia, eu queria dizer para vocês que nós já ficamos impressionados com a chegada da água. Mas a gente achou que ainda era pouca água. Agora, nós ficamos ainda mais admirados com a grandiosidade dessa subestação que está aqui ao lado. Essa estação de bombeamento - e ainda estava em construção a subestação de energia. Mas essa estação aí de bombeamento, nós ficamos admirados. Admirados com a grandiosidade da obra. Porque essa obra não é só o canal. Essa obra também é essa estação de bombeamento, porque a bomba tira a água daqui, do nível do rio, e leva ela lá para cima usando energia elétrica. E aí nos disseram que essa estação tinha 12 metros e que, além disso, ela significava que a água saía daqui, como se entrasse num elevador, subisse 35 [36] metros e entrasse lá no canal, para poder trazer a água para o resto de todo esse eixo, que é o Eixo Norte.

Bom, tudo nesse projeto é grande, tudo é grandioso e tudo é complexo. O presidente Lula, de fato, queria muito inaugurar essa obra, queria muito. E eu assumi com ele o compromisso de que nós iríamos juntos inaugurá-la. E nós iremos inaugurá-la. Porque ela vai ficar pronta ainda no ano de 2016. E eu quero estar aqui, com ele, em dezembro inaugurando essa obra.

Agora, é bom que a gente conte para todo mundo o tamanho dessa obra, porque muita gente falava: "Isso não sai do papel". Pois saiu do papel, pois saiu do papel. São 477 quilômetros de canais, quase 500 quilômetros de canais; são nove estações como esta aí, como esta, são 27 reservatórios, quatro túneis e 14 aquedutos. Junto de cada uma dessas estações vai ter uma subestação de energia. Porque é a energia elétrica que eleva a água 35 [36] metros. Então, tudo nela é grande. Mas tem uma coisa que é a mais importante. Vocês podiam me perguntar: "Qual? qual? qual?" Pois bem, qual? É que ela vai beneficiar 12 milhões de pessoas. Porque a gente mede uma obra não pela quantidade de concreto que ela tem, não pelo tamanho dos andares, mas por quem ela beneficia. E ela beneficia 12 milhões de brasileiros e brasileiras diretamente, em 390 municípios do Nordeste. Para vocês terem uma ideia, 12 milhões é mais do que a população do Paraguai e do Uruguai somadas. Então, é como se fosse... como se a gente tivesse, dentro do Brasil, um Paraguai e Uruguai e esse Paraguai e Uruguai fossem beneficiados com essa obra de integração do São Francisco.

Eu quero dizer para vocês que para mim é hoje muito emocionante ter apertado lá o botão e ter visto a água jorrar. E saber que essa água já está jorrando e andando quase 46 quilômetros, quase 46 quilômetros. Se a gente pensar, 46 quilômetros é uma coisa bastante importante. E aí eu quero dizer para vocês: essa obra, ela vai beneficiar toda essa população de 12 milhões. Agora, ela não podia deixar de beneficiar quem? As comunidades que vivem aqui em torno do canal. Não podia deixar de beneficiar essas comunidades.

Por que que eu estou falando isso? Porque uma obra, como eu disse para vocês, ela tem, ela tem de beneficiar a população. É para população que a gente faz uma obra dessas. Então eu quero dizer para vocês, para gente ter uma ideia, 80 mil pessoas serão beneficiadas nas pequenas comunidades que vivem em torno desse canal. São comunidades de agricultores, de pequenos agricultores rurais, de assentados da reforma agrária, populações quilombolas e populações indígenas. Serão beneficiadas por essa obra. Nós fizemos uma parceria com os governadores. A parceria que nós fizemos com os governos é para que a gente possa assegurar que essa obra tenha o acesso das populações que vivem em torno. Porque seria um horror se o canal passasse e quem vive perto do canal não tivesse água, daí porque fizemos a parceria com os governadores. Nós garantimos os recursos, os governadores farão a obra e operarão a obra. O nosso querido governador aqui de Pernambuco, o Paulo Câmara, ele é o primeiro governador da parceria porque a obra começa aqui em Cabrobó, mas governadores do Ceará, do Rio Grande do Norte, Robson Faria, o Camilo e o governador da Paraíba, o Ricardo Coutinho, nós vamos fazer as mesmas parcerias com eles. Elas estão adiantadas. Porque nós queremos que o resultado da oferta da água seja imediato. Além disso, queria dizer para vocês que hoje nós vivemos um momento histórico. Nós vivemos um momento histórico, porque essa obra a primeira vez que ela foi concebida, me disseram que foi ainda quando Dom Pedro II era Imperador do Brasil. E que teve um vereador, teve um vereador... um deputado do Crato, no Ceará, que tinha sugerido a obra. Então vocês vejam que tem 150 anos que essa obra não saia do papel.

Hoje, por que nós temos de comemorar? Porque nós estamos comemorando 150 anos depois. Ela é uma realidade.

Trabalhadores e empresários são responsáveis pela construção dessa obra. Eu cumprimento a todos aqui presentes que contribuíram para fazer um túnel - aqui está um dos empresários, o (incompreensível), que fez o túnel. Cumprimento os trabalhadores que participaram da construção do túnel, cumprimento a cada um de vocês que participaram do esforço para que essa obra tivesse esse resultado.

Nós tivemos, ao longo desse período, de enfrentar algumas dificuldades. E superamos essas dificuldades. E vamos continuar garantindo que, até o final do ano de 2016, ela esteja pronta.

Queria contar uma coisa para vocês: data, os primeiros relatórios que havia seca aqui na região do Nordeste, eles são do século 16. Ou seja, há mais de quatro séculos nós sabemos que essa região, ela sofre de seca. O objetivo dessa obra é ajudar a nós brasileiros, nordestinos, a conviver com a seca. Impedir que a seca ocorra, nós não podemos impedir. Só Deus pode impedir que não tenha ou tenha chuva. Agora, o que nós podemos fazer e fizemos? Nós podemos armazenar a água. Nós podemos trazer a água de um lugar e colocar em outro e garantir que, na hora da seca, a gente possa recorrer àquela água. O rei deu uma mãozinha viu? Porque o rei pelo menos falou que tinha de fazer.

Bom, mas aí eu queria dizer para vocês que há, nessa obra também, uma questão de vontade política. O que é isso que eu quero dizer? Eu quero dizer porque que eu sempre me refiro ao presidente Lula. Eu me refiro nessa obra ao presidente Lula pelo seguinte. Porque é uma obra que esteve colocada, como possibilidade, durante essa quantidade de ano, 150 anos. Daí precisou que um nordestino fosse eleito presidente. Que esse nordestino tivesse sido expulso, praticamente, da sua casa e tivesse, aqui em Pernambuco, e tivesse vindo para São Paulo e soubesse o preço, o custo, em termos de vidas, em termos de perspectiva de futuro e esperança que a seca impunha para a população do Nordeste. E aí, a vontade de fazer foi muito importante. Por isso eu sempre me refiro a ele. Ele teve papel decisivo para que essa obra ocorresse. Daí porque, eu quero dizer uma coisa para vocês: garantir que nós sejamos capazes de resistir à seca é um conjunto de ações. Várias adutoras que nós já estamos fazendo. Por exemplo, nós estamos fazendo, vou citar algumas para vocês, nós estamos fazendo, já concluímos a primeira etapa da adutora do Pajeú e a adutora do Oeste, aqui em Pernambuco. Os trechos 1 e 2 do Canal do Sertão Alagoano, em Alagoas, a primeira etapa da adutora do Algodão na Bahia, o Eixão das Águas no Ceará, o Sistema Adutor do Congo, na Paraíba, o sistema Piauí, no Piauí, o sistema Adutor do Siridó, no Rio Grande do Norte. Todas essas obras se integram com essa grande: a nossa estratégia de que nós vamos conviver com a seca e vamos ser capazes, de quando a seca vier, manter a

vida praticamente normal. Esse é o nosso objetivo. Conviver com a seca é saber que mais cedo ou mais tarde ela chega. Mas, quando chegar, ela não nos pega sem proteção. É isso que nós queremos com esse canal de integração do São Francisco. E aí, se a gente imaginar uma árvore, o tronco da árvore é esse canal e os galhos mais fortes são essas adutoras. Mas os galhos é justamente essas obras que temos de fazer para as comunidades, para todos aqueles que vão se abastecer de água de boa qualidade. E aí queria dizer para vocês uma outra coisa: o Rio São Francisco é importante demais para o Brasil. Quando a gente sobe o Rio São Francisco e vê que ele está tão baixo, as águas estão tão baixas, a gente pensa na seca. Mas a gente também tem outra coisa que nos temos que pensar, o rio tem de ser revitalizado. Nós não podemos achar que um rio com essa importância, com essa grande importância para a imensa população que vive aqui em cima do Nordeste, da Bahia para cima, não, não de Minas Gerais para cima, essa população pode deixar de considerar que o rio é uma das riquezas e um dos maiores patrimônios que nós temos. Por isso, tem de conservar o rio. Tem de proteger o rio. Nós dedicamos R\$ 2,5 bi em proteção e conservação de nascentes, recomposição de matas ciliares, saneamento ambiental, esgoto e lixo e combate a processos erosivos. Todas essas quatro coisas fazem parte dessa iniciativa de revitalização. E revitalização não é mais nada do que o rio tem de viver. O Rio São Francisco tem de ter viva, recompor mata ciliar é algo fundamental para que ele não sofra além da seca. O rio também tem de ter essa dedicação, esse cuidado, porque daí que nos tiramos a riqueza, também, porque a água é condição para a vida. E é condição para produção, é condição para a criação, é condição para a agricultura, é condição para tudo. Daí, eu quero dizer para vocês que a gente já investiu, desses R\$ 2,5 bilhões, em torno de R\$ 1.700 bilhão, em torno de 70%. E eu determinei ao ministro da Integração e ao ministro do Planejamento que eles apresentem, além disso, um plano de garantia da revitalização para os próximos dez anos. Porque eu quero deixar explicitado esse compromisso com a conservação do Rio São Francisco.

Eu quero dizer a vocês que nós temos um grande empenho em mudar uma situação de desigualdade que havia entre as regiões do País. E mudar também uma situação de desigualdade que havia entre a população do País. Nós tivemos um grande esforço para garantir que o Brasil tivesse uma pobreza menor e não tivesse miséria. Nós também nos esforçamos para desenvolver o Nordeste e o Norte do País, que eram tradicionalmente as regiões que não eram olhadas, para as quais não se destinava recursos. Esse projeto faz parte dessa visão de reequilibrar o País. Mas queria dizer pra vocês que é muito importante, também, perceber que o Brasil é integrado por um população trabalhadora, uma população que corre atrás, uma população que luta para ter seus direitos, para ter suas oportunidades. Não é, não é muita gente fala que é o Estado que deu. Não é isso, não é assim que a gente tem de olhar as coisas. Quem luta e quem consegue é o povo. O que que o governo tem de fazer? Tem de fazer com que essa luta seja uma luta mais igual. Tem de garantir as oportunidades, ele tem de garantir que ninguém que vai correr uma corrida, tenha 50 metros de vantagem e o outro não tenha os 50 metros de vantagem. Porque quem sair na frente vai ganhar e outro vai perder. Igualdade de oportunidade é garantir, por exemplo, que as crianças tenham acesso à creche desde pequeninhas. É garantir que muito mais pessoas tenham acesso à universidade, é garantir que as pessoas tenham Mais Médicos, é garantir que as pessoas possam ter acesso à casa própria.

Eu acho que, nos últimos anos, algumas coisas dessas ocorreram. Eu vou falar aqui de algo que é muito importante, que é a interiorização das universidades. E vou falar, porque tem uma universidade que nós construímos, e expandimos, que é a Universidade do Vale do São Francisco. E nós construímos essa universidade justamente no Vale do São Francisco, juntando vários estados da federação, se não me engano três estados, tá aqui o reitor, o estado do Piauí, não é reitor? O estado de Pernambuco e o estado da Bahia, são três estados. Essa universidade, está aqui o reitor, ela faz parte disso, do programa de interiorização das universidades brasileiras, que antes só ficavam nas grandes cidades.

E nós queremos que as pessoas que vivem no interior tenham oportunidade de se educar. Eu estou falando nisso porque, essa semana, nós fizemos uma conta. A gente queria saber, com essa conta, quantos alunos novos chegariam ao ensino superior no Brasil, chegariam a uma universidade. Porque muita gente está dizendo: "Aa, eles estão passando dificuldades e

vão então acabar com acesso à universidade”. Não é verdade isso. Na nossa conta, e é uma conta precisa, feita com o Ministério da Educação, 906 mil brasileiros, ou seja quase 1 milhão de brasileiros no ano de 2015, vão ter acesso à universidade através dos programas do governo federal. Ou seja, do acesso às novas universidades públicas, dos acessos à universidade privada através do Prouni. Do acesso à universidade privada através do Fies. E isso é muito importante e aí eu quero dar uma boa notícia, o reitor vai me permitir que eu dê uma boa notícia. Nós temos aquele programa Mais Médicos. Aquele programa Mais Médicos era um programa, e ainda é um programa, que está dando muito certo. Porque os prefeitos, o prefeito de Cabrobó, os prefeitos por aqui tudo não tinham um médico, muitos municípios não tinha nenhum médico para atender a chamada atenção básica, onde 80% dos problemas de saúde são resolvidos.

Nós queremos, achamos que a saúde não está bem. Queremos melhorar a saúde, então fizemos um programa Mais Médicos que, como a população não pode esperar, usava médicos brasileiros e médicos que vieram de outros países, entre eles, Cuba. Esses médicos hoje estão nos municípios, estão atendendo 63 milhões de brasileiros que, antes, não tinham atenção médica. É um grande esforço que foi feito, mas a gente quer que sejam médicos brasileiros que venham atender. Nós tivemos esse período de transição, mas queremos que aumente o número de médicos. Como se aumenta o número de médicos? Tem de aumentar o número de cursos de medicina. E aí aonde é que nós aumentamos o curso de medicina que nós escolhemos e classificamos como adequada para ter um curso, uma faculdade de medicina? Quem? a Univasf, a universidade do Vale do São Francisco. Por que isso? Porque é importante que o médico também se forme, que seja médico daqui. O médico daqui tem mais possibilidade de ficar aqui, de casar aqui, de namorar aqui, de ficar aqui. E nós queremos justamente que os médicos do Brasil atendam as populações do interior, das periferias de capital, dos quilombolas e a população indígena. Então, é por isso que falei pra vocês.

Quero falar ainda de uma outra coisa. Eu tenho certeza que tem muita coisa que falta pra gente fazer. Eu quero dizer para vocês que, assim como na casa de vocês às vezes vocês têm algumas dificuldade com o orçamento de vocês, o governo federal também teve. Mas, assim como vocês escolhem aonde que vocês vão apertar o cinto, nós também. E nós não vamos apertar o cinto nos programas que são essenciais para esse País seguir em frente. Que são os programas sociais e os programas como esse aqui. Quero dizer para vocês que eu dei hoje, aqui, alguns exemplos de como a gente tem de se esforçar para fazer as coisas. E falta muita coisa para fazer. Mas eu garanto a vocês que vou continuar trabalhando dia a dia, todo santo dia. E vou ter um foco. O meu foco é que o Brasil não tenha mais aquela situação, que nós víamos em todo o passado, que eram os nordestinos saindo do Nordeste para conseguir oportunidade fora do Nordeste. Nós queremos que as oportunidades, porque é isso que um governo faz. O governo tem de assegurar oportunidades iguais. Quando vocês virem um governo ele tem, você tem de olhar o seguinte, ele tá assegurando oportunidades iguais? Isso que nós nos esforçamos por fazer, assegurar oportunidades iguais.

Cada pessoa é diferente da outra, mas as oportunidades é que têm de ser iguais. As oportunidades têm que ser iguais. E daí eu quero dizer pra vocês: eu sei que esse projeto do São Francisco é um sonho antigo. Eu sei que veio lá de Dom Pedro, como nós já vimos, lá do deputado que é do Ceará, do Crato, nós sabemos disso, nós sabemos que precisou de um presidente nordestino, o Lula, para que esse projeto andasse. Nós sabemos de tudo isso, mas eu quero dizer para vocês uma coisa, eu tenho certeza, absoluta certeza que juntos, nós todos aqui e todos os brasileiros de boa vontade, as brasileiras de boa vontade, nós vamos mudar essa história. Mas aqui, aqui mesmo, nesses canais aqui, nós sabemos que junto com a água ela também vai fluir a esperança que nós temos de ter no nosso País. Tem de fluir também a certeza que nós temos que esse País, vai ser um país cada vez mais próspero. Temos dificuldades? Temos sim, ninguém tem de tampar o sol com a peneira, mas não é a forma de achar que está tudo ruim, não é a forma pela qual a gente constrói canal. A gente constrói canal encarando a dificuldade de frente e ultrapassando a dificuldade com muita força no coração e com muita esperança.

Um abraço para vocês, um grande beijo para vocês.

Ouçã a íntegra (35min39s) do discurso  
(<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-na-cerimonia-de-entrega-da-estacao-de-bombeamento-ebi-1-e-de-45-km-de-canal-do-eixo-norte-do-projeto-de-integracao-do-rio-sao-francisco-pisf-cabrobo-pe-35min29s>) da Presidenta Dilma Rousseff

# 21-08-2015 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante o evento Dialoga Brasil - Recife/PE

Recife-PE, 21 de agosto de 2015

Boa noite, boa noite. Queria começar cumprimentando as mulheres aqui. Queria cumprimentar esse festival de bandeiras, mas não podemos também esquecer os nossos companheiros homens. E também nossos brasileiros e brasileiras, pernambucaninhos e pernambucaninhas. Boa noite a todos vocês, muito boa noite. Eu estou muito feliz de estar aqui.

Cumprimento o governador,

Os ministros

Cumprimento os deputados e os senadores,

Cumprimento os movimentos sociais,

Cumprimento todas as pessoas, cidadãos e cidadãs deste País.

Eu estou muito feliz de estar aqui, porque este é um estado muito especial. Aqui as pessoas lutaram, lutaram pelo Brasil, pela independência do Brasil desde o início da nossa história recente. Aqui você teve também pessoas que pensaram o Brasil. E aqui teve pessoas que sonharam o Brasil. Nós temos grandes políticos pernambucanos. E aí eu estou me referindo a Arraes, a Eduardo Campos, estou me referindo a Lula, a Luiz Inácio Lula da Silva. Pessoas que pensaram o Brasil. Pensaram o Brasil, como Josué de Castro pensou o Brasil, olhou para o Brasil e viu que ele tinha fome.

Estou me referindo também ao pensador que eu respeito. Eu estou me referindo a Gilberto Freyre. Pessoas que sonharam com o Brasil, desde Gonzagão, passando por Gonzaga e também chegando a um poeta como João Cabral de Mello Neto.

Aqui é um estado especial. Eu estou no Nordeste, mas eu estou em Pernambuco. Pernambuco sempre teve uma tradição, uma tradição de ser um estado que adotava ideias avançadas. Apesar de ter sofrido todas as garras do atraso. Aqui nasceram as ligas camponesas. Que eu acho que as ligas camponesas são ancestrais do MST. Aqui nós tínhamos Julião. E por isso o Dialoga Brasil aqui é um Dialoga todo especial, porque é Dialoga Pernambuco. Porque que estou falando isso? Não é um jogo de palavra, é que não existe como a gente olhar o Brasil se a gente não olhar a diversidade imensa desse País, que é a riqueza dele. Pernambuco representa um grande patrimônio cultural político e intelectual do País. Isso que faz com que o diálogo seja extremamente rico.

Eu escutei atentamente todos os ministros e a interação com vocês. As perguntas, as perguntas que vieram da internet. E quero dizer para vocês que algumas coisas, para mim, me fizeram aqui pensar, pensar muito. Eu acho que o que caracteriza tudo isso que nos estamos fazendo, que nós viemos lutando desde 2003, todos nós aqui. Porque está certo aqueles que puxaram a palavra de ordem: "Vai avançar, vai avançar a unidade popular". Estão certos. A gente só avança com tolerância, a gente só avança com respeito, a gente só avança se a gente tiver a paciência, a humildade de escutar a voz do outro. Diálogo é isso: é escutar a voz do outro.

Você não precisaria de dialogar se todo mundo pensasse a mesma coisa. Aí não tinha sentido dialogar, para quê? Mas é justamente o que nos aqui estamos fazendo. Nós estamos abrindo o diálogo. E, aí, o dialogo faz a gente pensar. Aí, quando as pessoas começam a falar, você começa a pensar. Aí você começa... Eu comecei a pensar uma coisa: qual é a característica maior, o que une toda a fala, aqui, dos ministros?

Considerando que cada pessoa, cada um, cada uma pessoa é diferente da outra, cada região do País é diferente da outra, o que é que um governo que tem compromisso com seu povo tem que fazer? Primeiro, se ele olhar para o povo e achar que o povo é sujeito, que as pessoas são capazes de lutar pelo que querem. O governo não é um governo paternalista, que vai achar que é ele que vai resolver o problema sozinho. Mas tem uma coisa que é obrigação do governo fazer: se as pessoas são diferentes, se as regiões são diferentes, as oportunidades para as pessoas e para as regiões têm que ser iguais. É isso que une a fala de cada um dos ministros aqui presentes.

Nós podemos perfeitamente saber que uma pessoa conquista com a educação, um diploma na universidade, um curso no Pronatec, pelo seu próprio esforço, pelo apoio da sua família, pela - e aí, minhas queridas mulheres -, pelo apoio das mães. Porque mãe a gente sabe como funciona, todos nós temos, mãe fica ali: "Menino, estuda; menina, estuda; menino, trabalha; menina, trabalha". Mãe é assim. É assim que as pessoas se esforçam e conseguem as coisas. Mas como que elas não conseguiam antes? Por que não conseguiam antes? Porque elas não tinham oportunidades, porque este País só dava oportunidade para alguns.

Uma das coisas que o ministro da Educação falou foi a diferença sobre os pontos de uma pessoa que vem, um jovem que vem das classes mais ricas e um jovem que vem das classes populares. E ele disse que a diferença é 200. Eu acredito que o papel do governo é reduzir essa diferença primeiro e, segundo, garantir que todo mundo parta de uma base igual. Daí porque nós fizemos alguns programas.

Eu escutei aqui, por exemplo, uma pergunta sobre o Pronatec, sobre se o Enem podia ser um caminho para Pronatec. É verdade que o Enem é um caminho de oportunidades, mas o Pronatec não é só para pessoa que fez o ensino médio, esse é uma parte do Pronatec. A maior parte do Pronatec é para os trabalhadores e para as trabalhadoras deste País poderem diminuir a diferença que, ao longo da vida, tiveram porque não tiveram acesso a um curso técnico profissionalizante.

Então eu assisti formaturas comoventes. Eu assisti formaturas em que - quero dizer para as mulheres - 52% dos formandos eram mulheres. Porque a mulher tem também uma desigualdade vinda do gênero. E aí, quando falam que não pode haver discussão sobre educação envolvendo a mulher, nós não podemos ficar quietas diante disso. A gente não pode aceitar isso, porque essa desigualdade existe.

Mas, voltando, eu assisti formaturas em que ele começou - era um homem - ele começou como eletricista predial, fazia só consertos nos prédios. E o Pronatec oferecia o curso de eletricista predial, depois oferecia um curso básico de eletrotécnica e depois oferecia um curso de eletricista avançado. Pois ele estava fazendo sabe o que? Ele chegou a fazer a eletricidade, a fazer todos os procedimentos elétricos nos estaleiros que estavam construindo plataformas nesse País.

É isso que nós queremos. Nós queremos que as pessoas tenham uma trajetória de crescimento, que elas possam ter acesso a empregos melhores, que elas possam ter acesso a uma renda maior. A mesma coisa com a ministra Tereza Campello, nós fizemos o Bolsa Família. Lá atrás começou quando o presidente Lula mostrou seu empenho numa questão que, no Brasil, sempre tratada ou como caso de polícia ou ignorada, a questão social desse País. A imensa desigualdade social deste País, que nós herdamos de quase 300 anos, no mínimo, de escravidão. E a gente sabe perfeitamente que, no Brasil, a pobreza tem sexo, a pobreza tem cor e a pobreza tinha também região. Ela tinha essas três coisas.

Eu acredito, eu tenho certeza - eu falo eu acredito, mas no fundo eu tenho certeza - que o programa que tem maior efeito sobre a vida das crianças mais pobres, foi o Bolsa Família. Ele não chamou família por acaso. Ele chamou família porque a família tem uma relação

profunda com a criança. Com o menino pequeno, a menina pequena. Porque ali começa a desigualdade. Quando a gente começa a fazer o Bolsa Família e exige que as crianças vão para a escola, exige que as crianças recebam vacinação e atendimento médico, exige que a mãe, principalmente a mãe que está grávida, tenha acesso à saúde, para dar acompanhamento para a sua gravidez, nós estamos atacando a raiz da desigualdade e da diferença de oportunidade. Porque uma criança, ela tem, desde o início, desde pequenininha que se alimentar, ela tem que se alimentar. Ela tem que ter incentivos, ela tem de ir para a escola e a gente também introduziu uma coisa que a gente não falou que é a creche. Nós mulheres, achávamos que a creche era algo importantíssimo para gente poder trabalhar com tranquilidade. É, mas não é para isso que creche existe. Isso também, mas a principal coisa é que todo mundo hoje sabe que de zero a três anos começa a criança a ter os incentivos que eles chamam de não cognitivos, que são aqueles que vão assegurar que ela tenha condições de ter uma trajetória como o resto da sua infância, jovem e adulta mais bem-sucedida. Então a creche e a creche, não sei se vocês já viram, a gente tenta fazer a creche de melhor qualidade possível, para que a gente compense o fato de que ela não tem os mesmos estímulos que ela tem em famílias que tenham acesso a mais cultura, a maior recurso. Então a criança vai olhar livro, a criança vai fazer jogo, a criança vai olhar computador, a criança vai brincar bastante, a criança tem de ter tudo, porque ali está a raiz da desigualdade.

E garantir oportunidades iguais, passa por garantir creches, passa por garantir que o jovem tenha acesso ao ensino universitário. Nós não vamos conseguir fazer isso de uma vez só, porque tem de pegar o que atrasou lá atrás. Mas a gente se esforça para assegurar que mais gente entre na universidade. Por que? Porque a gente sabe que, entrou na universidade, é um caminho de oportunidades. A gente chamava o Enem “caminho de oportunidades”. Tinha uma porta, que era o concurso do Enem e tinha várias portas paralelas, que era, ou entra na universidade federal ou entra numa faculdade privada, por que a gente não cobra o imposto do dono da faculdade e aí ele paga o governo federal através de vagas nas escolas. Ou entra através da garantia do financiamento educacional. Isso nós buscamos fazer de forma sistemática. Esse ano, e vocês sabem todos que é um ano de dificuldades, nós vamos garantir todas as 906 mil vagas. Se você somar 70 mil dos cursos tecnológicos dá 976 mil, não tem volta trás.

Aí eu passo, para o ministro da Saúde. Por que que nós fizemos o Mais Médicos? Porque nós sabemos que há uma diferença entre no acesso das pessoas à saúde. Aliás, no Brasil tem umas coisas estranhas, não é Chioro? Tem muita gente que pode e que usa o SUS. Falam muito mal do SUS, mas tem muita gente que pode e que vai lá e usa o SUS. E depois fala muito mal do SUS. Bom, a gente sabe que o SUS é um grande esforço, não está pronto e na saúde, cá entre nós, o governo sabe que tem muita coisa que nós ainda temos que fazer. A gente não acha e a gente não está aqui, por isso é que a gente quer sugestões. A gente não está aqui dizendo que está uma maravilha. Mas eu tento explicar para vocês porque a gente fez o Mais Médicos. Porque tinha um dado, um dado que era terrível. Tinha município desse País que não tinha um único médico, primeiro. Segundo, nos chamados Departamentos de Saúde Indígena não tinha médico e a gente via aquelas notícias.... ah tá morrendo indiozinho, tá morrendo índia. Ninguém num país pode concordar com isso. Além disso, o que a gente sabia? Que tinha médico nas grandes cidades, principalmente nos bairros mais ricos de classe média. Agora, me perguntem se tinha médico na periferia? Não tinha médico na periferia. Não tinha médico em muita cidade do interior e os prefeitos, coitados dos prefeitos, passavam o tempo todo dizendo pra gente..”Eu pago uma grana para o médico e ele só atende uma vez por semana”. Falavam e a gente sabia que era verdade, que ninguém estava mentindo.

O Mais Médicos é fruto de outra igualdade de oportunidades, que é garantir o mesmo acesso à saúde. Qualquer um de nós, qualquer um de nós quer o quê? Quer que quando você vai no médico, ele escute o que você quer falar para ele. Toda a ladainha que cada um quer contar. Eu sei, eu faço a minha ladainha, a senhora deve fazer a sua. Nós queremos que o médico nos atenda, escute e nos trate como gente, não é? É isso que nós queremos. O que

eu acho que nós conseguimos com o Mais Médicos é assegurar que 63 milhões de brasileiros que não tinham isso, passassem a ter. Então, igualdade de oportunidades, eu acho, é a palavra que explica o governo do presidente Lula e o meu governo.

A mesma coisa com habitação popular. Neste País não se fazia habitação popular. E nós passamos a fazê-la. Para o caso da Cultura, o Juca foi claro: nós queremos, quando for possível, universalizar o acesso à cultura. E a gente universaliza o acesso à cultura dando cultura àqueles que não têm acesso. Dar cultura a quem não tem acesso é aqueles que não conseguem pagar um livro, uma peça de teatro, um filme. É a eles que nós devemos isso.

Então, nós começamos pelos trabalhadores, usando as empresas. E nós temos de dar prioridade para esses. Ter uma política que preze a igualdade de oportunidades é saber que você tem de ficar olhando a sua política, para ela não tomar um caminho errado. Não garantir um caminho errado. É igual o Luz para Todos, o Luz para Todos. Vocês hoje não ouvem falar muito mais do Luz para Todos, mas o Luz para Todos ocorreu porque tinha uma parte da população brasileira que nunca tinha visto luz elétrica. Eu fui em muito lugar da zona rural e o que eu vi? Sabe o que eu vi? A pessoa acendendo e apagando a luz, porque ela nunca tinha visto acender e apagar a luz. Teve uma senhora que falou a coisa mais comovente para mim. Ela disse: “Agora eu vou ver meu filho dormir, eu vou ver de noite. Eu vou lá, acendo a luz e olho e vejo ele dormindo” Então, é isso que nós estamos fazendo aqui.

Tem muita coisa que diz respeito à região. E hoje eu quero compartilhar com vocês uma coisa importante: nós hoje vimos funcionar a integração do Rio São Francisco. Eu e o Lula, eu e o Lula, no dia 21 de agosto de 2014, estivemos aqui. E aí, o Lula até achou que tinha pouca água, porque foi um pouquinho só de água que correu ali, no canal. Mas hoje eu vi correr no canal 45,9 quilômetros de água. Começou a chegar a água no canal do São Francisco, da integração do São Francisco.

E aí, é importante, nós tomamos uma decisão, e eu me refiro aqui a uma parceira, agradeço imensamente ao governador pela parceira. Não era correto que a água chegasse e só beneficiasse, depois, uma grande cidade. Não, a água tem de beneficiar a todos. São 12 milhões de pessoas que serão beneficiadas pela integração do São Francisco. Mas a gente tem de dar atenção para aquelas comunidades, pequenas comunidades, que vivem na beira ali do canal, não é Rio São Francisco, na beira do canal, e são integradas por agricultores familiares, assentados da reforma agrária, indígenas e quilombolas, e garantir que a gente leve a água, esta água que começou a correr no canal, que a gente leve a essas populações, porque dá a elas igualdade de oportunidades. Não só a grande cidade vai ter, mas também a pequena.

E aí quero dizer para vocês que o governador, e os governadores por onde passa o canal, todos assumiram o seguinte programa conosco, que eu chamo Água do São Francisco esse programa, até em homenagem ao Papa Francisco, que é o seguinte: a gente coloca o recurso, ele faz e opera o sistema de abastecimento d'água. Essa parceria é uma parceria do bem. É uma parceria que vai levar água a cada uma das famílias e das comunidades dessa região na beira do canal do São Francisco - não do Rio São Francisco.

E queria também dizer a vocês uma palavra sobre a questão da segurança pública. Eu acho que uma das coisas que mais devem preocupar um governo é a violência. Sob todas as formas que ela assumir. A violência contra nós, mulheres, que nós que fizemos um grande esforço com a lei Maria da Penha, com a Lei do Feminicídio, com a Casa das Mulheres. Mas eu acho que esse pacto e essa luta de todos nós contra homicídio é talvez um dos mais importantes mecanismos, uma das mais importantes iniciativas para combater a violência. A forma mais grave de violência é tirar uma vida de outro ser humano. Essa é a forma mais grave, não tem nada mais grave do que isso. Daí porque eu acredito nesse fato, principalmente porque tem duas características que a gente tem que considerar - e depois vou falar da maioria penal. A primeira característica é que não tem cabimento acreditar que nós resolvemos o problema da violência construindo presídio. A gente constrói presídio porque não tem outro jeito. Mas a tecnologia evoluiu, hoje tem tornozeleira.

O governador estava me dizendo que um preso custa R\$ 3.100. O ministro está falando que uma tornozeleira está R\$ 600, o preso custa R\$ 3.500 por mês. A tornozeleira custa R\$ 600. Você bota a tornozeleira no preso e manda ele ir para casa almoçar, jantar, tomar café da manhã. A tornozeleira é uma forma pela qual o Estado pode controlar os presos, pode perfeitamente controlar os presos, além disso, eu acredito que o pessoal que perguntou se preso pode trabalhar, eu acho evitando a exploração do preso. Porque todos nós assistimos filmes de preso sendo explorado em fazenda, todos nós aqui já assistimos. Então, desde que a gente evite a exploração do preso, ele tem direito de trabalhar, ser remunerado e o dinheiro vir para o bolso dele, porque é o trabalho dele que está sendo pago. Então, eu sou a favor. Agora, sou a favor também a formar o preso, a dar para aquele preso que quiser estudar, condições de estudar e de incorporá-lo à sociedade. O custo de incorporação é menor que qualquer outro custo.

E acho que é um escândalo nós olharmos a questão da violência juvenil e propormos a redução da maioria penal. Quando eles estavam no auge dessa discussão, nós propusemos o Pronatec Jovem Aprendiz para as micro e pequenas empresas, que é a que mais emprega. É, é uma microempresa que pode virar uma macrofamília para um jovem aprendiz. Você vai garantir que ele tenha uma remuneração, você vai garantir que ele tenha um período de estudo e você vai dar uma alternativa para ele ser um aprendiz numa empresa. Com isso, você vai estar dando um caminho. Esse é um programa do Pronatec, que é o Pronatec Jovem Aprendiz.

Mas tem uma outra coisa que eu não vi o José Eduardo falando. Nós somos a favor de uma outra questão: muitas quadrilhas usam o jovem como escudo, trazem o jovem para o crime, aproveitando do fato que a lei proíbe que ele seja condenado nos mesmos termos do adulto. Aí tem gente que diz: “Ah, não, então reduz a maioria penal”. Nem ver. Nós temos é de penalizar o adulto que faz isso, é o adulto que é responsável. Então, nós propusemos... O que nós propusemos? Quadrilha que usar jovem, a pena do adulto tem de aumentar, é óbvio que é isso.

Eu fico, aqui, muito feliz com uma coisa, muito feliz mesmo. Eu acho que nós todos aqui temos um pensamento em comum. Desafio, agora, em vez de a plateia perguntar para mim, eu pergunto para vocês: o que vocês acham que nos une aqui, nessa, nesse grupo de gente, o que que nos une? Ela disse o amor. Essa me disse que é o projeto político. Ela disse que é a democracia, a opção pelo diálogo. expressão popular, direitos sociais, o Brasil Para Todos. Bom, eu acredito, cidadania, a luta.. bom eu não vou falar mais, porque eu acho que todas essas coisas nos unem. Aqui nós estamos fazendo o diálogo, não tem uma coisa só que nos une. A que falou em amor, tem razão, a que falou em luta têm razão, o que falou um Brasil para Todos, a união, a cidadania. Mas, de tudo isso, a gente tira o seguinte, aqui tem pessoas que tem dois compromissos, um com nosso País, é o que nos une. E a segunda coisa que nos une também é o compromisso com nosso povo. É daí que somos a favor da democracia, dos direitos sociais, do crescimento do País, de mais emprego, de segurança pública, de saúde de qualidade, de educação de qualidade. E sabemos que acabar com a pobreza é só o começo, não se acaba com a pobreza e acha que está tudo certo. A Tereza sabe e defendeu sempre isso. O fim da miséria é só um começo e é isso que nos temos um desafio de responder. Nós temos o desafio de construir um país mais rico, um país que gere mais empregos, que esses empregos sejam de qualidade. Agora, tem uma coisa que nós precisamos garantir mais que todas as outras..É que, de fato, nós tenhamos uma pátria educadora. Porque você combate a desigualdade, você garante que tudo que você conquistou seja perene, se você melhorar a qualidade e garantir o acesso a todos para todos os brasileiros, com igualdade de oportunidades.

E também, vamos lembrar, nós vivemos num mundo, o mundo da internet, um mundo em que a ciência, a capacidade de inovação, a geração de tecnologia faz diferença.

Ontem eu recebi a chanceler da Alemanha. E quero dizer para vocês que nós... eles são a 4ª economia, nós somos a 7ª, mas se você perguntar para mim: em quem que você aposta como sendo a economia mais forte? E não quero falar isso só em relação à Alemanha. Eu aposto neste País. Neste País onde nós não temos intolerância, onde nós viemos das mais diversas origens, onde nós não fazemos perseguição religiosa, onde nós temos essa imensa

alegria de viver, essa capacidade de brigar e de lutar pelo que nós queremos. Este País que tem riquezas que nós vamos proteger e protegeremos sempre, como é o caso do petróleo e da Petrobras.

Por isso, eu aposto no Brasil. Mas eu aposto mesmo é porque eu acho o povo brasileiro capaz de todas as transformações. O povo brasileiro junto é capaz de mudar o Brasil. E eu tenho certeza que, daqui para frente, nós vamos superar nossas dificuldades, pegar o túnel, porque a chamada “luz do fim do túnel”, quem, como dizem em Minas Gerais, alumia, somos nós mesmos. Vamos alumiar a luz do fim do túnel, com a nossa esperança, com o nosso otimismo e com a nossa capacidade de construir um Brasil para todos.

Muito obrigada.

■

Ouçã a íntegra (24min30) do discurso  
(<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-o-evento-dialoga-brasil-recife-pe-38min03s>) da Presidenta Dilma Rousseff

# **25-08-2015 - Discurso da presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de entrega de unidades habitacionais do Residencial Nova Catanduva I e entregas simultâneas de unidades em Araraquara, Araras e Mauá/SP do Programa Minha Casa Minha Vida II - Catanduva/SP**

**Catanduva - SP, 25 de agosto de 2015**

Boa tarde.

Eu queria começar a minha fala cumprimentando a Romilda, a Sônia Fernandes e a Cristiane Argolo. Quando eu cumprimento elas, eu quero cumprimentar cada uma das famílias aqui de Catanduva que hoje recebem a chave da casa própria no residencial Nova Catanduva I.

Queria também cumprimentar, lá em Mauá, a Kelly da Silva Rocha, que recebeu a chave da sua casa lá em Mauá. E também, por meio da Kelly, eu cumprimento todas as famílias de Mauá que receberam as chaves da sua casa própria.

Cumprimento também a Marina de Jesus Gomes Torres e família, que receberam a chave de sua casa em Araras. E, por meio da Marina de Jesus, eu cumprimento todas as famílias do residencial Prefeito Professor Jair Della Coletta.

Cumprimento ainda a Gislaine Aparecida de Souza e a família que receberam a casa em Araraquara. E quero dizer que, ao cumprimentar a Gislaine, eu estou dando um abraço a cada uma das famílias lá de Araraquara que receberam a chave,

Quero aqui saudar o governador Geraldo Alckmin, governador de São Paulo e parceiro do programa Minha Casa Minha Vida com o Casa Paulista,

Cumprimento o ex-prefeito aqui da região e hoje ministro-chefe da Secretaria de Portos, o Edinho Araújo,

Cumprimento o prefeito Geraldo Vinholi, prefeito aqui de Catanduva,

Cumprimento os deputados federais aqui presentes, Arlindo Chinaglia, Herculano Passos, o deputado José Mentor e o deputado Sinval Malheiros,

Cumprimento também a deputada estadual Beth Sahnão,

Cumprimento o vice-prefeito de Catanduva, Carlos Roberto Tafuri,

Cumprimento o vereador Daniel de Lima, presidente da Câmara Municipal,

Cumprimento a Inês Magalhães, secretária nacional de Habitação,

Cumprimento o senhor Valdomiro Lopes, prefeito de São José do Rio Preto,

Quero cumprimentar ainda, lá em Mauá, o prefeito Donizete Braga, prefeito de Mauá, e a presidenta da Caixa Econômica Federal, Mirian Belchior,

Quero cumprimentar, em Araras, o Gilberto Kassab, ministro das Cidades, e o prefeito Nelson Dimas Brambilla, prefeito de Araras,

Cumprimento ainda o prefeito de Araraquara, o nosso querido Marcelo,

E cumprimento o ministro Edinho Silva, ministro-chefe da Secom,

Cumprimento ainda os prefeitos: André Severino, de Planalto; Antônio Falchi, de Cândido Rodrigues; Dulce Pinheiro, de Novaes; Edimar Isepan, de Paraíso; Edmilson Alves, de José Bonifácio; Jamil Seron, de Tabapuã; João Ernesto Nicoletti, de Catiguá; Marcelo Ercolin, de Santa Adélia; Marcos Ferreira, de Patrocínio; Nelson Trabuco, de Pindorama; Paulo Rogério Bruneli, de Embaúba; e Rosângela de Oliveira, de Adolfo,

Quero cumprimentar ainda os senhores vereadores e secretários,

E ao cumprimentar o superintendente nacional da Caixa, Cleiton Carneiro, eu cumprimento todos os funcionários da Caixa e agradeço pela determinação e porque também eles são responsáveis por viabilizar esse programa que hoje nós inauguramos.

Cumprimento o bispo de Catanduva e aqui da região, o Dom Otacílio Luziano da Silva,

Cumprimento todas as demais autoridades religiosas,

Cumprimento o presidente da construtora Pacaembu, Eduardo Robson Raineri de Almeida,

Quero cumprimentar ainda aquelas famílias do residencial Nova Catanduva e de todos os residenciais, em Araraquara, Mauá e Araras, que hoje receberam as chaves.

Eu sei que transformar em realidade o sonho da casa própria é algo que comove todas as famílias aqui presentes. Sei que nós aqui estamos falando de 2.555 famílias de todos esses residenciais. E sei que quando se realiza um sonho a gente pensa no futuro da nossa família, pensa no futuro dos nossos filhos e também pensa nas relações afetivas que a gente constrói que a gente tece com os amigos e com os parentes e com os nossos vizinhos.

E eu queria dizer uma coisa para vocês, dificilmente no passado se conseguiria realizar o sonho da casa própria para o qual o tanto vocês lutaram tanto vocês se esforçaram, porque se fosse tomar um empréstimo nos bancos, a prestação não ia caber na renda. Por isso, esse empreendimento Minha Casa Minha Vida, que é não só formado por telhas, por janelas, por tijolos, por paredes, por azulejos, por cerâmicas, mas, sobretudo, é formado pela força que é a base de qualquer sociedade que é a força da família.

Esse empreendimento, ele é possível porque nós fizemos uma parceria. Nessa parceria o governo federal, que é mais forte, porque representa todo o país e arrecada impostos de todo mundo, entra com a maior parte, nós entramos em média, com 70 mil reais que custa uma dessas casas, com em torno de 55 mil e o governo do estado entra com 15 mil e a prefeitura entra com uma série de empreendimentos que garante a sustentabilidade, ou seja, que garante que tenha esgoto, que tenha água tratada. Enfim, que tenha aquelas condições para pessoas viverem.

Mas aqui hoje eu vi uma coisa fundamental, esse é o primeiro empreendimento que já contratamos com a creche, nós já contratamos com a escola, e isso vai permitir o que o prefeito disse que amanhã as crianças possam entrar na sala de aula. Não sei se vocês viram as creches, não sei se vocês viram as creches, esta aqui é uma das creches que a gente tem construído e essa creche ela é talvez um dos edifícios mais bonitos, em várias cidades, não é só aqui, mas ela é um equipamento, se chama equipamento, ou seja, ela é uma construção que a mim me comove. Por que me comove? Porque nós estamos colocando na creche o que há de melhor para as crianças. Vocês olhem não só em termos da sua construção, das suas salas e do seu berçário, mas também com ajuda dos prefeitos, colocamos as mesinhas, os bercinhos, colocando todo equipamento para poder receber as crianças.

Então foi uma parceria que uniu os esforços do governo federal, do governador Alckmin, que permite que a construção seja maior, seja melhor, e a participação do prefeito, que conduz a gente a realizar esse projeto. E ele é muito importante. Aqui quando cheguei eu perguntei para o Edinho Araújo: Edinho, chove muito aqui em Catanduva? Ele disse: Chove não. Perguntei: Edinho, faz muito frio aqui em Catanduva? Ele disse: Faz não. Mas eu quero dizer para vocês, mesmo não fazendo muito frio, fazendo um certo frio de manhãzinha, que é sempre frio, eu fico muito orgulhosa também do equipamento do aquecimento solar térmico, que tem nos telhados de todas as casas. Mesmo com o Edinho tirando a minha alegria e dizendo, “não faz muito frio”. Mas eu disse pra ele: Duvido que você tome banho frio, Edinho, duvido. E disse também para o prefeito Valdomiro que estava com a gente. O prefeito concordou comigo, “eu não tomo banho frio”. Agora o Edinho inventou que toma um banho frio como a última ducha, de qualquer jeito as outras duchas precisa de água quente e essa água quente é importante porque a pessoa não vai pagar conta de luz com ela. Então, eu considero muito importante esse equipamento que está no telhado aqui de todas as moradias, que é solar térmico.

Além disso, eu queria dizer uma outra coisa pra vocês, nós aqui sabemos como é essa questão da casa para dentro. Da casa para dentro, todos nós sabemos que na maioria das casas, eu não vou dizer em todas, mas na maioria das casas quem manda é a mulher. Então, a casa hoje ela ainda não tem um jeito de casa que a gente fala, aquele cantinho da gente, mas eu tenho certeza que se eu voltar daqui um ano, cada casa vai ter um jeito próprio, um jeito diferente, porque nessa casa, as mulheres vão dar aquele jeito que torna a casa o lugar dos nossos sonhos. Porque os nossos sonhos, eles são feitos de uma matéria muito especial. Essa matéria é a capacidade que nós pessoas, cidadãos desse país temos de transformar, de mudar, de melhorar onde nós estamos. E aí, eu quero dizer uma coisa para vocês, tenho certeza que vocês se esforçaram, que vocês correm atrás, que vocês constroem o caminho de vocês.

O papel de um governo não é achar que fez tudo para as pessoas não reconhecer que numa família, não é? O rapaz, por exemplo, que chega numa faculdade, que consegue um emprego técnico, que faz um curso técnico. Ele conseguiu aquilo pelo seu esforço. Muitos vão falar: “Porque minha mãe e meu pai me incentivaram”. O que é o papel então do governo? O papel do governo é dar oportunidades iguais para todas as pessoas. Daí que a creche de qualidade é importante, porque ela ataca a raiz de desigualdade que é a diferença de oportunidades desde que a pessoa nasce.

Então, da creche melhor, de ter acesso a uma casa melhor, pagando uma prestação menor, é se livrar do aluguel, é se livrar de morar de favor e é se livrar também de estar numa área de risco. Tudo o que está aqui daqui para diante é responsabilidade de vocês. Até aqui nós viemos, daqui para frente é tudo com vocês para garantir que esse residencial, o residencial lá de Araras, de Araraquara e de Mauá sejam, de fato, lares que abrigam e protejam as crianças.

O programa chama Minha Casa Minha Vida porque a casa é talvez o local mais importante para a vida de cada um de nós. É para onde nós vamos depois do trabalho, depois do estudo, nós vamos procurar conforto, procurar apoio e, sobretudo, procurar acolhimento, sobretudo, procurar calor humano.

Quero dizer para vocês então, que eu tenho certeza que hoje aqui a gente deu um grande passo para construir o futuro de vocês. Quero dizer que o Brasil e o meu governo tem muito orgulho do dinamismo, da capacidade e do trabalho do povo paulista. É um povo trabalhador, é um povo que constrói, é um povo que supera desafios e dificuldades. Por isso, eu tenho certeza que vocês vão entender que quanto mais rápido nós formos capazes juntos de superar as nossas dificuldades, que são dificuldades pelas quais todos os países do mundo estão passando, uns mais outros menos. A segunda maior economia do mundo, a economia chinesa, ontem teve um momento de muita dificuldade e nós torcemos para que essas dificuldades econômicas e financeiras sejam superadas.

Nós aqui em São Paulo temos feito um esforço para, em parceria com os governos, construirmos obras e tomarmos iniciativas. Eu quero dizer para vocês uma coisa que é pouco sabida. Nós construímos o programa Mais Médicos. Esse programa Mais Médicos ele levou mais de 2.528 médicos para aqui a cidade de, aliás, para as cidades de São Paulo. Eu acredito que talvez ninguém aqui saiba, mas o estado de São Paulo começou a chover muito e o pessoal está saindo da chuva com razão, então o pessoal que não está protegido, está saindo da chuva. É bom que chova, mas tem hora que quem está na chuva não quer pegar a chuva. Então é essa contradição sempre. Eles têm de sair, de fato, porque começou a chover forte.

Então queria dizer para vocês, sabem quais são as cidades e o estado que mais recebeu médicos do Mais Médicos? Porque todo mundo pensa que é deve ser a Amazônia, outros falam: não, é o interior do Nordeste. Não. O estado que recebeu maior número de médicos porque não tinha médicos suficientes é o estado de São Paulo.

O programa Mais Médicos ele veio para resolver um grave, um gravíssimo problema no atendimento da atenção básica. O governador Alckmin é médico. Ele sabe que 80% dos nossos problemas de saúde pública se resolvem num posto, numa unidade básica de saúde. Por isso, nós fizemos o programa Mais Médicos. Esses 2.528 médicos que estão aqui, eles vão nos ajudar a passar esse momento em que ainda faltam médicos brasileiros, que nós não temos médicos brasileiros suficientes. Mas eu tenho certeza que os prefeitos aqui sabem que, sem esses médicos, não haveria atendimento nos Postos de Saúde adequado. Agora nós vamos formar cada vez mais médicos brasileiros, e a boa notícia é que na última chamada, todos os médicos que compareceram são médicos formados aqui Brasil.

Eu quero dizer também que eu tenho muito orgulho das escolas federais aqui do estado, das 30 escolas federais, técnicas que são importantes para a formação dos jovens. Doze escolas técnicas federais foram feitas no meu primeiro governo.

Quero também destacar que 1 milhão de paulistas conquistaram o direito de estudar em universidades privadas pelo programa federal Prouni e pelo Fies. E que 1,4 milhão de jovens trabalhadores e empreendedores tiveram oportunidade de se qualificar melhor pelo Pronatec. Por que estou falando isso? Eu estou falando isso porque para nós é importante perceber que esses programas terão continuidade. E quero dizer também que essa parceria entre o governo federal e o governo do estado, ela vai continuar beneficiando também toda a ampliação da oferta de água aqui no estado. Nós já financiamos, em uma parceria no governo estadual, duas obras importantes: a interligação das represas de Jaguari e Atibainha e o sistema São Lourenço.

Tenho certeza que, se for necessário mais obras para viabilizar oferta de água aqui em São Paulo, mais obras nós faremos em parceria com o governador. Esses são alguns dos exemplos que nós, que nós tivemos de obras aqui. Existem muitas outras na área de saneamento, no investimento em rodovias e eu quero dizer pra vocês: tenho certeza que essa parceria governo federal, governo do estado e prefeituras, ela vai continuar e ela está baseada em uma visão democrática e republicana da coisa pública.

Nós podemos divergir, mas nós temos de agir juntos no que se refere a administração para proteger os interesses da população. Quando a gente age juntos, nós somos capazes de realizar mais e melhor.

Finalmente, eu quero dizer para vocês, nós vamos superar esse momento de dificuldades. Todos nós que somos brasileiros e brasileiras sabemos que temos capacidade de superar desafios, de apresentar e de construir caminhos e de chegar a resultados. Quanto mais rápido fizermos isso, mais rápida será a superação das nossas dificuldades. A gente tem de enfrentar os problemas de frente, jamais é aceitável que se torça para o pior acontecer porque quando acontece o pior quem paga é a população do País.

Daí, porque eu termino dizendo para as famílias que receberam as suas casas hoje. Cuidem dessas casas. A partir de agora é um patrimônio de vocês, é uma riqueza de vocês. Quanto mais bonito for esse residencial, quanto mais conservado for esse residencial, quanto mais árvores vocês plantarem, quanto mais vocês preservarem as pinturas, mais valorizadas

essas casas serão. Vocês aqui têm a oportunidade na mão de vocês. A creche está aqui perto, a escola vai estar aqui perto, o posto de saúde vai estar aqui dentro do residencial e o posto de segurança também.

Então, este é o residencial que vocês também podem usufruir porque vai ter quadra de esporte, mas, sobretudo, preservem, criem uma espécie de condomínio. O prefeito está colocando uma empresa para dar suporte para isso. Criem e preservem. Esse patrimônio é de vocês. E agora quem cuida da porta para fora são os homens, da porta para dentro são as mulheres.

Um abraço!

Ouçã a íntegra do [discurso](http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-da-cerimonia-de-entrega-de-unidades-habitacionais-do-residencial-nova-catanduva-i-e-entregas-simultaneas-de-unidades-em-araraquara-sp-unidades-em-araras-sp-e-unidades-em-maua-sp-do-programa-minha-casa-minha-vida-ii-residencial-nova-catanduva-rua) (<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-da-cerimonia-de-entrega-de-unidades-habitacionais-do-residencial-nova-catanduva-i-e-entregas-simultaneas-de-unidades-em-araraquara-sp-unidades-em-araras-sp-e-unidades-em-maua-sp-do-programa-minha-casa-minha-vida-ii-residencial-nova-catanduva-rua>), (27min02s) da presidenta Dilma.

# **27-08-2015 - Discurso da presidenta da República, Dilma Rousseff, durante a cerimônia de recepção às delegações do Brasil nos Jogos Pan-Americanos e Parapan-Americanos de Toronto 2015 e homenagem aos 10 anos do Programa Bolsa Atleta - Brasília/DF**

**Palácio do Planalto - DF, 27 de agosto de 2015**

Boa tarde a todos.

Queria cumprimentar o Thiago, a Terezinha Guilhermina e o Marcel. E, cumprimentando os três, eu queria cumprimentar cada um de vocês com quem eu tirei muitos retratos e selfies. E queria dizer para vocês que para mim é uma grande honra receber vocês aqui.

E quero também cumprimentar a todos os atletas olímpicos e paralímpicos, a todos vocês que ganharam o Pan-Americano e o Parapan-Americano.

Queria cumprimentar o George Hilton,

Queria cumprimentar, também, aqui o nosso querido Parsons,

E deixei por último, quero cumprimentar o Nuzman, que é para onde, Nuzman e Parsons, o nosso caminho que hoje nós comemoramos aqui para onde ele se dirige: Rio 2016.

Quero cumprimentar também o George Hilton, do Esporte; o general José Elito, do Gabinete de Segurança Institucional; e o ministro Pepe Vargas, da Secretaria de Direitos Humanos,

Dirijo um cumprimento especial tanto à Miriam Belchior, da Caixa Econômica Federal, quanto o Wagner, dos Correios,

Quero cumprimentar o ex-ministro do Esporte, Orlando Silva, que, além de ter nome de cantor, né Orlando? Foi um excepcional ministro dos Esportes, tendo também ampliado as bolsas durante a sua gestão.

Quero cumprimentar o deputado federal Márcio Marinho, presidente da Comissão do Esporte, o Deley e a Soraya Santos,

Cumprimentar o senhor Mosiah Rodrigues, ex-integrante da Seleção Brasileira de Ginástica e coordenador do Bolsa Atleta.

Eu cumprimento, também, as senhoras e os senhores dirigentes de confederações esportivas que nos dão a honra da sua presença,

Cumprimento as senhoras e senhores presidentes de empresas e entidades patrocinadoras do esporte,

Cumprimento, também, neste quesito, a Infraero, com o Gustavo Vali,

Cumprimento as senhoras e os senhores treinadores e guias, pessoas tão importantes junto aos atletas.

E cumprimento as senhoras e senhores jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas.

Eu queria começar dizendo que sempre é comovente a gente ver histórias de superação e todos os atletas têm uma história de superação. Tem algumas que nos comovem muito, nos levam às lágrimas, como é o caso da história do Zé. E quero dizer que todas elas são um exemplo de conduta de vida, de compromisso, eu vou dizer, com a ética. Têm necessariamente alguns ensinamentos que o esporte mostra para todos nós. Mostra para todo o povo brasileiro. Esse ensinamento é, necessariamente, uma história de superação. Supera obstáculos, as limitações, supera a lei da gravidade, supera todas aquelas limitações que cada um de nós temos, supera os medos e, ao mesmo tempo, é uma história muito bonita.

Junto com os esportes individuais, os esportes coletivos mostram que as pessoas têm de lutar juntas, mesmo individual, porque está ali o treinador, está ali toda a equipe que dá suporte, que sustenta aquela trajetória atlética de cada um dos vencedores. Mas também nos esportes coletivos mostra que a cooperação, a forma pela qual há esse relacionamento fantástico dentro de uma equipe, ela pode levar à vitória. Mostra também que, como disse aqui os nossos atletas que falaram, mostra também que é possível sofrer derrotas, é possível sofrer dificuldades no caminho, mas que todo atleta levanta e segue em frente. Muitas vezes não ganha na primeira, mas ganha na segunda ou ganha na terceira e segue lutando para ganhar e respeita também o resultado do outro atleta que é o vencedor. Eu queria, inclusive, dizer que eu fiquei muito feliz em saber que o Thiago ganhou por uma medalha - não é isso, Tiago? - do cubano, ele tem 23 e o cubano tinha 22, e aí ele é o maior atleta pan-americano, olímpico pan-americano. É óbvio que ele respeita o cubano que tem 22, mas é inequívoco que ele é que é o primeiro nessa história. Essa é uma da ética do esporte: você vence, mas respeita o adversário, porque o adversário ele qualifica o vencedor. Não é nada, não é nada, um cubano com 22 medalhas atemoriza qualquer um, mas agora um brasileiro com 23 atemoriza mais. Então, eu quero dizer que esses ensinamentos são muito importantes para os jovens, para as crianças e para todos nós, que de fato, Terezinha Guilhermina, temos obrigação de acompanhar vocês, temos obrigação de torcer, porque vocês representam o Brasil nos pódios. E isso é uma afirmação da força do país, é uma afirmação do povo brasileiro, é uma afirmação da nossa capacidade de luta e superação.

Por isso, eu parableno toda a delegação que integrou os Jogos Pan-Americanos e os Parapan-Americanos. As conquistas de vocês, sem dúvida, nos inspiram e inspiram todo o Brasil. Esse exemplo de coragem e determinação que vocês dão a nós, esse exemplo de determinação e coragem na superação dos seus limites. E aí eu queria destacar os atletas parapan-americanos. Eles também demonstram que é possível viver sem limites, que o atleta parapan-americano, o atleta paralímpico [paralímpico], tem também, um símbolo muito forte para cada um de nós, que é ver vocês brilhando no primeiro lugar nesse hemisfério. Então, quero cumprimentá-los de uma forma muito especial.

Eu sei que foram muitas as vitórias de Toronto; eu sei que o time brasileiro no Pan-Americano trouxe 141 medalhas ao país e que a delegação do Parapan trouxe 257. Ganhamos o terceiro lugar, e, pela terceira vez, ganhamos o primeiro no Parapan-Americano. Então, eu queria dizer a vocês que um dos meus maiores orgulhos foi saber que 78% dos competidores que defenderam o Brasil no Canadá recebiam apoio do governo. E aí eu quero comentar um pouquinho essa questão. O esforço é de vocês. Foi o esforço de vocês que garantiu a medalha. Foi o apoio das famílias de vocês. Certamente tem muitas mães dando apoio, dando estímulo e falando "vai que você consegue". Porque mãe faz isso. Muitos pais também dando apoio. Sem sombra de dúvida é uma vitória que vocês conquistam. O que é o orgulho do governo? É ter garantido a oportunidade, é ter dado a oportunidade. Nós não damos vitória, nós só damos oportunidades. Quem dá a vitória são vocês mesmos, quem conquista a vitória. Daí porque eu fiquei muito feliz que os 78% recebam Bolsa Atleta.

Nós sabemos que essa foi uma trajetória, porque o Brasil não pode ser um país - porque todo país, todo o governo apoia o atletismo e toda a sociedade também deve apoiar o atletismo. Aí não é só o governo, as empresas devem apoiar o atletismo, as empresas devem... os esportes olímpicos e não olímpicos, como disse o Marcel, devem apoiar a sustentação do atleta. Porque como ele disse muito bem, o Thiago, o atleta tem todas as necessidades de qualquer um brasileiro ou brasileira, mas ele tem uma necessidade

fundamental que é diferente, ele tem de se dedicar substantivamente, dar todo o seu tempo, dar o seu empenho e a sua concentração para o esporte. Daí porque a oportunidade o governo tem de oferecer. As empresas ligadas ao governo também têm. Mas as empresas privadas também devem fazê-lo. Para que nós tenhamos uma quantidade cada vez maior de recursos e aumentemos as oportunidades e asseguremos para todos aqueles que possam desempenhar um esporte tenham suporte, tenham apoio e possam nos representar muito bem. Esporte é pré-condição também para uma boa educação. Esporte não é algo restrito a si mesmo. Esporte assegura, não só muito mais capacidade de aprendizagem em todas as áreas, mas também integra a cultura de um país, daí porque eu acredito que esse é um processo que nós devemos fazer um balanço.

Ao completar a primeira década de vida - o Bolsa Atleta começa lá atrás no governo do presidente Lula -, o Bolsa Atleta, que foi objeto de muitas dúvidas, muitos falavam que o programa não ia dar certo, porque o programa precisava de escala e precisava de ter continuidade. Ora, nesses dez anos, quando a gente faz o balanço, a gente vê que no teste de escala o programa passou. Por quê? Nós concedemos agora, em 2015, 6.093 bolsas e em 2005 eram 975. Vocês vejam que a escala foi crescendo, até que nós chegamos a 43 mil bolsas nesses dez anos. E garantimos, também, que essas bolsas tivessem continuidade ao longo dos dez anos. Eu quero dizer que, somente na modalidade olímpica e paraolímpica [paralímpica] do Bolsa Atleta, que aliás nós vamos começar a pagar no próximo mês de setembro, nós mostramos que o programa por esses dois critérios foi um sucesso. Hoje podemos afirmar que o Bolsa Atleta é o maior programa de patrocínio individual do mundo na área esportiva.

Com esse ânimo é que nós pretendemos caminhar para assegurar que o maior legado da nossa Olimpíada e Paraolimpíada [Paralimpíada] Rio 2016 seja o legado dessa formação de atletas de alto rendimento e de massificação do atletismo e de todos os demais esportes. Eu falo atletismo não no sentido específico da palavra, mas no sentido amplo da palavra.

Quero dizer que esse mesmo ânimo que guia um atleta e guia cada um de vocês deve estar presente na nossa determinação de apoiá-los. Sabemos também que, além do valor da bolsa que nós já destacamos, eu quero dizer que para nós é muito importante a criação dos centros de treinamento por todo o Brasil. A criação dos centros de treinamento por todo o Brasil, ele é um elemento para nós garantirmos que esse suporte seja dado na maior variedade de regiões e estados da Federação. São 18 centros de treinamento capazes de atender desde as categorias de base até as equipes de alto rendimento. Inclusive, nós temos um centro que nós nos orgulhamos muito dele que é o Centro de Treinamento paralímpico, em São Paulo. E é essa infraestrutura espalhada por todas as regiões do Brasil que vai nos permitir disseminar a cultura esportiva entre as crianças e os jovens. E, repito mais uma vez: será o maior legado que deixaremos dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos 2016. Nós, como eu disse, queremos que os jovens do Brasil inteiro tenham oportunidade de desenvolver seu talento e seu potencial esportivo. Quem sabe um desses jovens não supere o recorde do nadador Thiago Pereira, que ele conquistou com sua 23ª medalha em Toronto? Quem sabe se uma atleta não bata os dois recordes mundial no arremesso de peso e lançamento de disco como fez a Rosiane Ferreira dos Santos, a Rosinha, que depois de vencer a luta contra o câncer, voltou a competir no Parapan de Toronto e trouxe mais uma medalha para a sua e para a nossa coleção.

Nós vamos continuar investindo de forma determinada, consistente, no esporte nacional; vamos continuar aprimorando o Bolsa Atleta, o Brasil Medalhas, o Bolsa Pódio e vamos dar suporte para todos aqueles atletas que permitam que o Brasil mostre a sua força e a sua capacidade nos jogos em todas as etapas, do 2020 e 2024.

Gostaria de dizer para vocês, por último, da importância que os Jogos Olímpicos e os Jogos Paralímpicos têm no sentido de mobilizar, também, toda a sociedade brasileira: empresários, todos nós, no sentido de apoiar cada vez mais o esporte de competição no Brasil; de apoiar também o esporte amador. Porque também, não é Marcel, é do esporte amador que saíram muito dos nossos grandes, dos nossos maiores atletas olímpicos e paralímpicos.

Quero reafirmar, por fim, que terão todo o apoio do meu governo. E tenho certeza da entusiasmada, da dedicada, da torcedora torcida de 203 milhões de torcedores que esse país tem. Vocês podem ter certeza, e mais uma vez eu concordo com a Terezinha Guilhermina: torcer nesse país é, não só algo que integra o nosso lazer, mas é um dever e uma obrigação de cada um de nós.

Um grande abraço.

Ouçã a íntegra do [discurso](http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-na-cerimonia-de-recepcao-as-delegacoes-do-brasil-nos-jogos-pan-americanos-e-parapan-americanos-de-toronto-2015-e-homenagem-aos-10-anos-do-programa-bolsa-atleta-brasilia-df-20min20s) (<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-na-cerimonia-de-recepcao-as-delegacoes-do-brasil-nos-jogos-pan-americanos-e-parapan-americanos-de-toronto-2015-e-homenagem-aos-10-anos-do-programa-bolsa-atleta-brasilia-df-20min20s>), (20min20s) da presidenta Dilma.

# **28-08-2015 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de entrega de unidades habitacionais em Caucaia/CE e entregas simultâneas em Fortaleza/CE, em Maracanaú/CE, em Castanhal/PA, em Colinas do Tocantins/TO e em Bom Conselho/PE do Programa Minha Casa Minha Vida - Caucaia/CE**

**Caucaia-CE, 28 de agosto de 2015**

Boa tarde a todos.

Eu queria começar cumprimentando, aqui, todos e todas as famílias que estão recebendo, nesse dia, a chave das suas casas, a chave dos seus lares. Gostaria de cumprimentar cada uma de vocês, cada um de vocês, mas eu vou cumprimentar, aqui, algumas das pessoas que receberam as chaves.

Quero cumprimentar, aqui de Caucaia, a Ioneide do Nascimento, a Ana Maria Brandão e a Alexandra Gomes, que receberam aqui as chaves de suas casas próprias, dos seus lares. Queria saudar, então, ao abraçar, como eu abracei cada uma delas e as crianças, eu queria abraçar todos os moradores aqui, do Residencial José Lino da Silveira VI. Quero cumprimentar, ainda, a Mariana de Oliveira Lopes e a família, que recebeu a chave lá em Maracanaú. Em nome dela, do seu irmão e da sua irmã, que têm uma história de vida fantástica, eu cumprimento, lá, todos os moradores do residencial Demócrito Dummar. Mas que queria lembrar que a Mariana teve uma oportunidade, e essa oportunidade é muito importante porque começa, para eles três, uma nova fase. Eles viveram em abrigo e, certamente, as irmãs, as freiras que os apoiaram deram a eles amor e carinho, e agora eles receberam a chave da casa própria. Queria abraçá-los e dizer: meus parabéns. Vocês estudem, vocês trabalhem e agora vocês têm a oportunidade de ter a vida de vocês e agradeço aqui às irmãs, que estão aparecendo na tela, vamos dar uma salva de palmas para as irmãs. Lá em Maracanaú, eu queria também saudar todos os moradores que receberam as chaves.

Cumprimento, também, os moradores do Residencial Cidade Jardim II: a Lucilene Nunes da Silva e a família dela e cumprimento, por meio deles, cada uma das famílias do Residencial Cidade Jardim III. A história também da Lucilene, vejam vocês, é uma história comovente. Ela vivia nas margens do rio Cocó. E aí, quando o rio Cocó enchia, ela tinha uma situação de grande vulnerabilidade, além de ter problemas de saúde pública. Fico muito feliz de ver a Lucilene e seus quatro filhos ali recebendo a chave da casa própria. E quero dizer que isso é aquilo que nós queremos conquistar. Nós queremos que as pessoas que vivem em área de risco tenham acesso à sua casa, ao seu lar.

Depois eu quero cumprimentar a Adenilda Ferreira da Silva e a família da Adenilda, que recebeu a sua chave em Bom Conselho, em Pernambuco. E, em nome delas, eu cumprimento todas as famílias quilombolas, que estão tendo o seu direito reconhecido. E cumprimento todos os moradores de Angico III, IV e V. Esse reconhecimento é o

reconhecimento do povo brasileiro e do governo do Brasil de que nós, brasileiros, temos definitivamente de superar uma das maiores máculas, uma das maiores manchas da nossa história, que foi a escravidão. Por isso, fico muito feliz de estarmos aqui com a Nilma, com o prefeito e com a Adenilda, reconhecendo, nesse ato, a importância do Minha Casa Minha Vida Rural. E gostei muito, também, de ver a cisterna, quando as imagens apareceram. Acredito que, como está verdejante o local, é uma cisterna de produção. Ao mesmo tempo, é unidade de biogás.

Quero cumprimentar, ainda, a Elaís de Souza, que recebeu a chave em Colinas do Tocantins. É cumprimento a todos os moradores de Colina do Tocantins, do Residencial Estrela do Norte I e II. É importante destacar que, na Colina do Tocantins, nós temos uma história também muito bonita. Uma história de superação e, por isso, eu cumprimento, com muito carinho, a Elaís de Souza.

Quero também cumprimentar a Diléia Lima Moreira e a família dela, que recebeu a chave da casa lá em Castanhal, no Pará. E, em nome dela, eu cumprimento todas as famílias. A história também é uma história comovente. E quero cumprimentar a todos os moradores que hoje têm essa alegria, essa felicidade imensa.

Mas vou voltar aqui para Caucaia, porque nós estamos aqui em Caucaia em link com todas essas cidades, tanto do Ceará quanto do Pará, como de Pernambuco; nós estamos nesse link junto com algumas pessoas que eu queria agradecer e cumprimentar.

Cumprimento o governador do Ceará, o Camilo Santana. O governador era um parceiro forte quando era secretário das Cidades e é responsável por uma parte importantíssima do que nós fizemos aqui, na construção do Minha Casa Minha Vida. Cumprimento, também, a primeira-dama, Onélia Leite, que me disse hoje uma das coisas mais importantes, que era que ela estava lançando um programa - tinha lançado, se eu não me engano, essa semana -, um programa que contempla as crianças, que olha para as crianças que, na verdade, é o Mais Criança: é criança estudando em creche, criança brincando em praça e criança, Onélia, sendo acompanhada, cuidada pelo governo do estado. Nós apoiamos esse programa Onélia, nós apoiamos com nossos investimentos em creche, mas eu te cumprimento porque acho que essa é uma das mais importantes políticas que um governo pode ter. Porque dá para os nossos brasileirinhos e para nossas brasileirinhas, dá a eles as condições e as oportunidades que os meninos mais ricos têm. Os nossos meninos das classes populares do povo brasileiro têm de ter a mesmas oportunidades. Meus parabéns, Onélia.

Quero cumprimentar, ainda, aqui presentes e também os ministros que acompanharam todo o lançamento: os ministros de Estado, a Tereza Campello, do Desenvolvimento Social e combate à Fome, que lançou e entregou as casas lá em Maracanaú; o ministro da Saúde, Arthur Chioro, que entregou lá em Fortaleza; o Gilberto Kassab, ministro das Cidades, que entregou em Colinas do Tocantins; o Helder Barbalho, da Pesca e Aquicultura, que entregou em Castanhal, Pará; a Nilma Lino Gomes, de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, que entregou em Bom Conselho, em Pernambuco,

Cumprimento, aqui, também, os nossos senadores que nos ajudam, lá em Brasília, a viabilizar esses programas, Eunício Oliveira e José Pimentel. Eunício Oliveira, líder do PMDB na Câmara; e José Pimentel líder, aliás, desculpa, Eunício, líder do governo no Senado; e o José Pimentel, líder do governo no Senado.

Cumprimento os deputados federais José Guimarães, esse sim, líder do governo na Câmara dos Deputados. O Eunício é líder do PMDB no Senado. O José Ayrton Cirilo, o Chico Lopes, o ex-ministro Leônidas Cristino, ex-ministro dos Portos.

Quereria também cumprimentar o deputado federal Domingos Neto,

Cumprimento a Cláudia Lelis, vice-governadora do Tocantins, que estava lá em Colinas do Tocantins.

Cumprimento o Washington Luiz Gois, nosso prefeito de Caucaia, e a senhora Ester Gois,

Cumprimento o Roberto Cláudio, que estava lá em Fortaleza, podia aparecer o Roberto Cláudio - ali ele.

Cumprimento o Danilo Vieira, de Bom Conselho, Pernambuco,

Cumprimento o José Santana Neto, de Colinas do Tocantins, e o Paulo Titan, de Castanhal, no Pará.

Quero também cumprimentar aqui o Paulo Guerra, vice-prefeito de Caucaia,

Cumprimento a Miriam, presidente da Caixa, Miriam Belchior, presidente da Caixa,

O Maurício, secretário do Programa de Aceleração do Crescimento,

Quero cumprimentar o secretário das Cidades do Ceará, em nome de quem eu cumprimento todos os secretários, o Lúcio Ferreira Gomes.

Cumprimento o Brasileiro da Cruz, presidente do Movimento Quilombola de Pernambuco, em Bom Conselho, lá em Pernambuco. Ele apareceu no nosso link, o Brasileiro apareceu no link - ele está ali, ó.

Quero também cumprimentar o Francisco Wil, vice-presidente da Central Única dos Trabalhadores do Ceará,

Cumprimento, ainda, o Luis Roberto Studart Filho, diretor da construtora Engeplan, aqui, que construiu essas moradias, apartamentos aqui em Caucaia.

Cumprimento, também, uma liderança aqui de Caucaia, a Lia Ferreira Gomes.

Cumprimento as senhoras e os senhores jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas.

Olha, gente, eu fico muito feliz de ver essas histórias. Porque aqui nós não estamos lidando com concreto armado, telha; nós não estamos lidando com janelas e portas e salas, quartos, banheiros e cozinhas. Nós estamos lidando é com o local que as pessoas vão morar, vão ter seus filhos, vão receber seus amigos, vão conversar com os parentes, vão criar as crianças e os jovens. Onde as mulheres sempre mandaram da porta para dentro - os homens mandam da porta para fora. Daí porque eu sei perfeitamente que essa quantidade de mulheres que aparecem recebendo a chave, é porque mulher, casa, família e filho rima, não é? Dá não só uma rima, mas leva para frente o Brasil. E os nossos queridos companheiros ajudam na criação das crianças, ajudam com toda sua força e seu empenho.

Daí porque eu sei que a aquisição da casa própria é um sonho. Daí o Programa Minha Casa Minha Vida, que tinha que ser Minha Casa Minha Vida Meu Sonho, mas o sonho a gente acrescenta, hoje, quando vocês recebem a chave. Fico orgulhosa, viu gente? Eu estou aqui com vocês e também com todos eles que estão nos vendo, aqui, e são 2.701 famílias que vão receber, nesta sexta-feira, suas casas.

Para muitos que nós entregamos a chave eu perguntei: Quando é que vocês mudam? Aí me disseram, uns me disseram "hoje ainda"; outros me disseram, "o mais rápido possível". Então eu sei que cada um de vocês quer entrar, quer entrar com pé direito pela porta da frente. E vocês vão entrar com o pé direito pela porta da frente, porque isso é um esforço que vocês fizeram. Mas esse esforço que vocês fizeram faz parte, porque é isso mesmo, vocês se esforçaram, vocês trabalharam, vocês lutaram. Aí vocês passavam na porta de um banco, o banco não emprestava, não cabia, e quando emprestava o dinheiro, não cabia no rendimento que vocês tinham, vocês se esforçaram, se esforçaram, e não tinham uma casa própria. Qual é o papel do governo? O papel do governo é... Não é que ele vai, o governo pega e resolve tudo. Não, uma parte é o esforço de vocês e isso tem que ficar claro. O que o governo pode fazer? Garantir oportunidade, dar oportunidade, garantir que as pessoas que moram de aluguel e pagam aluguel, as pessoas que moravam na rua e não tinham como ter acesso a uma casa, porque era muito cara a prestação, possam ter uma casa. É esse o papel do governo.

E quero dizer que esses, esses apartamentos aqui de Caucaia, as casas que apareceram, as casas de Angico, lá do Quilombo de Angico; as casas de Fortaleza; de Maracanaú; de Castanhal, do Pará, cada uma delas tem algo em comum com essa: primeiro, é a realização

de um sonho. Mas não é só isso não. É o lugar onde vocês vão criar os filhos e a família, isto é, todas ficam em uma área com urbanização, mesmo aquela em zona rural: lá tem água, luz, esgoto e tem condições de vida. Todos vão ter acesso a serviços públicos, todos vão contar com postos de saúde e com escolas nas proximidades. É essa a visão que nós temos de casa: casa é onde você mora, mas é também o local que você sai na porta de casa e quer ter o lugar para botar seu filho na escola, quer ter acesso, também, o mais rápido que você puder, a um posto de saúde ou a uma UPA.

Eu quero dizer para vocês que eu fico muito feliz de presenciar isso. E quero dizer mais uma coisa: vocês têm de cuidar bem dessas casas. Eu hoje estou aqui, elas estão assim, mas se eu voltar daqui a um ano, cada casa vai ter uma cara diferente, porque a gente coloca na casa uma parte do que a gente é. E aí eu peço para vocês cuidarem bem dessas áreas, de vocês criarem uma forma de se organizar e cuidar da casa. Sabe por quê? Porque elas serão um patrimônio de vocês. A partir de agora não é só que vocês têm uma casa, vocês têm um patrimônio, que é de cada uma das famílias e a gente sempre dá preferência, para quem for a cabeça da família, ter a casa registrada naquele nome da pessoa. Geralmente, a gente faz isso para a mulher, mãe de família, que vive sozinha, e por isso, eu quero dizer para vocês: não vendam essas casas, não aceitem, nesse início, propostas de compra e venda, guardem esse patrimônio porque ele é de vocês. Eu vou me embora, vocês vão ficar nas casas. Então, eu peço só isso. O que eu peço de retorno para o governo? Eu peço que vocês cuidem daquilo que agora é de vocês.

Foi um grande esforço construir, para o governo - eu quero dizer para vocês -, que foi um grande esforço construir. Nós começamos com um milhão, mas esse um milhão tinha gente que dizia que ele não sairia do papel, que nós íamos ter dificuldade. É claro que nós tivemos dificuldades; é claro que muitas vezes as coisas não deram certo da primeira vez, mas é claro, também, que nós conseguimos. Está aí a prova. Aqueles que diziam que não ia acontecer o Minha Casa Minha Vida, hoje nós estamos dando uma boa resposta. Está aí o Minha Casa Minha Vida, estão aí vocês dentro dessas casas.

E eu quero dizer mais outra coisa. Para mim, é muito importante que vocês tenham condições de pagar as casas. Vocês sabem que a prestação é bem menor, hoje, que um aluguel e, além disso, a casa é de vocês. Então, se vocês pagarem direitinho, vocês estão ajudando o governo a fazer mais casa. Porque nós queremos fazer mais casas e o nosso objetivo é fazer mais três milhões de casas. Com isso nós chegaremos a mais de seis milhões e aí, vai ter no Brasil, pelo menos até 2018, no final, com muito esforço, em torno de 27 milhões de pessoas com a casa própria. Eu conto com vocês. Conto com vocês para cuidar da casa e para ter esse retorno que é para fazer mais casas para mais brasileiros, para mais famílias. E uma coisa muito importante ocorreu hoje. Hoje, ao entregar essas 2.700 casas, é importante que vocês saibam que nós atingimos uma marca muito forte: 500 mil dessas casas são para pessoas que recebiam Bolsa Família, ou seja, para aquelas pessoas do Brasil mais pobres. Dentre as pobres, as mais pobres. E aí é um momento de comemoração.

Eu sei que nós, hoje no Brasil, estamos passando dificuldades. Vocês, muitos de vocês, temem, acham que a situação está incerta, acham que a inflação ainda está alta, têm medo de perder o emprego. Eu quero dizer para vocês que o meu governo pensa em duas coisas: em como aumentar o emprego, garantir que o país volte a crescer, primeira coisa; segunda coisa, em reduzir a inflação, porque nós sabemos como a inflação corrói a renda do trabalho, a renda do empreendedor. E aí eu vou assumir aqui, com vocês, alguns compromissos: Primeiro compromisso: nós não vamos abrir mão das políticas que têm ajudado o povo brasileiro a melhorar de vida. O Minha Casa Minha Vida, o Bolsa Família, o Prouni - que garantiu que a filha, como dizia o pessoal, a filha do pedreiro pode virar doutora, ou o filho do pedreiro pode virar doutor -, garantir também o Fies, que foi o financiamento para a educação; garantir, ainda, o Pronatec, que cria oportunidade de emprego, que é um programa a favor do emprego porque forma os jovens trabalhadores desse país. Quero também falar do Pronaf, que é o programa para a agricultura familiar, que também vai continuar. Todos eles, mas tem um especial, que eu tenho um carinho imenso: é o Mais Médicos. O Mais Médicos, eu tenho um carinho, porque no Brasil, tinha municípios que não

tinham nenhum médico, nem unzinho. Hoje eu perguntei aqui para o governador, “governador, diga para mim uma coisa: quantos médicos do Mais Médicos nós temos aqui no Ceará?” O governador me respondeu: 1.218 médicos. Sabe, tem um número da Organização Mundial de Saúde que diz o seguinte: cada médico tem, da atenção básica, desse tipo de médico que atende em posto de saúde, ele atende por ano, no mínimo 3.500 pessoas. Esse é o número que eles consideram adequado. Pois bem, se a gente fizer todos os cálculos, no Brasil, com o programa Mais Médicos, que chegou a mais de 18 mil médicos, nós chegamos a 63 milhões de pessoas que não tinham atendimento básico e que agora têm. E aqui a gente tem de multiplicar os 1.218 por 3.500, o que vai dar, mais ou menos, quatro milhões, eu acho, e 263... quatro milhões e 300. Eles são rapidinhos nas contas, vocês viram, não é? Gente rapidinha nas contas é ótimo.

Bom, por que eu estou falando isso? Porque esse foi o primeiro passo para garantir que as pessoas tivessem acesso à saúde, o que é importantíssimo, porque é aquele médico que toca em você, que toma a sua pressão, que pergunta o que aconteceu contigo, que é o que todo mundo quer. Ninguém quer um médico impessoal, não é? Que você...que não chega perto de ti e tal.

E aí, além desse eu tenho outro. E eu estive, e eu estive aqui no passado visitando toda a ligação, lá do Castanhão até Fortaleza, que garante o abastecimento de água aqui em Fortaleza. E aí eu quero dizer uma coisa, eu quero reconhecer aqui, porque o governo federal entrou nisso ajudando, mas a visão, perceber que Fortaleza precisava de água, a gente deve ao governador, ao Cid e ao Camilo, que viram isso e falaram: “Não, tem de construir, é Cinturão das Águas, e tem de fazer isso porque senão vai faltar água”. E por isso, eu tenho muito orgulho de ter vindo aqui, não foi esse ano, foi o ano passado, eu vim inaugurar o Cinturão das Águas, que garante a água aqui para Caucaia. Ah é, porque vocês, nós temos o Cinturão, que é o outro. Eu confundo os dois, se é Eixão ou Cinturão. Agora vocês vão concordar comigo que parece, não é? Cinturão ou Eixão. Bom, mas é esse canal que sai lá do Castanhão e chega aqui, vai até, se eu não me engano vai até Pecém e o porto de Pecém. Isso para mim é muito importante, porque aqui teve uma seca brava durante quatro anos. Essa seca brava nós ajudamos, nós fizemos uma parceria e nós encaramos ela.

E eu estive, na semana passada, na interligação do São Francisco, e quero dizer para vocês que a interligação do São Francisco está virando cada dia mais uma realidade: serão 12 milhões de pessoas entre o Piauí, aliás, entre o Ceará, Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte, que serão atendidas no primeiro momento; os outros estados do Nordeste também vão se beneficiar. E isso para mim é um orgulho, quero dizer pra vocês, é um orgulho.

Finalmente eu quero dizer uma coisa para vocês. Tem muita gente no Brasil que é forte, que tem orgulho de ser brasileiro, que tem otimismo em relação ao país, que sabe que esse país é um país com condições de crescer, de avançar, e mais do que isso, um país que demonstrou que pode fazer, e que fez, nos últimos 13 anos. O Nordeste brasileiro foi completamente transformado. Falta muito a fazer? Falta. Mas nós mostramos que, juntos, somos capazes. Essa é a maioria do Brasil. Agora, tem uma minoria que aposta sempre no “quanto pior, melhor”. É aquele pessoal que pesca em águas turvas, que quando as águas estão claras, nunca conseguem o que querem, mas quando elas ficam um pouquinho turvas, eles pescam em águas turvas. Nós vamos ter clareza de afirmar, não só que o Brasil é um país forte, que vai crescer, vai superar as dificuldades que tem e são momentâneas, mas também que nós temos muito o que preservar. Nós conquistamos muita coisa. Não vamos deixar haver retrocesso nesse país. Nem no que se refere aos programas, nem no que se refere à questão da democracia. Nós todos sofremos as consequências de ter um país que não era democrático, que não respeitava as leis e que não deixava as pessoas dar sua opinião e manifestar sua opinião. Esse País conquistou a democracia quando conquistou o direito de votar. Ao conquistar o direito de votar, nós mudamos a história do nosso País, assim como toda a América Latina mudou a história dela, que era história de golpes e de ditaduras. O Brasil não. O Brasil, hoje, é um país democrático e um país que sabe superar suas dificuldades. Como todos os países do mundo, nós temos a garra de superar as nossas dificuldades. Mas tem uma característica especial do brasileiro: nós superamos isso com muita esperança e muito amor no coração e com nadinha de amargura ou de ódio.

Nós somos um país tolerante, um país que respeita os outros, um país que quer ver os seus filhos e suas filhas sendo criadas em um mundo de paz.

Muito obrigada.

Ouçã a íntegra(34min31s) do discurso  
(<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-cerimonia-de-entrega-de-unidades-habitacionais-em-caucaia-ce-e-entregas-simultaneas-em-fortaleza-ce-em-maracanao-ce-em-castanhal-pa-em-colinas-do-tocantins-to-e-em-bom-conselho-pe-do>) da Presidenta Dilma Rousseff

# 28-08-2015 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante o evento Dialoga Ceará - Fortaleza/CE

Fortaleza-CE, 28 de agosto de 2015

Boa noite. Olê, olê, olá. Muito obrigada, muito obrigada.

Primeiro, eu queria agradecer um dos... Oi. Eu queria agradecer e dizer para vocês que tem uma coisa que comove nesse Dialoga: é o calor humano, é essa alegria, esse colorido, essa força que eu encontro aqui com vocês. Eu também te amo.

E agora eu quero, também, dizer para vocês que fico muito feliz de estar aqui. E vou mudar, vou mudar a minha fala. Eu vim aqui dialogar. Os meus ministros falaram. Então, eu vou dialogar com aquilo que vocês falaram para mim enquanto eu estava sentada ali. Primeiro, eu queria dialogar dizendo, me mandaram uma poesia, um cordel sobre o Dragão do Mar. Eu não sei quem foi que... eu quero.. me dá então esse cordel, você segura esse aqui. Obrigada. O cordel fala o seguinte, é do autor, é o Klévisson, Klévisson Viana. O Klévisson mandou para mim, e diz o seguinte, eu vou ler um pedaço do cordel: “Quatro anos antes que o Brasil abrisse mão e decretasse, de fato, o fim da escravidão, o Ceará deu o exemplo, promovendo a redenção”. Por que hoje, 2015, esse cordel é ainda importante? Porque, no nosso país, primeiro, a escravidão durou tempo demais e a gente tem de falar dos heróis, mas depois é por outro motivo: é porque até hoje nós temos de combater a discriminação. E aí, quando a gente fala em discriminação, entre as discriminações, a primeira que nós temos de combater é aquela que recai sobre a população negra do nosso país.

Nós vivemos isso no entorno, vocês devem estar lembrados, na antevéspera da Copa, quando uma porção de atos de intolerância, preconceito e discriminação contra nossos atletas negros começaram a aparecer por aí. Esse não é o Brasil. O Brasil é um país que é multiétnico, ou seja, multicolorido. As nossas peles são as mais diferenciadas, mas têm um forte componente da raça negra que nos conformou. Por isso, a gente tem que honrar até hoje o Dragão do Mar.

A segunda coisa que eu queria falar, era agradecer o Antônio Carlos. Porque Antônio Carlos -, não sei se ele está aí ainda - não é todo dia que a gente recebe uma declaração. Fico muito agradecida, viu Antonio Carlos? Fico extremamente agradecida. Muito, muito gentil da sua parte.

A terceira coisa que eu queria falar é sobre um outro cordel. Esse cordel é de uma mulher, chamada Cristina Poeta. Chama-se (incompreensível). Cadê a Cristina? Eu vou ler um pedaço da Cristina, porque esse pedaço também, do Cordel, mostra como é importante, e ela reivindica que a gente dê importância aos poetas. Pois eu vou dar, viu Juca, importância aos poetas populares. Ela diz o seguinte: “Aos homens e mulheres também quero lembrar, não maltrate um ao outro para apenas de bem se dar, nem destrua a vida alheia para poder vir se vingar”. Aqui, sabe, Cristina, eu quero falar sobre uma coisa importante pela quantidade de mulheres que estão aqui presentes, que é o compromisso do meu governo com o combate à violência que recai sobre a mulher só pelo fato de ela ser mulher. E aí eu queria destacar duas coisas. Queria destacar, primeiro, as legislações. A Lei Maria da Penha, que transformou em crime a violência contra a mulher. E, segundo, a Lei do Feminicídio, que torna o crime mais pesado se for assassinato de mulheres pelo fato de ser mulher.

E a segunda coisa que eu quero destacar é a Casa da Mulher Brasileira, que eu espero voltar aqui para inaugurar. Deu ordem de serviço ontem, mas eu estou querendo voltar aqui para inaugurar a Casa da Mulher Brasileira. Aí, a Casa da Mulher Brasileira é que nem o

Dialoga Brasil. Na verdade, é a Casa da Mulher cearense.

E aí eu quero... Você podia me dar... Eu quero falar de outras coisas que vocês mandaram para mim. Eu quero falar para o pessoal que é deficiente. É o compromisso do meu governo com o Viver sem Limites, com a questão da acessibilidade, com a linguagem Libras. E aí, vou pegar uma das cartas, do Celso Farias Ferreira. Celso, eu agradeço que você faça o monitoramento e nos auxilie no programa Viver sem Limites. É um programa que compõe o que nós consideramos ser o cerne dos nossos compromissos éticos. Primeiro, combatendo o preconceito racial e toda a desigualdade racial no nosso país, depois a violência e toda a discriminação de gênero. E, agora, assegurando o compromisso que nós temos com a questão de reconhecer que todas as pessoas têm o direito de viver sem limites. E que isso é ainda mais bonito nas pessoas com deficiência.

Eu quero dizer para vocês que ontem eu recebi os atletas olímpicos e paralímpicos. Os atletas paralímpicos, eles conquistaram 253 medalhas no Brasil e ganharam o primeiro lugar na parolimpíada do Pan-Americano [Parapan-Americano Toronto 2015]. Por isso, também acho que esse é um componente essencial do governo. Nós não tocamos nele aqui, nenhum dos três compromissos, mas eu considero que esse é o cerne do compromisso com uma das questões mais importantes, que é isso que o nosso ministro da Educação chamou "o combate ao ódio". É a base da atitude ética do meu governo. É esta a relação fundamental contra o preconceito e a intolerância... Ah, não, não não. É uma coisa linda que me mandaram, lindíssima. Temos que achar aqui, está no meio... bom, é papel demais... "Nordestino, nordestinado". Achei. Ô gente, eu corri atrás e fiquei procurando porque eu acho, de fato, essa poesia linda. "É Nordestino, sim. Nordestinado, não", que é do nosso querido Patativa do Assaré. Que é justamente essa frase: "Nordestino, sim. Nordestinados, não". Por que isso? E aí eu quero dizer que é um outro compromisso ético fundamental do meu governo, que é com a percepção que o Brasil é feito nas suas regiões, nos seus estados. Não existe um Brasil que não esteja em algum estado da Federação ou em alguma cidade. Daí a importância que eu acho que, desde o governo do presidente Lula, assumiu, para nós, a questão da igualdade regional. Nós não queremos uma região igual à outra, mas nós queremos as regiões do Brasil com a mesma oportunidade.

E o que acontece e o que aconteceu na história deste país? Aconteceu que o Nordeste brasileiro concentra 25% da população deste país. Concentra toda uma história e uma cultura. Concentra uma riqueza humana extremamente forte, além de ser aqui o início de um chamado "Brasil moderno". Mas não concentra a riqueza para as pessoas; não concentrava as oportunidades para as pessoas.

O Dialoga Ceará tem que começar com um ponto, tem que começar com a afirmação que o meu governo tem um compromisso fundamental com os nordestinos, os cearenses e toda essa população imensa que mora, que vive, trabalha, estuda e cria, aqui nessa parte do nosso país. E quero dizer para vocês que por isso é que nós olhamos com especial atenção e, muitas vezes, implicaram conosco por causa disso, disseram que nos éramos, olhavam para nós com preconceito e falavam: "Ah, você só tem voto no Nordeste". Eu quero dizer para vocês que eu muito me orgulho e agradeço extremamente ter recebido os votos nordestinos. E digo isso porque é o reconhecimento de um enorme esforço feito, primeiro para um retirante nordestino que saiu daqui e foi para São Paulo. E para olhar o Nordeste, para o Nordeste ser visto, ele se tornou presidente da República. Foi por ele que nós começamos a olhar o Nordeste. Depois, eu quero dizer para vocês que esta questão não é uma questão trivial no Brasil. Aqui, no Nordeste brasileiro, tem uma quantidade imensa, tem uma riqueza imensa que é fundamental para o nosso país crescer e virar uma Nação desenvolvida.

Quero também dizer para vocês que tem uma outra questão que é parte integrante do compromisso ético do meu governo, que é com a igualdade social. Eu chamei de igualdade social e vou explicar em que sentido eu estou usando a palavra igualdade: as pessoas são todas diferentes; uma é diferente da outra. Todas elas. E é isso que é fantástico em nós, você não vê uma pessoa igual à outra. Mas as oportunidades têm que ser as mesmas. O ministro começou falando de creche. Creche, no passado, a gente que olhava a questão da mulher, dizia: "Olha, creche é porque as mulheres têm que trabalhar e têm que deixar seus filhos

protegidos em um determinado local". Continua sendo importante por isso, mas a creche, a importância da creche não é essa; da creche e de toda a educação infantil. A importância é porque ataca a raiz da desigualdade, porque é ali que começa a desigualdade no nosso país. É ali que o Estado brasileiro pode fazer a diferença. Quando conseguir dar oportunidades iguais. Não interessa o sobrenome, a origem social, a cor da pele ou o gênero. Todos os brasileiros e as brasileiras têm direito às mesmas oportunidades. Eu dou esse exemplo porque ele é facilmente perceptível. Porque uma criança é uma criança em qualquer lugar. Agora, está provado que há estímulos que têm que ser dado às crianças porque isso favorece o desenvolvimento das crianças.

Então, essa questão da igualdade de oportunidades não é uma questão trivial. Porque vocês pensem o seguinte: como é que a filha do pedreiro conseguiu ser doutora? Ora, pelo esforço dela, ela se esforçou, foi lá, estudou, batalhou. A mãe e o pai devem ter dado um estímulo, ter falado para ela: "Vai, minha filha, estuda". Acontece que, muitas vezes e em muitos momentos, a filha do pedreiro não virou doutora, ou o filho do pedreiro não virou doutor, porque ele não tinha oportunidades iguais.

Um governo tem que passar o tempo todo pensando em como resolver isso, como assegurar que aquelas pessoas que nunca tiveram acesso, passem a ter. É essa a questão que o Dialoga Ceará hoje colocou aqui, com o ministro da Educação. O ProUni é para isso. O ProUni foi feito para dar oportunidades iguais, para mais brasileiros terem acesso à universidade. O Fies foi feito para isso, o Enem foi feito para isso. Todas as coisas que nós fizemos, em políticas sociais, foi para dar oportunidades iguais.

Quanto a gente faz o Minha Casa Minha Vida, o que nós queremos é que as famílias que vivem em situação precária... Hoje tinha uma família com oito pessoas, que vivia na rua e teve acesso a uma moradia, a uma casa, a um lar. O que vai acontecer? Essas crianças vão ter proteção, porque proteção começa tendo um teto. Isso é da história da nossa espécie, nós sempre procuramos nos abrigar.

E aí eu quero dizer para vocês que, por isso também, nós resolvermos fazer o Mais Médicos. O Mais Médicos é impossível, primeiro porque a gente não acha legal a gente ter 1,8 médicos por mil habitantes e ter gente com dois ou três. A gente fica com um certo incômodo, porque aqui, na vizinhança da América Latina, os outros países têm de dois a três médicos por habitante, e nós temos 1,8. Agora, mas não é só por isso não, nem sobretudo por isso, é porque o pessoal mais rico, o pessoal de classe média, vai no médico e o médico tem que atender, olhar direitinho, querer saber o que o que é a história da doença ou da saúde dele, ele quer atenção. E isso também vale para a nossa população.

E eu agradeço, sim, porque falam, mas eu agradeço, sim, a parceria feita com o governo cubano, e com a OPAS. Eu agradeço porque eles nos ajudaram a superar esse problema: enquanto a gente não tem médico formado, como é que a gente atendia a população? Eles nos ajudaram, eles deram um exemplo de humanidade com os nossos doentes. Nós temos que ter, em relação a eles, extrema gratidão. Agora, ao mesmo tempo, nós temos que providenciar médicos brasileiros, porque não é possível que um país com 203 milhões de habitantes tenha menos condições de formar médico do que um país bem menor que nós, que é uma ilha. Afinal de contas, é importante, também, interiorizar a formação, porque isso é a mesma coisa que eu falei antes: igualdade de oportunidades, porque quem mora no interior tem direito de fazer um curso de medicina como quem mora na capital. E, de preferência, um curso muito bom.

Então o Dialoga é um exercício que nós fazemos, de dialogar e escutar. Escutar por quê? Porque, na grande maioria das vezes, tudo que nós fizemos, nós fizemos não porque nasceu na cabeça da gente, mas porque a gente escutou o que as pessoas diziam que tinha de ser feito.

Aí, quando eu entrei aqui, teve uma moça que é ali ouvidora da OAB, que disse para mim uma frase: que a arte de construir um mundo melhor é ouvir e agir. Eu diria para vocês, ela tem toda razão. Ouvir, debater, entender o outro e agir.

Então, eu fico muito feliz de estar aqui. Por quê? Porque eu tenho um parceiro do diálogo aqui. O parceiro meu do diálogo, em termos de governo, é o governador Camilo Santana. E os nossos parceiros do diálogo são vocês. Então, nós viemos aqui fazer isso: escutar, debater e agir. Espero que esse nosso princípio fundamental que é o princípio do respeito, o princípio de não aceitar a discriminação e de querer que as pessoas tenham oportunidades iguais seja o princípio que move a cada um de nós. Nós, no governo, vocês nas áreas de atividade de vocês. Respeito, igualdade de oportunidades e, finalmente, muita esperança no coração.

Quero dizer para vocês: nós vamos voltar a crescer gerando emprego, renda, reduzindo a inflação e, sobretudo, nós não vamos deixar que tudo que nós conquistamos, que os programas que, com tanta força nós construímos, tenham qualquer retrocesso.

Um grande abraço e muito obrigada.

Ouça a íntegra (26min26s) do [discurso](http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-evento-dialoga-ceara-fortaleza-ce-26min26s) (<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-evento-dialoga-ceara-fortaleza-ce-26min26s>) da Presidenta Dilma Rousseff

# 28-08-2015 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, na abertura da reunião com empresários - Fortaleza/CE

Fortaleza-CE, 28 de agosto de 2015

Eu vou, primeiro, cumprimentar aqui a todos os presentes, os empresários e também as empresárias que nos honram com a sua presença nessa reunião.

Nós vamos dar início a essa reunião empresarial assinando uma ordem de serviço para mais uma etapa da Ferrovia Transnordestina. Era isso que o senhor Ciro Gomes tinha que ter falado e não falou, então, eu falo. A construção de 51 quilômetros entre os municípios de Acopiara e Piquet Carneiro, aqui no Ceará. Nós consideramos que tem algumas obras no Brasil que, no caso do Nordeste, são estruturantes: uma é a interligação do São Francisco e a segunda é a Ferrovia Transnordestina. No caso da Ferrovia Transnordestina, nós estamos fazendo um imenso esforço para que essa obra fique concluída nesse trecho que é muito importante entre Eliseu Martins, Salgueiro e Fortaleza-Pecém.

Eu acredito que essa obra, depois, ao ficar pronta também no trecho que é Salgueiro-Suape, passando por várias cidades, ela vai ter uma característica excepcional. Primeiro, porque, na verdade, ela abre fronteiras. E essas fronteiras são tanto fronteiras de grãos, de proteínas, de minérios, enfim, de todos os produtos que têm um componente importante, não só para o mercado interno, mas também para o mercado externo. Nós queremos com isso reduzir os custos de transportes, vocês sabem que ferrovia é um modal tipicamente destinado para o transporte de grãos e minérios pela quantidade e pelo volume. E tem um efeito não só de se tornar um referencial de preços para os demais modais, como também para permitir que nós tenhamos uma manutenção mais barata das rodovias brasileiras.

O Brasil, lá atrás, devido ao fato que nós começamos a produzir automóveis em um determinado período da nossa história, nos anos 50, optou pela rodovia, por razões óbvias. Esta opção não é a melhor opção para um país continental com as riquezas que o Brasil tem. Daí porque hoje nós nos esforçamos bastante, tanto através dos PACs, dos dois PACs, quanto agora, depois, através dos planos de concessão, para investir em ferrovias.

A Transnordestina, ela integra uma forma de ligação logística no Brasil que é transversal, não é? Ela integra o que a gente poderia chamar da coluna de... da coluna, não, da espinha de peixe. A espinha de peixe, sendo a Norte-Sul a coluna central e a espinha de peixe é aquilo que, de fato, vai interiorizar a estrutura ferroviária brasileira.

Então, eu quero dizer que para mim é muito bom iniciar essa reunião empresarial falando dessa ordem de serviço pela qual nós ampliamos em mais quilômetros os trechos que nós estamos fazendo da Transnordestina. Nós esperamos, no horizonte até 2018, que a gente conclua uma parte usável comercialmente.

No segundo caso, que é o caso da Integração do São Francisco, é muito importante os senhores saberem que, na semana passada, nós inauguramos a primeira unidade de bombeamento. Uma unidade de bombeamento no São Francisco, ela eleva, a primeira elevou a água do nível do rio a 35 metros. Isso é um custo significativo, porque você faz isso com bombeamento baseado em energia elétrica. Agora, mudará, mudará a feição de uma região muito grande, sei que aqui temos os produtores de frutas que sabem o valor que nós teremos quando você puder irrigar.

Então acredito que também a perenização de mil quilômetros de rio, que é o fruto dessa obra, junto com as demais obras de segurança hídrica que se faz no Nordeste, aqui no Ceará vocês são um exemplo significativo, porque eu acredito que tanto o Eixão das Águas quanto

o Cinturão das Águas... O Eixão já concluído, mas o Cinturão, quando for concluído, garantirá um padrão de acesso e de abastecimento de água que São Paulo não tem. Hoje, se você for olhar uma das capitais, Belo Horizonte, com problemas; o Rio, com menos problema, mas com problema; São Paulo, com problema. Então, as grandes capitais do Brasil, hoje, elas têm problemas de abastecimento.

Então, eu quero saudar aqui os governos que permitiram isso, os governos estaduais, porque tem muito do governo estadual na definição de obras dessa envergadura. Obras dessa envergadura, elas não ocorrem em um governo só, ocorrem em vários governos. Então saúdo o ex-governador Ciro Gomes, o ex-governador Cid Gomes, o governador Camilo e os outros governadores que participaram desse projeto, que deram essa consistência.

Bom, encerrando, eu queria dizer o seguinte: a ideia nossa - e aí eu queria cumprimentar, ao abrir a segunda parte, o presidente da Federação das Indústrias do Ceará, o Beto Studart; queria cumprimentar o presidente da Associação Brasileira dos Produtores Exportadores de Frutas e Derivados, o Luiz Roberto Barcelos, cumprimentar o senhor Flávio Saboya, presidente da Federação da Agricultura do Ceará; e o diretor-presidente da Transnordestina Logística S/A, Ciro Gomes. Queira também cumprimentar, aqui, todos os presentes. Eu, aliás, tinha que ter começado cumprimentando o governador Camilo, mas o motivo pelo qual eu não o cumprimentei, é porque eu estou com ele há mais de três horas. E daí, então ficaria muito estranho que eu o cumprimentasse. E, também, através de link com o prefeito, nosso querido e simpático prefeito.

Então, gostaria então de me referir aqui a Nelson Barbosa, ministro do Planejamento; Armando Monteiro, ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio; ministra Kátia Abreu, da Agricultura. E saudar o nosso querido Antônio Carlos Rodrigues, que é o responsável, hoje, pela realização da Transnordestina.

Ouça a íntegra(08min06s) do discurso (<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-reuniao-com-empresarios-fortaleza-ce-26min26s>) da Presidenta Dilma Rousseff